

Avante!

Órgão Central do Partido Comunista Português

Semanário • ISSN 0870-1865 • 18 de Agosto de 1994 • Preço: 150\$00 (IVA incluído) • N.º 1079 • Director: Carlos Brito

A ILUSÃO DA RETOMA

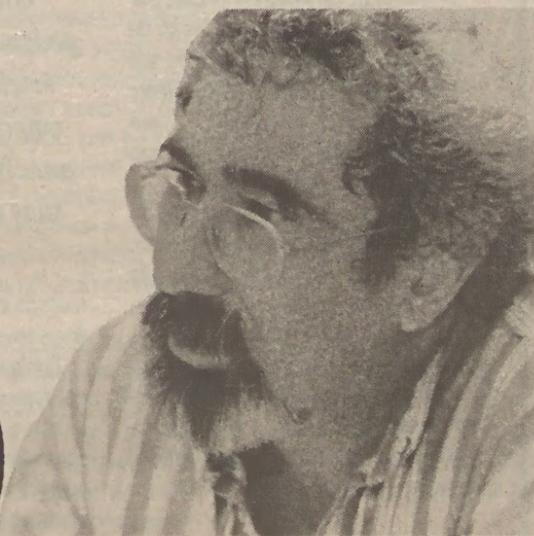
- As medidas necessárias

Nota da Comissão Política

Pág. 20

Regresso ao futuro

com Cláudio Torres



Em entrevista
por Anabela Fino Centrais

Emigração e internacionalismo

• Zillah Branco

Pág. 8

O Senhor Embaixador

• Correia da Fonseca

Pág. 19

O caos na Casa Branca

• Miguel Urbano Rodrigues

Pág. 7

Bloqueio a Cuba

• Nota do Secretariado do PCP

Pág. 6

Só festa! / AMORA-SEIXAL 2, 3 e 4 SETEMBRO

faltam 15 dias

Os Espectáculos e os Artistas da Festa

Sexta-feira a abrir o Palco 25 de Abril



Um grande espectáculo de Carlos do Carmo

e a música de Cuba dos Guajira Habanera

festa **Avante!**

23-24 SETEMBRO

ATALAJA AMORA SEIXAL

JOHNNY CLEGG
HOLMES BROTHERS
BAND of HOPE
Ritual Tejo
CARLOS do CARMO
Alta dos Namorados
Jorge Palma e Flak
GU AJIRA HABANERA
Maria Alice
Meninos d'Avó
Sétima Legião
Grupo de Gaiteros de Lisboa
Luísa Basto
Geová Nascimento
Peste & Sida
Carlos Martins
João C. Bom
UHF
Sexteto de Tomás Pimentel
MISTA - 4 músicas inéditas

Sábado
Africa do Sul
Johnny Clegg & Savuka

Domingo
O Gospel e os Rhythm'n'Blues dos Holmes Brothers

Ultimas!!!

O «ciclista» de Boliqueime

O discurso de Cavaco Silva, do passado sábado, se não trouxe nada de novo para uma justa avaliação da situação do país e das perspectivas para ultrapassar a crise em que este continua mergulhado, reveste

alguma importância para se perceber melhor a evolução do pensamento reaccionário e da conduta autoritária do Primeiro-Ministro.

Em relação ao primeiro aspecto, o discurso foi de uma completa pobreza franciscana, a denotar, não apenas o desgaste do estilo de uma oratória que nunca foi brilhante, mas sobretudo a magreza das ideias de um projecto esgotado.

Nem a ênfase optimista com que apresentou os sintomas de retoma revestiu credibilidade ou deu qualquer frescura ao discurso de Cavaco. Catroga tinha-o feito antes e melhor. Nem as promessas dos «cem mil» postos de trabalho e da auto-estrada para o Algarve comportam qualquer novidade, pois, como já foi notado, além de não serem novas, foram lembradas recentemente por outras entidades.

É plenamente justificada, neste sentido, a decepção da comunicação social, que promoveu em torno do discurso uma artificial expectativa, tanto por força da pressão da propaganda do PSD, como por falta de assunto, neste período de férias.

A novidade do discurso reside, por isso, quanto a nós, na acentuação da concepção pessoal do poder e do seu exercício que domina crescentemente o pensamento e a conduta de Cavaco Silva, no sistemático avanço para um regime de cariz autoritário.

As imagens por ele escolhidas são aliás muito sintomáticas a este respeito: o ano passado, o homem do leme; este ano o ciclista que tem que «pedalar, pedalar» para não descolar do pelotão.

Glosando a imagem, podemos mesmo dizer que o «ciclista» de Boliqueime empreendeu, nesta etapa, uma fuga para a frente nas suas concepções de poder pessoal.

Foi no último Conselho Nacional do PSD, efectuado nos princípios de Julho, que Cavaco, a par dos costumados ataques aos partidos da oposição e outras «forças de bloqueio», abriu fogo sobre os «barões» do seu próprio partido. Parecia tratar-se, fundamentalmente, de encontrar bodes expiatórios para justificar as derrotas eleitorais e sociais que o PSD tem estado a sofrer. Agora percebe-se que se trata, mais do que isso, de uma nova linha na actuação do Primeiro-Mi-

nistro: abater todos que lhe possam fazer sombra.

No discurso de Faro, Cavaco proclamou: «Nós somos a diferença:», para rematar os ataques à oposição que só sabe «fazer a jogada política e a intriga» e que se identifica com o «país adiado».

Mas aquele «nós» quer dizer «eu», Cavaco, pois logo preveniu e alertou contra os «barões» laranja que «vêm o partido como trampolim para benesses próprias» e que «chegam a invocar o meu próprio nome» (o santo nome de Cavaco, é claro) para atingir os seus objectivos.

Assim, o «ciclista» de Boliqueime pedala cada vez mais isolado ao longo da estrada da sua desmedida ambição de poder, alardeando, como no passado sábado, alarvidades e fanfarronices, querendo convencer que é o único com «visão de futuro» e «capacidade para agir e decidir».

Os portugueses já sofreram e ao longo de quase cinco décadas este filme do «homem providencial».

Ressalvadas as grandes diferenças que existem entre a actual democracia portuguesa e a ditadura salazarista, podemos dizer que, hoje como então, o principal responsável pelo clientelismo, o nepotismo e o caldo de cultura que propicia a corrupção faz de conta que não é nada com ele e pretende lançar

Glosando a imagem, podemos mesmo dizer que o «ciclista» de Boliqueime empreendeu, nesta etapa, uma fuga para a frente nas suas concepções de poder pessoal.

todas as culpas para os outros, incluindo os seus colegas da direcção do PSD.

Também hoje como então, o principal responsável pela política de confronto e repressão, como se viu nos acontecimentos da Ponte 25 de Abril, procura alijar responsabilidades e apresentar-se como o campeão do «diálogo com a sociedade».

Ainda hoje, como então, o discurso que prega o descrédito dos partidos e dos políticos e propaga a náusea pela política visa, como a experiência nacional dolorosamente documenta, não a moralização da actividade institucional, mas, ao contrário, a viabilização de soluções crescentemente autoritárias.

Repare-se que Cavaco, ao falar da revisão da Constituição, privilegiou, precisamente, a proposta do PSD de redução do número de deputados para 180. Sublinhando em tom de desafio:

«Chega para representar a nação portuguesa».

Lembre-se que na revisão constitucional de 1989, o número de deputados já foi reduzido de 250 para 230, por este caminho...

Bom, Salazar confessava que não percebia para que era necessário o parlamento visto que no conselho de ministros já estavam representadas diferentes opiniões. Não tarda que Cavaco chegue à mesma conclusão...

O chamado discurso do Pontal, na sua versão de 1994, é inseparável do projecto de revisão da Constituição que o PSD acaba de apresentar.

Este projecto anuncia-se, logo na «exposição de motivos», como visando «desencadear essa necessária limpeza semântica do texto constitucional» e acrescenta mais à frente que não se trata só da semântica, mas que propõe «alterações de tomo» em relação aos direitos económico-sociais e à organização económica. Propõe-nas também em relação ao sistema político.

É, sem qualquer espécie de dúvida, um projecto de ruptura com o 25 de Abril.

A vigorar um tal projecto, toda a filosofia constitucional seria alterada para pior em domínios tão sensíveis para o bem-estar dos portugueses, como o acesso à saúde, ao ensino e à segurança social; os direitos dos trabalhadores e das suas organizações representativas seriam severamente reduzidos, a começar desde logo pelo direito à greve; a privatização tornar-se-ia dominante em todas as esferas da vida nacional, tudo reduzindo à lógica dos negócios; o estado democrático seria profundamente desfigurado, com a drástica mutilação do sistema de representação proporcional, favorecedora da bipolarização, a quebra do pluralismo nas autarquias e o reforço de um modelo centralista, que se seguiria à eliminação das regiões administrativas do texto constitucional.

É no quadro de um tal projecto político que cresce e se desenvolve a apetência do Primeiro-Ministro pelo poder pessoal.

Nada disto é inteiramente novo. Mas o PS, ao lançar e precipitar um processo da revisão da Constituição «ainda este ano», pensando tomente marcar muitos pontos a seu favor, deu um novo alento e nova oportunidade de iniciativa a todos estes perigosos projectos e ambições cavaquistas.

Os perigos que tantas vezes prevenimos estão agora à vista de todos. É altura de cada um assumir as suas responsabilidades. A democracia portuguesa tem imensas potencialidades para vencer estes perigos. Para isso, são decisivas a unidade e a luta popular.



A Associação de Utentes da Ponte 25 de Abril acusa o Governo de enganar os utentes com publicidade sobre o pagamento da portagem da ponte

RESUMO

10

Quarta-feira

A Associação de Utentes da Ponte 25 de Abril demarca-se de quaisquer «acções espectaculares» ou ilegais que estejam a ser preparadas para Setembro. O PSD apresenta o seu projecto de revisão constitucional. Realiza-se, no Brasil, uma cimeira dos ministros da Saúde da Comunidade de Países de Língua Portuguesa. Yasser Arafat e Yitzhak Rabin encontram-se, em Erez, para discutir a autonomia palestiniana. Várias dezenas de prisioneiros palestinianos são libertados por Israel. As conclusões do chamado congresso zapatista são divulgadas. Apontam para o fim da hegemonia do partido no Poder e para a «fundação» de um novo regime. A Frente Islâmica de Salvação ameaça a França de represálias pela detenção de vários fundamentalistas muçulmanos argelinos. Um avião sul-coreano despenha-se em chamas com 140 pessoas a bordo, sem que tenham ocorrido mortes ou ferimentos graves. É anunciado que a escritora Taslima Nasreen, a "Salman Rushdie do Bangladesh", já está na Suécia.

11

Quinta-feira

Os Verdes acusam o Governo de pôr «em causa a independência nacional» e de não cumprir a sua própria legislação sobre o ambiente. A Associação de Utentes da Ponte 25 de Abril acusa o Governo de enganar os utentes com publicidade sobre a portagem. A CGTP contesta que os aumentos dos trabalhadores das empresas públicas lucrativas ocorram apenas em 95, como o ministro das Finanças defende. A proposta de alteração das carreiras médicas é considerada «inútil» pela classe. Os médicos preparam-se para fazer greve em Outubro. A Associação Portuguesa de Bancos decide abandonar a proposta de aumento salarial dos bancários, de zero por cento, durante uma reunião com os sindicatos. É anunciada a vitória de Nino Vieira nas eleições presidenciais da Guiné-Bissau. Kumba Ialá contesta os resultados. O Pen Club Internacional nomeia Xanana Gusmão seu membro honorário e decide «acompanhar a sua defesa». Realiza-se uma reunião de ligação israelo-palestiniana, no Cairo. A X Conferência Internacional sobre a SIDA termina no Japão.

12

Sexta-feira

Realiza-se uma reunião entre a CGTP e a CIP. Carvalho da Silva considera-a «uma reunião exploratória». A Comissão do Mercado de Valores Imobiliários aceita o pedido do BCP para prorrogar o prazo de registo da OPA que a instituição lançou sobre o BPA. Fidel Castro convida os EUA a aceitar um debate «de fundo» com Havana para acabar com o bloqueio e a «política de incitamento ao crime». O representante alemão na Comissão dos Direitos do Homem das Nações Unidas parte para Timor-Leste para uma visita de dois dias. A Comissão Nacional de Eleições da Guiné-Bissau rejeita as acusações de falsificação dos resultados provisórios das eleições presidenciais, feitas por Kumba Ialá. A Síria propõe a Israel uma paz total, em troca da retirada total dos montes Golã, num período de dois anos. Inicia-se o Festival Woodstock 94, em Saugerties, Nova Iorque.

13

Sábado

Agricultores e reideiros do Vale do Mondego desafiam o ministro da Agri-

cultura a «dar a cara» no diferendo que os opõe à Transgás, a companhia responsável pelo gasoduto. A Fretilin não quer Ximenes Belo a mediar as negociações entre a resistência timorense e a Indonésia, porque, desse modo, a sua acção perderia força. Pequim, Seul e Tóquio mostram-se satisfeitas com o acordo entre os EUA e a Coreia do Norte, que levará Pyongyang a congelar o seu programa nuclear. As atletas Fernanda Ribeiro e Conceição Ferreira ganham, respectivamente, as medalhas de ouro e de prata nos 10 000 metros femininos, no Campeonato Europeu de Atletismo, em Helsínquia.

14

Domingo

A luz eléctrica chega à aldeia de Pielas, no conselho de Vila Pouca de Aguiar. O primeiro-ministro francês confirma a retirada completa dos seus soldados do Ruanda a 22 de Agosto, tal como foi inicialmente combinado com as Nações Unidas. Yitzhak Rabin desmente as notícias da televisão israelita, segundo as quais Saddam Hussein lhe teria manifestado desejo de «fazerem as pazes». Ocorre um ataque a partir da região autónoma de Gaza, da responsabilidade do movimento integralista Hamas, causando um morto israelita e sete feridos. O ministro japonês do Ambiente demite-se devido aos seus comentários em que minimizava a culpa do Japão na II Guerra Mundial, ofendendo outros países asiáticos. Eleições legislativas na Guatemala. Termina a 56.^a Volta a Portugal em Bicicleta. Encerra o Festival de Woodstock.

15

Segunda-feira

Ocorrem violentos confrontos em Seul entre a polícia e estudantes, que organizaram uma manifestação pró-Coreia do Norte, a favor da reunificação da península. A Agência Internacional de Energia Atómica alerta para a perigosidade das substâncias apreendidas nos últimos meses, que podem ser usadas no fabrico de bombas atómicas. Os serviços de segurança palestiniana prendem 40 dirigentes do movimento integralista Hamas, enquanto Yitzhak Rabin ameaça suspender a aplicação do acordo sobre a autonomia palestiniana. O célebre terrorista «Carlos» é preso por autoridades sudanesas e encontra-se na sede parisiense da polícia de contra-espionagem francesa. A polícia de Berlim prende dois jovens neonazis que comemoravam o aniversário do suicídio de Rudolf Hess. Foram acusados de formar um grupo armado. Um grupo ligado à arte contemporânea inicia, na Serra da Arrábida, uma «academia de Verão» para discutir os problemas da sua profissão e para mostrar os resultados do seu próprio trabalho prático.

16

Terça-feira

Segundo notícia a comunicação social, o Presidente da República, Mário Soares, decidiu vetar três diplomas que haviam sido aprovados na AR com os votos exclusivos do PSD: as alterações às Leis de Imprensa e do Sistema de Informação e a Lei do Controlo do Rendimento dos Titulares de Cargos Públicos. Uma delegação de refugiados timorenses entrega na Embaixada do Brasil uma petição exigindo que aquele país levante a questão de Timor-Leste no Conselho de Segurança da ONU. Como passo fundamental para a futura criação de um exército único, as actuais Forças Armadas de Moçambique são formalmente extintas.

Avante!

Proletários de todos os países UNI-VOS!

PROPRIEDADE: Partido Comunista Português
Rua Socio Penina Gomes
— 1699 Lisboa CODEX. Tel. 793 62 72

DIRECÇÃO E REDACÇÃO:
Rua Socio Penina Gomes — 1699 Lisboa CODEX.
Tel. 796 97 25/796 97 22. Telex 18390
Fax: 795 22 64

ADMINISTRAÇÃO:
Editorial «Avante!», SA — Av. Almirante Reis — 90,
7.^a A, 1100 Lisboa.
Capital social: 15 000 000\$00. CRC matriculada: 47058.
NIF — 500 090 440

DISTRIBUIÇÃO:
DISTRIBUIÇÃO ADE's
Editorial «Avante!», SA — Av. Almirante Reis, 90, 7.^a A,
— 1100 Lisboa
Tel. (01) 815 34 87/815 35 11
Fax: 815 34 95

Alterações de remessa:
Até às 17 horas de cada sexta-feira.
Tel. (01) 815 34 87/815 35 11

DISTRIBUIÇÃO COMERCIAL

DELTA PRESS

Delegação Lisboa:
Tapada Nova
Cipa Rota — Lhmb — 2710 Sintra
Telef. (01) 924 04 47

Delegação Norte:
Zona Industrial da Maia
Sector IX
Rua B Lt. 227 — 4470 Maia
Telef. (02) 941 76 70

ASSINATURAS: Av. Almirante Reis, 90, 7.^a A, 1100 Lisboa
— Telef. (01) 815 34 87/815 35 11 — Fax: 815 34 95

PUBLICIDADE: Av. Almirante Reis, 90, 7.^a A, 1100 Lisboa
— Telef. (01) 815 34 87/815 35 11 — Fax: 815 34 95

Composição e Impressão
Heska Portuguesa, SA
R. Elias Garcia, 27
Venda Nova — 2700 Amadora
Depósito legal nº 205/85

TABELA DE ASSINATURAS*

PORTUGAL (Continente e Regiões Autónomas)

50 números: 6 750\$00,
25 números: 3 487\$50

ESPAÑA
50 números: 13 300\$00

EUROPA
50 números: 24 750\$00

GUINÉ-BISSAU, S. TOMÉ E PRÍNCIPE E MACAU
50 números: 26 650\$00

EXTRA-EUROPA
50 números: 39 950\$00

* IVA e portes incluídos

Nome _____ Telef. _____

Morada _____

Código Postal _____

Enviar para Editorial «Avante!» acompanhado de cheque ou vale de correio.

PS no país das negociatas

As bizarras e inquietantes tiradas oratórias do ciclista de Boliqueime, a que noutra parte nos referimos, não podem fazer passar em silêncio outras não menos inquietantes e bizarras declarações produzidas na semana passada.

Referimo-nos à conferência de imprensa do PS sobre o próximo Orçamento de Estado, tanto pelo apoio manifestado pelos socialistas ao BCP, no diferendo sobre o BPA, como ao seu implícito reconhecimento do carácter positivo da actuação do ministro das Finanças, Eduardo Catroga.

O porta-voz económico, Daniel Bessa, parece ter a missão de revelar as opiniões mais íntimas e escabrosas do estado-maior cor-de-rosa.

Mas é todo este PS que não pára de nos surpreender da maneira mais negativa.

Lembre-se, a propósito, o seu suspeito e grave comportamento em relação à revisão da Constituição.

Ainda em princípios de Abril, a direcção do PS considerava «irresponsável» qualquer ideia de revisão antes das legislativas de 95 e até das presidenciais de 96.

Entretanto, Guterres, numa súbita reviravolta, aproveitou a sessão comemorativa do

20º aniversário do 25 de Abril para lançar a ideia de que «a revisão ainda este ano» é fundamental para o regime, e o PS tornou-se efectivamente o responsável pela abertura de um processo de revisão da Constituição com todos os perigos que estão à vista.

Agora, enquanto o Presidente do PS, Almeida Santos, reconhece que «seria um acto patriótico» deixar a revisão para depois das legislativas, o principal porta-voz, António Vitorino, continua a defender, que a revisão é possível em três meses, pois o que importa «é mudar a lei eleitoral». Guloso!

Não é por acaso que um outro destacado dirigente socialista, Jorge Coelho, sentiu necessidade de declarar: «O PS tem de ter mais credibilidade...» Mas não será por este caminho!

Até hoje, o PS ainda não teve uma palavra de reprovação para a monstruosa proposta da CIP na chamada concertação social, nem para os propósitos do Governo nesta matéria, visando um novo e severo ataque aos direitos e interesses dos trabalhadores.

Ao menos no domínio da concertação social, o PS parece obedecer às ordens de Cavaco para que não haja qualquer inter-

ferência da parte dos partidos políticos.

Podemos mesmo dizer que se trata de uma obediência desejada, pois a nova direcção do PS sempre se coíbiu de tomar partido nos grandes conflitos sociais que opõem os trabalhadores e os sindicatos, de um lado, ao grande capital e ao Governo, do outro.

Mas este mesmo PS, apressou-se agora a tomar partido no conflito que opõe dois grandes grupos financeiros na gigantesca negociata do domínio privado do maior banco comercial do país - o Banco Português do Atlântico.

Muitos comentadores já estranharam que o PS se mostre nesta operação «ainda mais liberal» que o PSD e que queira aparentar «desconhecer» os interesses estrangeiros que estão em jogo. Todos são unânimes em reconhecer que a posição assumida pelos porta-vozes económicos traduz uma discussão ao mais alto nível.

E não será uma curiosa coincidência que a posição do PS favoreça precisamente os interesses habitualmente conotados com a Opus Dei? Quem deslinda este milagre?

■ Carlos Brito

Um voto novo na CDU

O director do «Expresso» (JAS) confessa-se defensor «das vantagens» da «saída do PSD do Governo após as próximas eleições». As referidas «vantagens» decorreriam, não da necessidade de mudar de política, mas essencialmente da necessidade de mudar os rostos do governo. «A questão essencial prende-se com as referências perdidas pelo eleitorado». Ou seja: os jovens «nunca conheceram outro primeiro-ministro para além de Cavaco Silva» e «os mais velhos não se lembram já do modo como funcionava o país antes da chegada de Cavaco Silva» ao poder.

Aqui chegado, JAS interroga-se sobre se «haverá alternativa a Cavaco e ao PSD», se «Guterres terá condições para ser o futuro primeiro-ministro». Concluindo, desta vez com notável lucidez, que «o PS nunca conseguirá a maioria absoluta», JAS intima Guterres a pôr termo «às respostas dúbias» sobre esta matéria e a responder clara e inequivocamente se sim ou não está a pensar entender-se com o PCP, sem o apoio do qual não conseguirá governar.

E remata categoricamente afirmando que, se assim não for, o eleito terá razões para pensar que estão em curso entre o PS e o PCP «acordos secretos e cumplicidades sinistras» (onde é que eu já ouvi isto?).

A reflexão de JAS permite várias observações. Dada a limitação de espaço, limitar-me-ei a chamar a atenção para uma delas: é que JAS fala da questão da alternativa e da necessidade, para a concretizar, de um entendimento entre o PCP e o PS, como se se tratasse de uma questão que diz respeito única e exclusivamente a Guterres (e ao PS), reservando ao PCP o papel de espectador paciente e passivo, depen-

dente da decisão dos socialistas, pedindo-lhes «batatinhas» e disponível para lhes servir de mula.

Lembro a JAS que não é nada disto que se passa. O PCP considera que: (1) é imperioso e urgente substituir o Governo PSD e mudar de política; (2) nenhum partido democrático, sozinho, está em condições de concretizar esse objectivo, sendo por isso necessário que os partidos democráticos (nomeadamente o PCP e o PS) se entendam, juntando esforços e forças; (3) esse entendimento só será concretizável se for suportado pela vontade comum de levar à prática uma política democrática, ao serviço dos interesses dos trabalhadores, do povo e do país, isto é, uma política de sentido oposto à que o governo PSD tem vindo a praticar; e (4) este objectivo será tanto mais fácil e rapidamente concretizado quanto mais forte for a expressão eleitoral do PCP. Pelo que nas próximas legislativas o voto na CDU é o voto decisivo para concretizar a «saída do PSD do Governo» (objectivo expresso de JAS) e para mudar de política.

Se o director do Expresso prosseguir o seu actual processo de reflexão (e se tiver em conta os modestos esclarecimentos que aqui lhe deixo), ficará em condições de vir a utilizar o seu próprio voto de forma a alcançar o objectivo que defende. Assim sendo, é certo e sabido que, nas próximas legislativas, o director do Expresso votará CDU. Cá ficamos à espera desse voto. E dos seus reflexos na próxima sondagem do Expresso.

■ José Casanova

A «operação de limpeza»

Alinham-se algumas qualificações fortes, justas e certas para o carácter profundamente reaccionário do projecto de revisão da Constituição apresentado pelo PSD e a estranha sensação com que se fica é que, ainda assim, se está a ser benévolo.

Enquanto não se encontra a fórmula mais trucidante e arrasadora, diga-se então que, no mínimo, este projecto do PSD é seguramente uma das mais claras e despidoras confissões sobre a guerra aberta que este partido trava há vinte anos contra o património de realizações, conquistas e valores do 25 de Abril. É certamente um dos mais elucidativos resumos dos seus ódios e ressentimentos com a revolução democrática e com as marcas que deixou na vida nacional e no imaginário colectivo. É seguramente um dos mais arrogantes testemunhos da sua ambição de consti-

tucionalizar retroactivamente toda uma orientação e acção governativas persistentemente desrespeitadoras dos princípios e objectivos consagrados na Lei Fundamental. É certamente um dos mais cristalinos avisos sobre a vontade do PSD de converter a Constituição num instrumento de superior protecção e benção de todo um projecto de desfiguração da democracia política, de drástica restrição e esvaziamento dos direitos sociais, de mutilação dos direitos dos trabalhadores e das suas organizações, de supremacia absoluta dos interesses e concepções ideológicas do grande capital.

É o próprio PSD que, na «Exposição de Motivos» do seu projecto, proclama abertamente que uma boa parte das suas propostas visa proceder a uma «operação de limpeza» da Constituição a pretexto de a

purificar da «considerável ganga de fórmulas já completamente obsoletas e desacreditadas por todo o lado», de pôr de lado «as taras e servidões» e de «alijar» o «calão marxista» que marcariam a Constituição.

Sem dúvida que a maior perigosidade imediata do projecto do PSD está, entre muitas outras, nas modificações do sistema eleitoral (chegando ao ponto de, nas eleições para as Câmaras Municipais, dar administrativamente ao partido vencedor a maioria absoluta dos vereadores); na avassaladora desresponsabilização do Estado nos domínios da saúde, do ensino e da segurança social; na retirada aos trabalhadores, entre muitos outros direitos, da exclusiva competência para definir o âmbito dos interesses a defender através da greve; da substituição das Comissões de Trabalhadores por «conselhos de concertação

de empresa» esvaziados de importantes poderes agora constitucionalmente atribuídos às CT's; da retirada dos limites materiais de revisão das referências aos direitos dos trabalhadores, das Comissões de trabalhadores e das associações sindicais, e ao sistema de representação proporcional.

Mas uma viagem minimamente atenta ao projecto do PSD revelará ainda, além disso, uma lista impressionante de dezenas e de dezenas de implacáveis supressões de conceitos, valores, ideias, objectivos e conquistas progressistas que ilustram um rancoroso ajuste de contas da direita e do grande capital com os grandes avanços humanistas alcançados pelos trabalhadores e pelos povos ao longo deste século.

■ Vítor Dias

ENCRUZILHADA

Argelina

As notícias que vão chegando da Argélia inquietam. Questionam todo um conjunto de problemas e valores dos mais profundos, como sejam a religião, o poder, a vida e a morte. Haverá alguém que se não sinta chocado com as declarações dos dirigentes religiosos fundamentalistas contra Hassiba Boulmerka, campeã olímpica dos 1500 metros em Tóquio, por ter ousado... "correr com as pernas e braços nus diante de milhões de espectadores e assim ter desonrado a mulher muçulmana" Haverá alguém que se não sinta atingido com as declarações dos dirigentes do GIA (Grupo Islâmico Armado) de assassinar professores ou alunos que reabram as universidades ou liceus em Setembro?

Podíamos estender o rol de declarações dos fundamentalistas contra o progresso, as mulheres, a democracia e o socialismo. Não chegavam as páginas deste jornal. Mas existem muitas outras perguntas e uma delas, a pergunta das perguntas: Como é possível tudo isto agora, na Argélia, no país de tanto sangue vertido pela independência nacional (mais de um milhão de mortos) contra o colonialismo francês? Não temos as respostas, nem este é o local. Parece-nos, no entanto, que à luz das experiências no Irão, Sudão e noutros países, as forças do fundamentalismo islâmico souberam tirar partido dos erros gravíssimos dos dirigentes políticos no poder, servindo-se de justas reivindicações populares e incorporando-as numa visão integrista do Corão.

Face à fome, ao desemprego, à corrupção, ao endividamento ao Ocidente, à falta gritante de habitação, e à falta de valores tantas vezes invocados pelo poder, que restava aos argelinos? A palavra do profeta usada pela FSI contra os governantes prometendo-lhe a moralidade, o igualitarismo corânico, etc. A FSI fê-lo para se alancorar ao poder. Serviu-se de Deus para entrar no negócio da política. Tal como no Afeganistão os "mouhadjins" de Deus, os fundamentalistas argelinos tiveram o apoio do Ocidente (EUA, França, Grã-Bretanha, Israel, A. Saudita, Irão e outros).

À CIA, ao Ocidente, interessava enfraquecer a influência soviética e as forças de libertação nacional. E, por isso, apoiaram todas as forças integristas, desde o HAMAS à FSI.

O que fez crescer o integralismo foi a crise. O que os pode fazer perder influência é a resolução da crise no plano social e no plano político. Sem empregos, sem democracia, sem habitação, o poder pode reprimir, mas a influência dos fundamentalistas vai continuar.

O mundo árabe e progressista precisam da Argélia popular, da Argélia que orgulhou os povos ao derrotar o colonialismo francês. Essa Argélia não se constrói sem o povo e sem a democracia participativa e participada.

Os que usurparam à religião muçulmana a tolerância e a substituíram pelo fanatismo acabarão por ser vítimas das suas próprias acções.

Para retirar as massas árabes e islâmicas da influência dos fundamentalistas, as armas são o desenvolvimento económico, a vida democrática e a participação. Aliás, como em todo o mundo.

DL

Verdes criticam discurso do Pontal «A indiferença do PSD»

Para «Os Verdes» ficou claro que o discurso de Cavaco Silva, no Pontal, foi o discurso da indiferença, da mistificação e das promessas.

Num comunicado à imprensa, os ecologistas manifestam a sua posição contrária ao primeiro-ministro e ao Governo que se mostram indiferentes face às más condições de vida dos portugueses, que se irão agravar com a «flexibilidade, competitividade e produção mais barata» anunciadas por Cavaco Silva, que para os cidadãos se irá traduzir por «desemprego, precarização do mercado de trabalho, salários baixos e ataque aos direitos sociais».

Os Verdes acusam Cavaco Silva de ser indiferente aos

protestos das populações, dos autarcas e dos estudantes, «transformando-os em «complots» anti-governamentais» numa atitude de «prepotência e arrogância doentias» e de uma «profunda falta de respeito perante o sofrimento alheio e o legítimo direito de contestação».

Este discurso, segundo os ecologistas, pretendeu ainda mistificar o estado debilitado da economia nacional, fechando os olhos ao aparelho produtivo nacional e apontando «como único salva-vidas para este a

baixa de salários e a redução dos direitos sociais».

Para «Os Verdes», este foi também o discurso das promessas: mais educação, mais saúde, mais ambiente, mais oportunidades de emprego para os jovens, mais desenvolvimento e mais equilíbrio entre as regiões, ou seja, o habitual rol de promessas do Governo na reentrada de um novo ano político-eleitoral.

Balanço negro

Entretanto, na passada semana, o Partido Ecologista

«Os Verdes» promoveu uma conferência de imprensa para fazer o balanço da política do Governo nos domínios do ambiente e da conservação da Natureza.

Os ecologistas acusam o executivo de Cavaco Silva de «ignorar as determinações constitucionais, esbanjar os recursos naturais e promover o descrédito nas populações sobre a importância e os benefícios da defesa do ambiente e conservação da natureza», insistindo «numa política que desperdiça as riquezas naturais do nosso país, o que progressivamente hipoteca o nosso futuro e põe em risco a independência nacional»

Açores

Governo esquece pescadores

Nos últimos dias, na Ilha de S. Miguel, realizaram-se plenários de pescadores promovidos pelo respectivo sindicato, com o objectivo de analisar vários problemas que afectam a classe e preparar a manifestação que se realizou ontem, em Ponta Delgada.

Numa nota à imprensa, o Secretariado do PCP/Açores, manifesta o seu total apoio às reivindicações dos pescadores de S. Miguel e salienta que as precárias condições dos portos de

pesca artesanal de S. Miguel transformam este tipo de pesca numa actividade de baixos rendimentos e de natureza incerta. Mais à frente, acusa o Governo Regional de manter os pescadores «numa situação de total dependência geradora de gravíssimos fenómenos de fome, carencia habitacional e exclusão social».

O Secretariado chama também a atenção para o facto de ainda não terem sido concretizadas as promessas do Governo Regional, nomeadamente um subsídio de compensação pela má safra do último Inverno e a instituição de uma garantia salarial para o futuro.

O PCP comenta Práticas ilegítimas na Amadora

«As notícias divulgadas, com origem em afirmações e declarações atribuídas a um ex-vereador do PS, sobre eventuais recebimentos de benefícios materiais em proveito do PS e PSD ou de alguns dos seus eleitos a troco de favores e facilidades concedidas por vereadores desses partidos a empresários do conselho da

Amadora, no mandato de 1990-93, assumem enorme gravidade e suscitam legítimas preocupações na população do concelho», declarou a Comissão Concelhia da Amadora do Partido Comunista Português, numa nota à imprensa.

O PCP aguarda das entidades competentes o apuramento de responsabilidades, «de

forma a não ficarem impunes eventuais práticas e procedimentos» indignos de quem ocupa um cargo público «e a não permitir que recaiam sobre a autarquia da Amadora e o nome da própria cidade, quaisquer dúvidas e suspeitas nessa matéria».

A Comissão Concelhia considera «pertinentes e esclare-

cedoras da situação as declarações públicas prestadas pelo Presidente da Câmara, Orlando de Almeida», e apoia totalmente uma proposta do mesmo, «no sentido de proceder a um rigoroso inquérito interno para apuramento de eventuais reflexos em deliberações camarárias dos factos agora suscitados».

PCP saúda atletas portugueses

O Grupo de Estudos do PCP para a Política Desportiva enviou uma mensagem de felicitações ao presidente da Federação Portuguesa de Atletismo que refere:

«O êxito recente da realização no nosso país do 5º Campeonato Mundial de Juniores em Atletismo, e o momento que estamos a viver através do brilhante comportamento dos atletas portugueses no Campeonato da Europa de Atletismo a decorrer em Helsínquia, são factos que valorizam o património desportivo nacional e enriquecem particularmente o historial do atletismo e da Federação a que V. Ex.ª preside. Através destes acontecimentos, dirigentes, técnicos, atletas, clubes e toda a estrutura federada afirmaram mais uma vez que o desporto, o atletismo e os jovens do nosso país, sempre

mostraram forte determinação em procurar acompanhar o passo do desporto mundial, apesar dos meios escassos postos à sua disposição.

«Provaram-no agora uma vez mais, a medalha de ouro obtida de forma determinada por Manuela Machado e Fernanda Ribeiro, a medalha de prata de Conceição Ferreira, o comportamento brilhante dos finalistas Pedro Rodrigues, Paulo Guerra, João Junqueira, Carla Sacramento, Lucrecia Jardim e Susana Feitor e os recordes nacionais de Pedro Rodrigues, Isabel Pereira e Sandra Barreiro e a entrega de

todos os restantes atletas da equipa portuguesa.

«Porque o Partido Comunista Português considera o desporto, quando correctamente praticado, factor de promoção e do bem-estar das populações e o êxito dos atletas de alto nível, elemento de motivação para a prática desportiva, é com viva satisfação que enviamos a V. Ex.ª em nome do Grupo de Estudos do PCP para a Política Desportiva, as nossas melhores manifestações de simpatia solicitando que as mesmas sejam transmitidas a todos os atletas, técnicos e dirigentes presentes nos campeonatos europeus de Atletismo».

Também deste acontecimento, a Comissão Organizadora da Corrida da Festa do «Avante!»

dirigiu um telegrama à Federação Portuguesa de Atletismo que transcrevemos:

«A Comissão Organizadora da Corrida da Festa do «Avante!», encontrando-se reunida a preparar mais uma edição desta prova desportiva, no momento em que em Helsínquia se disputam os Campeonatos Europeus de Atletismo, ao tomar conhecimento, prova após prova, do brilhante comportamento dos atletas portugueses, deseja manifestar, através de V. Ex.ª, a todos os atletas, técnicos e dirigentes o nosso regozijo e amizade e afirmar quanto valiosos resultados alcançados nos estimulam a prosseguir na nossa tarefa de contribuir para que o desporto e particularmente a corrida sejam cada vez mais praticados».

Ensino particular chega a acordo

A Federação Nacional dos Professores e a Associação de representantes de Estabelecimentos do Ensino Particular e Cooperativo chegaram a acordo para a revisão do Contrato Colectivo de Trabalho do sector para o próximo ano lectivo, de Outubro próximo a Setembro de 1995.

A revisão acordada incide apenas nas tabelas salariais, diuturnidades, subsídio de refeição e outras cláusulas de expressão pecuniária. Segundo a FENPROF, ficou agendada para o próximo ano lectivo «uma revisão global de todo o normativo relacionado com as condições de trabalho no sector, tendo em conta as propostas avançadas por ambas as partes».

Os aumentos previstos na actual revisão representam uma percentagem média de 5,6 por cento, sendo que a tabela salarial dos docentes aumenta 5,16 por cento, a tabela salarial dos trabalhadores não docentes aumenta 6 por cento, as diuturnidades passam a ser de 4.600 escudos (6,5%) e o subsídio de refeição passa a ser de 520 escudos (6,1%).

A FENPROF considera que esta revisão se desenrolou num «espírito de boa-fé e cada uma das partes procurou ter em conta as opiniões da parte contrária por forma a encontrar as melhores soluções para o Ensino Particular e Cooperativo», esperando que «este espírito se mantenha quando da revisão global de todo o normativo relativo às relações de trabalho no sector».

Professores no estrangeiro

Em situação diferente encontram-se os professores de Portugueses junto das comunidades residentes no estrangeiro que são vítimas da «política de abandono» que tem sido seguida pelo Ministério da Educação.

Como refere uma nota da Direcção do Sindicato dos Professores no Estrangeiro (SPE/FENPROF), «apesar de o discurso oficial alimentar periodicamente a imprensa com a nova política a ser assumida pelo Instituto Camões, a verdade é que não houve, nem se vislumbra, nenhuma alteração na política de abandono que tem caracterizado o ensino junto dos luso-descendentes».

A direcção sindical manifesta a sua preocupação por não se verificarem «alterações positivas nas condições de trabalho, continuando os alunos amontoados em grupos de 30, da primeira à nona classe». O SPE acrescenta que a rede escolar não corresponde satisfatoriamente à procura e necessidades das comunidades, chamando a atenção para o facto de estes professores estarem a receber salários segundo a «tabela de 1993, mas com os descontos devidamente actualizados». Este facto deve-se ao «desrespeito do Ministério da Educação pela sua própria legislação», já que as tabelas de 1994 ainda nem sequer foram propostas para negociação.

CAMARADAS FALECIDOS

António Correia

Faleceu, no passado dia 13 do corrente mês, António Augusto Mendes Correia, de 69 anos. Operário do Arsenal do Alfeite, residia em Paio Pires, onde era membro da Comissão de Freguesia do PCP.

António Pereira

Faleceu, no passado dia 29 de Julho, António Bento Santos Pereira, de 70 anos, organizado na freguesia do Seixal.

Carlos Cardoso

Faleceu recentemente Carlos Alberto Costa Cardoso, de 74 anos. Era serralheiro reformado, natural de S. João Batista, e residia em Aigualva-Cacém, no concelho de Sintra, onde estava organizado.

Cesaltino de Sousa

Faleceu, vítima de doença súbita, Cesaltino de Sousa, de 64 anos. Militante desde 1984, era membro da direcção da Associação Sindical dos Reformados, Pensionistas e Idosos (MURPI) do Concelho da Marinha Grande. No seu funeral estiveram muitas centenas de pessoas em testemunho da elevada estima que gozava entre a população marinhense.

José Anacleto

Faleceu no passado dia 11 de Agosto, José Anacleto, com 73 anos. Era natural de A-dos-Cunhados, em Torres Vedras, e estava organizado na Freguesia de Alcabideche, no concelho de Cascais.

José Mariano

Faleceu recentemente José Mariano, de 78 anos. Era operário agrícola, natural de Pinheiro Grande. Militante desde 1977, pertencia à organização concelhia do Entroncamento.

Serafim Gomes

Faleceu, no passado dia 6 do corrente mês, Serafim José de Sousa Gomes, que contava 54 anos. Reformado do Diário de Notícias, militava no partido desde 1975 e estava actualmente organizado na Célula de residência no Junheiro, Freguesia da Parede, no concelho de Cascais.

Aos familiares e amigos dos comunistas falecidos, o colectivo do «Avante!» manifesta sentidas condolências.

Política salarial para 1995 Governo cria falsa ideia

— alerta Domingos Abrantes

Domingos Abrantes, membro da Comissão Política do PCP, comentou na passada sexta-feira as notícias vindas recentemente a público sobre a política salarial do Governo para o próximo ano.

É de chamar a atenção para que o Governo que tanto fala nas virtudes da «concertação social» ainda não apresentou qualquer proposta no CPCS mas, pelos vistos, está muito activo na colocação de «fugas» de informação que, sem o responsabilizarem, têm para si a grande vantagem de criar expectativas escondendo entretanto os aspectos mais gravosos dos projectos governamentais.

O Governo procura criar a ideia de uma grande generosidade mas os valores referidos nas notícias postas a circular não correspondem manifestamente às reivindicações e aspirações dos trabalhadores e designadamente à justa reclamação da reposição do poder de compra perdido este ano, sendo de lembrar que o

Governo rasgou descaradamente a promessa de um aumento intercalar para a função pública.

Quaisquer valores de actualização salarial que o Governo venha a propor têm de ser considerados e avaliados no quadro da sua política orçamental, dado que, por exemplo, o agravamento dos impostos indirectos e o aumento dos encargos dos cidadãos com serviços sociais são formas clássicas de diminuir realmente o rendimento disponível dos trabalhadores e o poder de compra dos seus salários.

Finalmente, mas como a questão mais importante, é indispensável denunciar que as alegadas propostas governamentais aparecem relacionadas com uma nova ofensiva de chantagem sobre os direitos e regalias dos trabalhadores e condicionadas à aceitação de projectos governamentais e patronais que significariam uma intolerável regressão social (designadamente «flexibilizando» os horários de trabalho, aumentando a precariedade e a insegurança no emprego, facilitando ainda mais os despedimentos, impondo a perda de regalias em matéria de férias).

Vítor Dias ao Jornal de Notícias «Discurso do Pontal inventado paraíso cavaquista»

Comentando o discurso que Cavaco Silva produziu no passado sábado no Pontal, Vítor Dias, da Comissão Política do PCP, considerou que as palavras do primeiro-ministro estão «carregadas de primarismo» e de «mentiras». O depoimento prestado ao Jornal de Notícias afirma:

«O discurso de Cavaco Silva foi um discurso carregado de primarismo, de demagogia e de mentiras, descaradamente apostado em inventar um paraíso cavaquista e em esconder e negar os problemas do país e sua real gravidade e que, por isso, não deu a menor resposta às inquietações e preocupações dos portugueses.

Entre outras, o PCP rejeita frontalmente as acusações caluniosas que Cavaco Silva fez em relação ao procedimento de autarcas comunistas a respeito

do gravíssimo problema do desemprego no Alentejo e sublinha que, se o Governo do PSD tivesse um centésimo do empenho dos autarcas comunistas na exigência de medidas de emergência e medidas de fundo para combater o desemprego no Alentejo, bem diferente seria a situação naquela região.

Por outro lado, não pode haver a mais pequena dúvida de que o «novo ciclo político e económico» de que falou Cavaco Silva não passa da desgraçada continuação da velha política de

destruição do aparelho produtivo, de reforço da exploração de quem trabalha, de liquidação dos direitos sociais e de ampliação das injustas e desigualdades na sociedade portuguesa.

Não são as catadupas de promessas de um Governo gasto e de uma política fracassada que reduzirão o grande descontentamento, a profunda desconfiança e a viva oposição que a orientação e a acção deste governo justamente suscitam.

Depois de 14 anos de permanência do PSD no Governo e de 10 anos de governos do PSD presididos por Cavaco Silva, o que faz falta ao país não é a diferença para pior representada pelo PSD mas a diferença para melhor representada pela nova política e pela alternativa democrática que o PCP propõe e defende.

Aumentos zero nas empresas públicas

A CGTP-IN acusa o ministro das Finanças de pretender «reforçar a política de moderação salarial» ao afirmar que só vai aumentar os trabalhadores das empresas públicas que deram lucro. A concretizar-se a intenção do Governo, que continua sem apresentar proposta na Concertação Social, os salários reais de muitos portugueses vão continuar a descer.

A Central afirma, em comunicado, que «os trabalhadores do sector público, ou não tiveram este ano aumento salarial de facto, como aconteceu na Função Pública, ou tiveram aumentos inferiores ao custo de vida, como é o caso das empresas do sector empresarial de Estado».

Com o argumento da autonomia de gestão das empresas públicas, o Governo tem-se esquivado a resolver os conflitos decorrentes do bloqueamento da contratação colectiva no sector. No entanto, como sublinha a CGTP-IN, «agora, o ministro das Finanças vem reconhecer explicitamente que é o Governo o responsável directo pela redução dos salários reais» e pela política salarial no sector.

Quanto aos resultados negativos das empresas públicas, a central sindical explica que se verificam sobretudo em empresas «com natureza de serviço público, como nos transportes, e aqui o Governo tem reponsabilidade directa porque as compensações indemnizatórias atribuídas têm sido inferiores aos custos sociais decorrentes do serviço público».

Citando dados do próprio Ministério das Finanças, a CGTP-IN salienta que «as

empresas foram endividadas a tal ponto que hoje os encargos financeiros já pesam mais que os custos de pessoal».

De facto, as empresas do sector público não financeiro apresentam uma diminuição de custos com pessoal de 46,6 por cento para 42,2 por cento, entre 1990 e 1993, enquanto os custos financeiros subiram no mesmo período de 40,4 por cento para 41 por cento.

Esta situação, segundo a Intersindical, tem tendência para se agravar «devido ao facto de algumas empresas estarem a realizar avultados investimentos sem a adequada cobertura financeira, sendo o principal exemplo o da CP».

A CGTP-IN condena a atitude do ministro das Finanças e o Governo, o qual ao mesmo tempo que se recusa a apresentar «qualquer proposta concreta no processo de concertação social, com o argumento de que está a ouvir as partes, lança para a opinião pública medidas que visam influenciar negativamente a evolução dos salários, quer no sector público que no sector privado, em total sintonia com as intenções e objectivos do grande patronato da CIP, CCP e CAP».

CGTP-IN reúne com CIP

Uma delegação da CGTP-IN, encabeçada por Manuel Carvalho da Silva, encontrou-se com dirigentes da CIP na passada sexta-feira, nas instalações do Comité Económico e Social.

Nesta reunião, que é a primeira com carácter bilateral na história das duas organizações, foram discutidas questões laborais e económicas, no âmbito das negociações da proposta de acordo económico e social.

A Central continuou na passada semana as reuniões com os diversos ministérios, nomeadamente com os secretários de Estado dos Assuntos Fiscais e da Segurança Social.

Torralta em vigília contra falência

Os trabalhadores da Torralta efectuaram na passada semana uma vigília em Tróia manifestando-se pela viabilização da empresa. A acção realizou-se entre a 20 e as 24 horas da passada quinta-feira, reunindo trabalhadores e familiares, tendo sido convidadas várias entidades do distrito, nomeadamente o Bispo de Setúbal.

Os trabalhadores visavam pressionar os credores no sentido de tomarem medidas de viabilização da Torralta na assembleia marcada para terça-feira última, em Grândola, e cujos resultados ainda não eram conhecidos à hora de fecho desta edição.

A vigília foi ainda uma forma de responder à posição do Governo acerca da Torralta, que perspectivava a falência da empresa e a não exequibilidade da proposta do administrador judicial. Os trabalhadores repudiam a posição governamental, considerando-a irresponsável e desmotivadora».

Como afirmam os sindicatos, «os trabalhadores sempre têm acreditado na viabilização da empresa e só por essa razão têm sido capazes de suportar os imensos sacrifícios a que têm estado sujeitos, chegando a ter sete meses de salários em atraso».

Sindicatos e trabalhadores enumeram várias razões para que a Torralta possa ser viabilizada: «possui um imenso potencial para desenvolver; o sector turístico-hoteleiro continua em expansão; o contributo da empresa é significativo para as regiões onde está implantada; o Estado tem o dever constitucional de intervir nas empresas privadas que forem viáveis; o Estado tem o dever constitucional de garantir o direito ao trabalho e no caso da Torralta tem responsabilidades acrescidas já que é o principal credor».

Trabalhadores da Brisa também querem «simpatia»

A Federação Portuguesa dos Sindicatos do Comércio, Escritórios e Serviços exige em comunicado que «a acção de simpatia iniciada junto dos utentes das auto-estradas seja extensiva aos trabalhadores».

A Federação não contesta a iniciativa da Brisa que exorta os condutores a fazerem intervalos e a evitarem longos períodos ao volante dos seus veículos, pagando-lhes mesmo um refrescante sumo, mas lamenta que a empresa «não tenha o mesmo carinho com os trabalhadores que emprega».

Os sindicatos acusam a Brisa de não cumprir as normas e leis de trabalho, nomeadamente o regulamento de higiene e segurança. Segundo o comunicado da FEPACES, «a Brisa que muito tem servido para a propaganda política do Governo em época de elei-

ções, não tem em muitas das suas portagens vestiários e casas de banho para ambos os sexos».

A nota acrescenta que, embora considerada pela administração como uma empresa do século XXI, o facto é que a Brisa «fomenta elevado número de trabalhadores em regime ilegal de aluguer de mão-de-obra e de contratados a prazo para postos de trabalho fixos».

Os trabalhadores das portagens queixam-se ainda da insegurança causada por serem obrigados a saltar constantemente de cabina para cabina e protestam por não lhe ser permitida uma pausa para descanso e refeições.

Os sindicatos afirmam que já denunciaram todas estas ilegalidades à Administração e à Inspeção Geral do Trabalho, «só que as acções de simpatia tardam a ser implementadas».

Nova era nas relações entre a UE e África

Os países da União Europeia e da África Austral vão encontrar-se como estados soberanos, em Berlim, nos próximos dias 5 e 6 de Setembro, reflectindo um espírito novo de mútuo respeito e cooperação. A Conferência de Berlim pode representar a abertura de um novo período nas relações entre a África Austral e a Europa, mas, para que isso se torne uma realidade, a União Europeia deve mudar de rumo. Quem o afirma é o Grupo de Ligação dos Movimentos Anti-Apartheid da União Europeia, de que faz parte o Movimento Português Contra o Apartheid, no 'Apelo Especial' dirigido ao Conselho de Ministros da União Europeia.

Segundo os signatários do 'Apelo', as novas relações entre a União Europeia e a África Austral implicam, por parte da UE, um compromisso activo para a promoção e consolidação da paz e da democracia na África Austral, especialmente em Angola e Moçambique; para a reconstrução e o desenvolvimento da nova África do Sul e de toda a África Austral; para o trabalho da Comunidade do Desenvolvimento da África Austral e seus esforços para promover a integração regional, o comércio intra-regional e outras formas de cooperação regional incluindo a autoconfiança; para um desenvolvimento equilibrado e equitativo na África Austral, assim contribuindo para criar condições para a segurança comum regional; para o desenvolvimento do comércio, do

investimento e das relações entre a Europa e a África Austral que sejam benéficas para a região como um todo e que não reforcem as desigualdades existentes.

Neste contexto, o Grupo de Ligação decidiu apelar à União Europeia para ter em consideração as seguintes questões específicas:

* A necessidade de a UE intensificar os seus esforços, em cooperação com a ONU, para assegurar que seja alcançado e completamente implementado em Angola um acordo político que respeite os resultados das eleições multipartidárias de Setembro de 1992 e este de harmonia com os Acordos de Paz de Bicesse;

* A urgência de a UE dar inteiro apoio ao "processo de paz" em Moçambique, incluindo assegurar a implementação completa do Acordo de Paz Geral de Roma, especialmente em relação com a desmobilização e integração das forças militares e a criação de condições para que possam ter lugar, em 27 e 28 de Outubro, eleições genuinamente "livres e

justas". Além disto, a UE deve apoiar a continuação da presença da ONU em Moçambique, como está previsto no Acordo de Paz Geral de Roma, até que o "processo de Paz" esteja completamente realizado;

* A necessidade de a UE alargar e desenvolver a sua ajuda à Comunidade do Desenvolvimento da África Austral e seus estados membros, para benefício de toda a região para que o potencial para uma era nova de reconstrução e de desenvolvimento equilibrado e equitativo na África Austral possa ser inteiramente aproveitado;

* A proposta para que o Programa Especial para as Vítimas do Apartheid seja transformado num programa de longo prazo de apoio à reconstrução e desenvolvimento da África do Sul, de acordo com o novo governo democrático e a comunidade de Organizações Não Governamentais (ONGs) na África do Sul e, especialmente, com os tradicionais patrocinadores europeus de ONGs;

* A importância de forjar um novo relacionamento económico entre a UE e a África do Sul, incluindo acordos oficiais apropriados que serão suporte da reconstrução e desenvolvimento, tanto da África do Sul como da CDAA no todo da região, de tal maneira que sejam compatíveis com os objectivos da Convenção de Lomé;

* A necessidade de a UE exercer o máximo da sua influência no FMI, no Banco Mundial, no GATT e noutras agências apropriadas, de forma a que desempenhem um papel de suporte da reconstrução e desenvolvimento na nova África do Sul e do todo da região. Tal orientação incluiria a possibilidade de cancelar os encargos da dívida da região.

Para os promotores do 'Apelo', uma resposta positiva a estas propostas será um importante contributo para tornar "realidade as esperanças dos povos da África Austral e, ao mesmo tempo, contribuir para um novo espírito de justiça racial em toda a Europa".

Vitória de Nino Vieira na Guiné-Bissau

Nino Vieira é o virtual vencedor das eleições presidenciais realizadas na Guiné-Bissau.

Segundo os resultados finais provisórios divulgados pela Comissão Nacional de Eleições da Guiné, o candidato do PAIGC, João Bernardo "Nino" Vieira, obteve 52,02 por cento dos votos, contra 47,98 para o candidato da oposição, Kumba Ialá, uma diferença que se traduz

em pouco mais de 12 mil votos.

Os resultados da segunda volta das presidenciais, contestados pela oposição, levaram entretanto Nino Vieira a apelar a todos os guineenses, "sem excepção", à calma e ao civismo.

Numa breve declaração, Nino Vieira pediu ao Povo Guineense, "sem

diferenças de raça, religião ou opinião política" para ajudarem a

construir um país "forte, próspero e pacífico".

"Neste momento, em que os resultados provisórios anunciados pela Comissão Nacional de Eleições (CNE) apontam para a minha vitória, quero aproveitar esta oportunidade para, em primeiro lugar, render uma homenagem ao Povo da Guiné-Bissau, o qual é, na verdade, o grande vencedor", disse.

"Não há vencedores nem vencidos, pois o grande vencedor é o Povo da Guiné-Bissau", acrescentou.

No seu discurso, Nino Vieira, aproveitou também para "saudar" todos os partidos políticos, "sem excepções nem exclusões", e o seu oponente, Kumba Ialá, aos quais desejou "os maiores sucessos ao serviço do povo e da democracia".

"Neste momento alto da História da Guiné-Bissau, devemos privilegiar a fraternidade, solidariedade e a reconciliação nacionais", acrescentou "Nino" Vieira, sublinhando o "elevado exemplo de civismo" demonstrado pelo eleitorado.

Por fim, Nino Vieira elogiou a "dedicação e capacidade" da CNE e agradeceu à Comunidade Internacional "o importante apoio" dado, sem o qual, disse, "teria sido muito difícil realizar eleições" na Guiné-Bissau.

Recorda-se que os observadores internacionais consideraram as eleições na Guiné-Bissau "livres e justas".

O secretariado do Comité Central do PCP enviou entretanto um telegrama de felicitações a Nino Vieira pela sua eleição, fazendo "votos de êxito na edificação independente, próspera e progressista da Guiné-Bissau".



Bloqueio a Cuba

— Nota do Secretariado do CC do PCP

A propósito dos recentes acontecimentos registados em Cuba, o Secretariado do CC do PCP divulgou a nota que a seguir se transcreve na íntegra:

Face à patente intensificação da campanha de acusações e calúnias contra Cuba, o PCP considera necessário e oportuno:

1. Salientar que a **responsabilidade dos gravíssimos problemas e dificuldades** com que aquele país e o seu povo enfrentam **pertence basicamente à imposição desde há mais de 30 anos pelos Estados Unidos de um férreo bloqueio económico a Cuba**, com consequências extraordinariamente agravadas após a desagregação da União Soviética e a correspondente quebra de solidariedade. O bloqueio contraria os mais elementares princípios do direito internacional e da convivência entre nações.

2. Destacar que um tal bloqueio, impedindo um país soberano de um normal relacionamento económico externo e privando-o assim das importações essenciais ao funcionamento da sua economia, é directamente responsável por grandes dificuldades económicas e por aflitivas carências na satisfação de necessidades básicas da população, designadamente no domínio alimentar, dando inevitavelmente origem a fenómenos de descontentamento.

3. Sublinhar que, para se ter uma ideia dos prejuízos causados a Cuba e dos sofrimentos causados ao povo cubano pelo bloqueio, basta imaginar qual seria a situação vivida pelos portugueses se um pequeno país como Portugal, que importa 70% daquilo que consome, estivesse prolongadamente, por imposição de uma potência estrangeira, sujeito a um bloqueio económico que lhe proibisse o acesso a combustíveis e a outras fontes de energia, a produtos alimentares, a medicamentos e a quase tudo o que é essencial à actividade produtiva e à vida quotidiana dos cidadãos.

4. Acentuar que o bloqueio norte-americano a Cuba constitui uma vergonhosa forma de agressão a um país soberano e uma intolerável chantagem exercida contra o inalienável direito do povo cubano de decidir sobre o seu próprio destino e opções.

5. Recordar que a **exigência do levantamento do bloqueio norte-americano a Cuba**, independentemente de diversos juízos e opiniões existentes sobre o regime cubano, é **hoje partilhada por um vasto movimento de opinião à escala internacional, com crescente expressão nos próprios Estados Unidos, e foi, em Portugal, recentemente apoiada por uma Resolução aprovada pela Assembleia da República, na sequência de proposta do PCP.**

6. Reafirmar a solidariedade do PCP com os comunistas e com o povo cubanos pela coragem e dignidade com que estão enfrentando dramáticas provações e dificuldades e apelar aos trabalhadores e aos democratas portugueses para que contribuam para intensificar as acções de solidariedade material, humanitária e política a um povo martirizado pelo desumano bloqueio norte-americano.

12.8.1994

O Secretariado do Comité Central do PCP

Colômbia

Dirigente comunista assassinado

O dirigente do Partido Comunista Colombiano, Manuel Cepeda Vargas, foi assassinado no passado dia 9 de Agosto, em Santafé de Bogotá.

Manuel Cepeda, que foi um destacado dirigente universitário, secretário-geral da Juventude Comunista Colombiana, director do Semanário 'Voz' e representante na Câmara, era membro do Comité Executivo Central do PCC e tinha sido recentemente eleito senador da República.

De acordo com um comunicado do PCC, Manuel Cepeda "estava incluído numa lista de dirigentes comunistas ameaçados de morte no âmbito do plano 'Golpe de Misericórdia', plano de extermínio denunciado ao governo de Cesar Gaviria, que tomou uma atitude de silêncio cúmplice face à denúncia."

Como recorda o PCC, o secretário nacional de organização do Partido Comunista Colombiano, Jose Miller Chacon, igualmente ameaçado no mesmo plano, foi assassinado em 23 de Novembro de 1993. Com total impunidade para os assassinos.

É neste contexto que o PCC atribuiu a responsabilidade política e moral do assassinato de Manuel Cepeda ao ex-presidente Cesar Gaviria Trujillo, cujo governo se recusou a desenvolver uma efectiva

política de paz e concedeu a total impunidade aos crimes perpetrados pelas forças militaristas.

Face à situação que se vive na Colômbia, o PCC apela à comunidade internacional para intervir urgentemente pela paz no país e para pôr cobro à impunidade oficial face aos milhares de crimes contra as forças da oposição.

PCP condena

O secretariado do CC do PCP enviou entretanto um telegrama ao Presidente da República da Colômbia, manifestando a indignação dos comunistas portugueses pelo "covarde assassinato de Manuel Cepeda Vargas", reclamando "o fim da criminosa repressão e impunidade" que se vive no país e exigindo "garantias de liberdade e segurança democráticas" na Colômbia.

Um outro telegrama foi enviado ao Comité Central do PCC, expressando "a mais firme condenação por este crime brutal" e manifestando a solidariedade dos comunistas portugueses à justa luta do PCC "pelos interesses dos trabalhadores e do povo colombiano, pela liberdade, a democracia e o progresso social", ideais "pelos quais Manuel Cepeda Vargas e outros comunistas deram a vida".

■ Miguel Urbano Rodrigues

Bill Clinton - O caos na Casa Branca

Milhões de europeus somente agora principiavam a compreender que a comunicação social

lhes vendeu uma imagem falsa do actual presidente dos EUA. Para essa tardia descoberta contribuem os comentários suscitados por dois livros editados nos EUA. Os autores são Bob Woodward e Carl Bernstein, jornalistas cujos nomes ficaram ligados à divulgação do escândalo Watergate que levou Nixon à renúncia.

O choque provocado pelas referências da crítica às obras dos ex-repórteres do *Washington Post* desencadeou uma tomada de consciência: a Europa descobre o verdadeiro Clinton, apercebe-se com surpresa de que o cidadão instalado como presidente na Casa Branca perdeu o respeito de grande parte do povo dos EUA.

O livro de Woodward, *The Agenda* (1), mereceu atenção especial da crítica porque o jornalista se tornou com os anos um intelectual do *establishment*, temido e adulado.

O objectivo não é o envolvimento de Bill Clinton no episódio Whitewater; o autor recria a atmosfera da Casa Branca durante o agitado período da elaboração da estratégia económica de Clinton no ano 93.

Woodward não visa directamente o Presidente. Uma acusação frontal enfraqueceria o texto. E seria supérflua. Clinton sai estilhaçado, como estadista e homem, das páginas deste livro assustador. A crueldade está nos próprios factos.

É significativo que a revista *Courrier International*, de Paris, tenha consagrado três páginas à transcrição de um artigo da *Newsweek* sob um título devastador: *Bill Clinton - «O raio do meu Programa não presta para nada»*. Por baixo um subtítulo: *Uma farsa chamada Casa Branca*.

A Casa Branca, na descrição de Bob Woodward, aparece como palco de um mundo surrealista no qual se movimentam tontamente homens poderosos sem uma ideia precisa daquilo que fazem e pretendem. Todos eles pensam, obviamente, que a responsabilidade pela desordem é do Presidente. O barco navega quase à deriva.

Clinton desabituou-se de falar normalmente com os colaboradores mais íntimos. Grita de manhã à noite. A sua vítima principal parece ser George Stephanopoulos, o seu conselheiro especial. Entretanto, Stephanopoulos acomodou-se ao estilo do chefe e não presta atenção quando Clinton começa a encolerizar-se, berra e «fica vermelho», porque nesses momentos o que ele diz «não tem qualquer importância».

Os assessores coincidem: o Presidente não tem opinião própria sobre os assuntos mais relevantes e contradiz-se a cada momento, decidindo de acordo com a última sugestão ouvida. Alguns conselheiros identificam nele uma *mariotte* trabalhada pelas «elites da Wall Street» e por um grupo de amigos definidos como «os cabeças vazias».

«O pior defeito dele é nunca tomar uma decisão definitiva», confidenciou Stephanopoulos a Leon Panetta, ex-director do Ordenamento e agora secretário-geral da Casa Branca.

A agressividade de Clinton, cada vez mais acentuada, nasce da sua permanente insegurança. Tem uma boa presença física, um sorriso bonito e veste bem. Mas sabe fazer demagogia.

A violência verbal do Presidente, ao tornar-se rotineira, deixou, porém, marcas no seu relacionamento com membros do Governo e congressistas. Muitos parlamentares perderam o respeito por ele e respondem-lhe no mesmo tom quando usa palavrões no diálogo. Foi o que aconteceu com Bob Kerrey, o senador pelo Nebraska, cuja conversa telefónica com o titular da Casa Branca foi reproduzida pela imprensa em dezenas de países. Fechou em berreiro com uma obscenidade de Clinton.

Até o vice-presidente Al Gore mudou de atitude. Não aprecia as graçolas pesadas do Presidente e recorre a um tom duro quando lhe manifesta as suas discordâncias.

O inimigo da Rádio

The *Washington Post*, tal como The *New York Times*, tem assumido uma postura cada vez mais crítica perante o Presidente.

Ann Devroy recorda que, num debate promovido pelo *Post* sobre a política do Presidente, foram usadas pela assistência palavras como *vigarista*, *palhaço* e *hipócrita*.

A jornalista apurou que na Casa Branca o volume das cartas pessoais duplicou (1 100 000 recebidas de Janeiro a Maio p. p.) após a entrada de Bill Clinton. Não é um *record* lisonjeiro. Segundo a funcionária que dirige o serviço da correspondência, «algumas cartas são tão inflamadas que quase queimam os dedos». Há pessoas que «odeiam Clinton», revelou James Carville, um colaborador de confiança do Presidente.

É praticamente unânime a opinião de que Clinton mantém com a imprensa piores relações do que qualquer dos seus predecessores. O conflito com a Rádio é permanente e desagradável. O Presidente agravou-o em Junho, em Saint Louis, ao tratar com dureza repórteres e comentadores. Chamou-lhes conservadores, ignorantes e cínicos. Desencadeou, como era inevitável, uma tempestade de protestos. Michael Harrison, chefe de redacção do *Talkers Magazine*, a revista mais influente do sector, respondeu-lhe com um artigo no *New York Times*, logo reproduzido pelo *Herald Tribune*: Harrison divulgou o resultado de um levantamento estatístico que incluiu as 15 Rádios mais ouvidas do País e 200 outras emissoras.

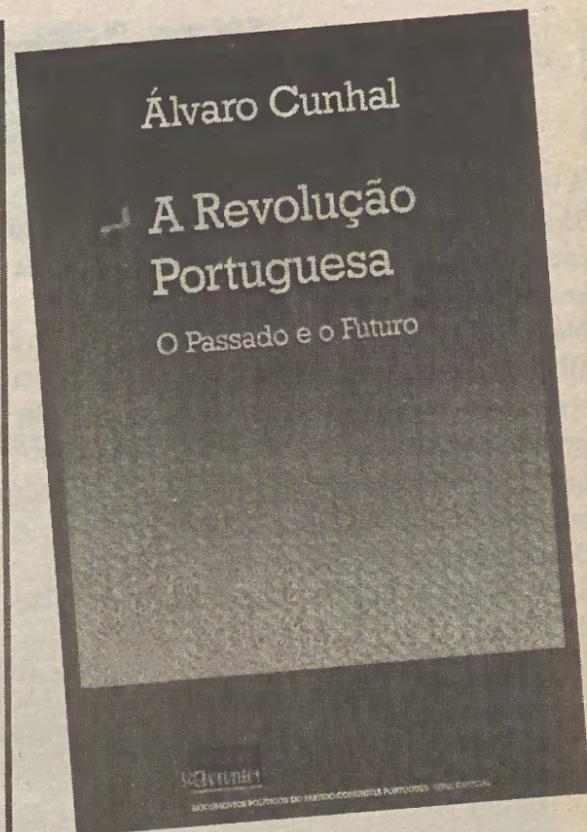
«Clinton», sublinhou, «é indiscutivelmente a personagem mais criticada na história da Rádio»...

Contrariamente ao que se pensa em Portugal, a intervenção a nível nacional de Hillary Clinton não contribui para melhorar a imagem do marido. É uma mulher fria e egoísta, inteligente e com muita personalidade. Mas isso não ajuda Clinton, sempre inseguro, e, segundo os críticos, pouco inteligente e inculto.

Não sem melancolia, o historiador oficial da Casa Branca, Paul Ambrose, veterano no acompanhamento de muitos presidentes, confidenciou ao *Washington Post*: «Muita gente acha que ele tem uma carência total de sinceridade. Dizem que tudo o que faz é motivado por considerações políticas e que desenvolve grandes esforços para aparecer como uma pessoa decente, em vez de ser simplesmente uma pessoa decente...»

Vinda de um historiador prestigiado, a opinião não é de molde a melhorar a imagem do homem que exerce a Presidência de um país que pretende impor à Humanidade uma nova ordem mundial.

(1) Ed. Simon & Schuster, New York, 1944.



Álvaro Cunhal A Revolução Portuguesa O Passado e o Futuro

Pela enormíssima quantidade de dados factuais que reúne e sistematiza, pelo rigor das análises e conclusões que faculta, *A Revolução Portuguesa. O passado e o Futuro* permanece uma obra insuperada de referência e de consulta para o estudo dos dois anos e meio da Revolução portuguesa.

Nesta reedição, publica-se também o artigo que o autor escreveu para a revista *Vértice* com o título «A Revolução de Abril 20 anos depois», o qual não só proporcionará ao leitor uma esclarecedora síntese do processo político português nas duas últimas décadas, mas também contribuirá para que reflecta criticamente sobre o que se afirmava em *A Revolução Portuguesa*, constituindo assim como que um prefácio de actualização a esta obra.

Preço: 2500\$00

Desejo receber o livro *A Revolução Portuguesa. O Passado e o Futuro*, de Álvaro Cunhal, à cobrança, acrescido das despesas de porte.

Nome _____

Morada _____

Código Postal _____

Telef. _____

Enviar para Edições «Avante!», SA
Alameda St. António dos Capuchos, 6-B
1100 Lisboa

Emigração e internacionalismo

A OIT divulga, na revista comemorativa dos seus 75 anos, a sua orientação sobre «os caminhos novos da justiça social» face ao que chama de *mundialização da economia*. Constata que, com o desaparecimento do bloco socialista na Europa, as condições de actuação da OIT, como de todas as organizações relacionadas com a regulamentação do trabalho, sofreram uma alteração profunda. Importa reflectir sobre os múltiplos aspectos que hoje condicionam não apenas a conjuntura internacional — mobilização de capitais, desenvolvimento do comércio de bens e serviços, interconexão dos mercados financeiros, transferências de actividades produtivas, multiplicação dos investimentos estrangeiros e crescimento de empresas multinacionais — mas ainda os efeitos de tudo isso sobre a capacidade dos Estados Nações de orientarem, com independência, a sua própria política económica.

Michel Hansenne, director da OIT, informa: «O processo de internacionalização coloca o problema dos limites dos instrumentos actuais de regulamentação das actividades económicas. A negociação colectiva à escala nacional caminha com mais dificuldades para resultados positivos devido às empresas multinacionais. Os trabalhadores dependem cada vez mais de uma conjuntura mundial. Isto coloca problemas sociais inéditos. As desigualdades persistem e outras são criadas entre os Estados e no seu interior. Os países, entre os menos desenvolvidos, correm o risco de serem completamente marginalizados no sistema económico mundial.» E conclui: «Torna-se insuficiente promover a protecção do trabalhador sem tomar em consideração simultaneamente a obrigação dos Estados de promoverem o emprego. (...) Há que defender o direito do trabalho e o direito ao trabalho.»

Emigrantes os mais desprotegidos

Se dentro de cada país a situação do trabalhador se tornou mais desprotegida, mais preocupante será a dos emigrantes que têm sido levados a substituir os vínculos de cidadão no seu próprio país pelos exclusivos vínculos de trabalhador em terra alheia. Se acompanharmos a história da emigração, vemos que durante o século XIX ela foi incentivada com vista ao povoamento de terras ainda não exploradas, sobretudo nas Américas e na Austrália, mas que no século XX a motivação que serviu de impulso às correntes migratórias se prendeu às necessidades de mão-de-obra, por parte do patronato, e de melhoria das condições económicas dos trabalhadores que saíram de países pobres. A grande população emigrante constituiu, hoje como antes, uma massa de manobra que o sistema produtivo empurra para onde lhe convém. Com a mundialização da economia e o controlo nas mãos das empresas multinacionais, a falta de protecção ao tra-

balhador emigrante é quase absoluta, de pouco valendo as promessas de cidadania europeia ou outras fórmulas artificiais.

Em nome da democracia, com o pretexto de uma guerra fria que opunha o sistema socialista ao capitalista criando um equilíbrio favorável aos trabalhadores e aos povos oprimidos, criou-se uma ditadura económica e institucional que paira acima dos Estados Nações e desconhece qualquer tipo de regulamentação social. Grande alarido se fez a propósito do Muro de Berlim, cuja queda simbolizou a destruição do sistema socialista na Europa. Com o passar dos anos, com o baixar da poeira, vê-se a construção do Muro entre os Estados Unidos e o México e a muralha invisível que anula as conquistas democráticas da Humanidade e até mesmo, como assinala a OIT, limita a regulamentação das actividades económicas pelos Estados Nações.

A história da segurança social

O movimento da história social tem-se dado, através dos tempos, numa permanente tendência de substituição dos grupos e classes no poder. Com o fim da economia mercantilista, as velhas aristocracias foram substituídas na condução das nações pela burguesia que detinha o controlo da produção e do sistema financeiro. Surgiu uma nova era marcada pela criação de novos produtos e pela invenção de mecanismos para a sua expansão por todo o mundo.

A oposição entre duas classes sociais não se desvenda imediatamente e de forma clara. É uma evolução subtil que mina os valores que servem de imagem e de sustentação dos antigos senhores; altera-se a mentalidade geral da sociedade levando-a a abandonar velhas crenças que a subordinavam aos senhores agora decadentes. No conjunto social há sectores que resistem à mudança — seja devido a um laço mais forte com o antigo poder, seja por ignorância da dinâmica social ou mesmo por inércia conservadora —, assim

como existem os que percebem a importância das alterações e os que decidem apoiar a nova força social que se impõe.

Desde que as grandes massas camponesas e de trabalhadores ultrapassaram a condição de servos que cumprem as ordens dos senhores na produção ou na guerra, a sua participação nos movimentos sociais passou a ser conquistada pelas forças em luta com promessas e esclarecimentos (ou enganos). Apesar de ainda muito sujeitos à manipulação das vontades populares por aqueles que tinham acesso às formas de conhecimento e de acção na sociedade, o novo conceito de liberdade dos cidadãos foi um dos grandes avanços da Humanidade quando o feudalismo entrou em decadência e teve início a era industrial. Com a construção de fábricas, empresas de extracção e serviços urbanos, os trabalhado-

O reconhecimento do valor de cidadão naqueles que criavam as riquezas com a sua força de trabalho obrigou o patronato, e com ele os que dirigiam as nações, a definirem formas de protecção social ou previdência, para evitar a grande miséria dos que não podiam trabalhar (doentes, crianças, velhos) o que prejudicaria a capacidade produtiva dos seus familiares empregados. Como sempre a intenção proteccionista envolve a solidariedade mas também o interesse explorador. Mas, foi um começo, que criou formas mínimas de amparo a uma população que tinha como propriedade apenas a sua força de trabalho e vivia em condições subumanas na proximidade dos locais de trabalho.

Para a formação de uma nova mentalidade que reconhecia o valor de cidadão em todos os seres humanos (ainda que com

agradece à Providência» e as contestações dos socialistas revolucionários e dos cristãos que reclamavam «respeito pela dignidade dos trabalhadores como seres humanos e não apenas como instrumentos de produção», cresceu a consciência de uma realidade social onde convivem pobres e ricos como se fossem duas naturezas diferentes. Descobriu-se a Humanidade como um todo e o peso das condições de vida como determinante da sua capacidade de desenvolvimento material e mental.

Segurança social, um direito do cidadão

No século passado e até aos nossos dias evoluiu o conceito do Estado e do Governo como estruturas ao serviço da Nação, com o dever de defender o território, as riquezas naturais, o património nacional, a população. A segurança social deve ser garantida pelo Estado para todo e qualquer cidadão e a sua regulamentação abrange as escalas salariais, as pensões e o atendimento social incluindo o sistema de saúde pública. A existência efectiva dessa segurança social corresponde ao que se pretende como democracia e como base para o respeito pelos direitos humanos.

Como temos visto, desde a destruição do campo socialista na Europa floresceram com maior vigor as teses liberais que defendem um Estado mínimo e a privatização dos recursos empresariais e das estruturas de atendimento social no campo da saúde, do ensino e dos seguros (que tendem a substituir a segurança social deformando-a). De maneira muito sintética, talvez simplista, devido ao limite do espaço desde artigo, percebe-se que a antiga burguesia que revolucionou a estrutura de poder armada com conceitos de democracia hoje constitui uma elite, tal como a aristocracia destronada nos séculos passados, que quer usufruir dos privilégios de classe senhorial deixando que o povo resolva por seus próprios meios as questões sociais e económicas de sobrevivência. Lavam as mãos, como Pôncio Pilatos, com o pretexto das crises que gerem de forma a transferir a dívida para a população trabalhadora. Falam no desemprego como uma fatalidade, assim como falam na droga e na sida, distribuindo paternalisticamente receitas para que as famílias se organizem de modo a comerem menos e conservarem a serenidade que evita os conflitos. Defendem-se como elite no poder. O preço agora, ao contrário do que aconteceu quando a burguesia era democrática e revolucionária, deverá ser pago pelo povo com a perda dos seus direitos de cidadania sociais e económicos, o que vale dizer também políticos. Efectivamente, é a destruição da democracia e dos direitos humanos e a instauração de uma dita-

dura mais ou menos simpática ou iluminada como também o foram as antigas aristocracias.

As primeiras vítimas

Neste contexto, os emigrantes ficam para lá das margens em que a população nacional foi colocada, pois não gozam da solidariedade que é gerada no meio social em que se nasce e vive. Assim como grandes levas de emigração foram lançadas no Novo Mundo no século XVI, acompanhando os guerreiros que impunham a bandeira do monarca, com a missão de povoarem o território alheio e lá foram deixados com raros apoios na luta contra os nativos hostilizados, contra a fome, as doenças, a solidão, hoje o movimento migratório incentiva a saída desesperada de trabalhadores em busca de publicitados paraísos. Como há 500 anos, lá ficam os estrangeiros em terras estrangeiras, muitas vezes hostil, sem casa, sem emprego, sem segurança social, representando uma pátria que os atira às feras. Atrás da bandeira da crise mundial os governantes prometem melhores dias no próximo milénio... para quem chegar lá.

Novamente começam a surgir vozes contra tanto cinismo, tanta hipocrisia, tanta crueldade, tanta irresponsabilidade. Habitualmente todas essas vozes são caladas com a acusação de serem comunistas, o que a elite poderosa entende como os seus inimigos pessoais e tenta convencer a população que a elegeu de que são também os seus inimigos. Mas a realidade não desaparece atrás dessa farsa. Assim como no bloqueio à política governamental, que se manifestou na Ponte 25 de Abril por ocasião do aumento da taxa de portagem, participaram cidadãos que até pertencem ao partido do Governo mas que ao mesmo tempo são povo e descobrem a distância que os separa da elite, outras vezes se levantam de sectores que nada têm de comunista. São os bispos da Igreja Católica, os cristãos de origens diferentes, os democratas que têm noção de respeito humano e dignidade, os cientistas que trabalham nas Universidades ou nos organismos internacionais. Nesta nova onda de defesa da Humanidade, surge a afirmação de que «a protecção social é indissociável dos debates das sociedades sobre a pobreza nos países ricos, a justiça social, a organização da saúde ou ainda a dissolução das famílias, a atitude face à morte, a solidão» (F. Chatagner, Ed. Le Monde). Assim também se manifestou o director-geral do BIT, como recordei no início deste texto, «é insuficiente promover a protecção do trabalho sem levar em consideração simultaneamente a obrigação, pelos Estados, de promover o emprego».

■ Zillah Branco

Se dentro de cada país a situação do trabalhador se tornou mais desprotegida, mais preocupante será a dos emigrantes que têm sido levados a substituir os vínculos de cidadão no seu próprio país pelos exclusivos vínculos de trabalhador em terra alheia

res passaram a constituir uma classe com duas importâncias reconhecidas: o seu número e a sua força de trabalho.

Com essas linhas gerais, de uma síntese muito comprimida, procuro apenas dar relevo ao surgimento de um conceito de cidadania que se estendeu progressivamente a toda a população (deixando para o fim as mulheres, as crianças e os adultos inactivos) despertando a consciência dos trabalhadores e também a do sector patronal que dependia da produção e do apoio popular para o seu próprio fortalecimento económico e social. Não é fácil distinguir nas expressões da nova burguesia em ascensão — relativamente aos conceitos de cidadania, liberdade, democracia —, onde existe o interesse de classe ou o real respeito pelos indivíduos. Tudo isto se mistura na literatura libertadora, na liderança de movimentos sociais, na alteração das instituições políticas que vão regulamentar a vida das nações e dos seus povos. Mas o que resultou dessa luta contra a dominação feudal e pela ascensão da burguesia que se fortalecera pelos vínculos com a produção e com os mecanismos financeiros foi a busca de apoio popular, o que propiciou a evolução da grande massa escravizada para uma situação de classe trabalhadora com estatuto de cidadania.

preconceitos raciais e de sexo), contribuiu fortemente a luta pela independência dos Estados Unidos e a consolidação na sua Carta Constitucional dos princípios democráticos enunciados na Revolução Francesa. Habitualmente vemos nos livros de História a valorização do discurso democrático como o responsável pelas transformações ocorridas nos finais do século XVIII e durante o XIX. Não se poderá atribuir apenas às palavras e aos actos de coragem revolucionária dos que lideraram o processo de transformação sociopolítico essa mudança radical na vida dos povos. É preciso referir ao mesmo tempo as grandes invenções técnicas e científicas que criaram uma nova estrutura industrial e, com ela, uma classe de trabalhadores integrados na vida nacional com direito ao voto, primeira forma de participação democrática. Em síntese, o novo poder resultou de um compromisso entre a burguesia e os trabalhadores que a apoiaram; as medidas de previdência social e de regulamentação do trabalho foram o preço.

Durante o século XIX os debates sobre as questões sociais permitiram clarificar os conceitos subjacentes. Entre as primeiras teses liberais do «laissez faire» que afirmavam ser «a pobreza um bem para as massas porque ela respeita os seus superiores e

MÉRTOLA



A guardiã da memória

Texto Anabela Fino
Fotos Sérgio Morais
e Arquivo

Há sítios assim, onde uma pessoa não pode dar um pontapé numa pedra sem que o passado não nos agarre logo o tornozelo. É o caso do Alentejo, essa região tão pobre e afinal tão rica, assim tenham os homens e os poderes saber e vontade para lhe descobrir a fortuna. Em Mértola, terra alentejana alcandorada sobre o Guadiana - ali onde o rio ainda é rio graças à força das marés -, vive-se a aventura entusiasmante de rasgar os caminhos do futuro desbravando os caminhos do passado.

Numa terra com mil habitantes, reforçada em tempo de aulas com outros tantos jovens e durante a semana com mais mil pessoas que ali acorrem a tratar de viver, pobre entre as pobres, ergue-se uma basílica paleo-cristã, um museu da época visigótica, uma escola arqueológica, as muralhas que sobraram de um castelo... Fazem-se mantas lindas por processos artesanais, mãos jovens trabalham o ouro com saberes antigos, reconstrói-se o moinho que há-de fazer o pão de sabor sem igual, preservam-se ossadas há séculos escondidas, aprende-se a História, o passado, a cultura que faz nascer em cada um o orgulho pela sua terra e tece os laços que dão razão de ser à vontade de criar raízes.

Descobrimos isto tudo e muito mais à conversa com Cláudio Torres, historiador, arqueólogo, professor, figura por de mais conhecida nos meios culturais, a quem mais do que uma entrevista ficámos a dever o prazer de uma inesquecível lição de História.

A entrevista aí fica, nas páginas centrais, qual retrato de uma obra e de um tempo em que vale a pena apostar forte - é o futuro que está em jogo.

À margem, reflexões sobre temas que não podiam ser deixados de fora.

Chegámos a Mértola ia a manhã a meio, já o sol escaldava. A azáfama da vila tem o seu ritmo próprio, bem integrado num meio ambiente que importa preservar. Afinal, no Alentejo, suprema sabedoria de quem lhe dá vida, apesar de todos os seus problemas, existe a convicção profunda de que o progresso não é sinónimo apenas de crescimento económico mas também de desenvolvimento, que é como quem diz, de qualidade de vida. Ali ninguém quer morrer de fome... nem de stress! Não perceber esta filosofia é não entender, como nos diz Cláudio Torres, que a rapidez com que estamos a perder a memória pode ser fatal para o futuro da Humanidade.

O passado é uma arma

É hoje reconhecido que o progresso tecnológico tem custos tão pesados que podem pôr em causa a estrutura geral do avanço científico ou do avanço tecnológico. Para Cláudio Torres, isso é um fenómeno muito recente, que tem tudo a ver com a arqueologia.

“Começa a sentir-se - diz - que a rapidez com que estamos a perder a memória pode ser fatal para o futuro da humanidade. O desnível cada vez maior entre um avanço científico puro e o passado recente leva a que estejamos a criar ETs, pessoas e técnicos a quem falta o que podemos designar por cultura, que não têm passado, não têm nada; cada vez se sente mais isso, como resultado da super especialização tecnológica, em que cada um vive metido no seu buraco, sem tempo para mais nada além da sua especialização, completamente desligado do resto e em vias de ficar alheio ao que possa ser a vida ou outros interesses ao lado dos seus.

“É curioso verificar - e surge um pouco por todo o lado - a ligação deste fenómeno recente de corte com o passado com um renascimento do passado no seu aspecto mais belo e poderoso; uma espécie de revolta contra as civilizações tecnológicas do presente.”

Esse passado brilhante é o do Mediterrâneo, considera o historiador, para quem “as civilizações velhas do Mediterrâneo estão neste momento a tentar, às vezes de forma desesperada, resistir às pressões do chamado mundo anglo-saxónico.”

Na sua opinião, “o que actualmente faz parte do nosso quotidiano - a luta entre o Norte e o Sul, entre a Europa rica e a Euro-

pa pobre - é um fenómeno integrante deste movimento geral. Os países ligados à cultura milenar do Mediterrâneo (Grécia, o sul da Itália, o sul da França, a metade sul da Península Ibérica...) estão a sentir-se espoliados, esquecidos, incompreendidos, nesta ‘coisa’ a que agora chamam a Europa. Os fenómenos de recuperação do passado, seja do ponto de vista alimentar, do vestuário, habitacional, técnicas das mais variadas de uma cultura diferente, estão a funcionar já quase como arma contra os nórdicos, o que é sintomático. Com que armas podem lutar as populações mediterrânicas senão com o seu passado, a sua cultura e a sua sabedoria, contra uma tecnologia gélida e desumana que já atingiu um grau de desenvolvimento completamente contraditório?”



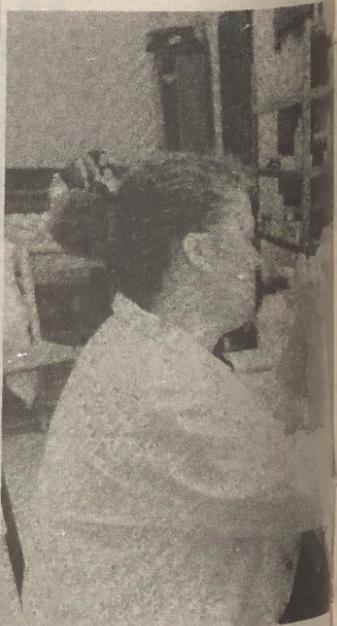
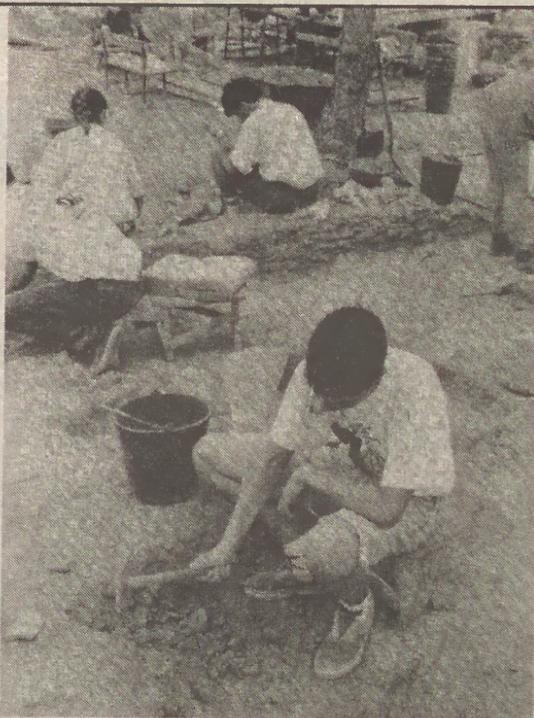
A título de exemplo dessa profunda contradição, cita o caso da agricultura:

“Os grandes países de produção capitalista, como a França e a Alemanha, produzem cinco vezes mais trigo do que nós; mas o que estão a produzir, devido às cargas brutais de químicos e fertilizantes, de toda uma série de produtos que activam a produção, faz com que estejam a matar a própria terra!”

“Há movimentos juvenis ligados ao ‘futuro verde’ da Europa do Norte que já se recusam a comer quase tudo o que lá é produzido...”

“Esta ‘festa’ do progresso e da produção está a gerar um contra movimento e a levar à descoberta de que o Sul produz quatro ou cinco vezes menos, mas o que produz é mais limpo. E as pessoas preferem pagar mais por um produto limpo do que menos por um produto inquinado; desconfiam mais das maçãs lindas, padronizadas, sem bicho, mas cheias de produtos químicos, do que das pequeninas e bichosas - se o bicho está lá é porque a maçã é boa, que o bichinho não é burro!”

“Estas são questões que não se punham há 15 anos atrás. Tudo isto vem ligar-se à arqueologia: a arqueologia da alimentação, do espaço, da paisagem, da cultura. Esta redescoberta, este mostrar o que era e como era, é um movimento de fundo, não uma moda como às vezes se julga.”



Pobres são os outros, os que não têm memória. Não é o caso de Cláudio Torres, com quem falámos longamente na penumbra de uma sala recheada de fragmentos do passado, para quem as palavras são como as cerejas e deambula alegremente de século em século com a serenidade de quem sabe que o futuro começou lá muito atrás, na memória dos tempos. Do complexo exercício de síntese resultou esta entrevista que é em si mesma um alerta - reaprendamos o passado se queremos conquistar o futuro.

Num país com oito séculos de História, os arqueólogos não deviam ter mãos a medir. No entanto, a arqueologia continua a ser uma espécie de parente pobre da investigação em Portugal. Porquê?

Não é só a arqueologia. Há uma situação tradicional nos chamados países pequenos, em que se assume que são os grandes e os ricos que fazem a investigação científica de ponta... o resto chega-lhes por arrastamento, a preços de mercado, como é hábito. Uma divisão clássica das tarefas, portanto, em que a investigação científica é tida como apanágio dos ricos, o que é normal, visto tratar-se da investigação pura, a que não dá nada, não dá rendimentos, aquela que só os ricos podem pagar. Isso é o princípio, foi sempre assim e continua a sê-lo hoje. Simplesmente, nos fenómenos da investigação dita de ciências humanas, está a verificar-se uma certa modificação estrutural. Aquilo que foi o período da grande festa da burguesia, chamemos-lhe assim, de finais de século, as formas do progresso e avanço da ciência e do futuro da humanidade, que passavam sempre e só pelo progresso imparável das ciências e da tecnologia, está hoje a ser posto em dúvida pela primeira vez. Já não é líquido, como se pensava até há pouco tempo, que os avanços da técnica vão sempre resolver tudo e cada vez mais e o homem só avança em frente para um futuro luminoso.

Há então um despertar das consciências para estes problemas, um fenómeno relativamente novo; no entanto, o arqueólogo Cláudio Torres está em trabalho de campo há muito tempo. O que o levou a dedicar a vida a essa aventura? Como aparece o arqueólogo?

A questão da História, dos seus fenómenos, os problemas sociais... O meu pai era historiador, pelo que lido há muitos anos com estas questões. Está tudo ligado, a História e a política, como a primeira interfere com a segunda e vice-versa... Coisas que tinham a ver com os meus interesses. E depois houve o 25 de Abril, que no mundo universitário quebrou muitos tabus.

A partir daí passaram a aparecer grupos virados para várias actividades. Foi o período da festa, que durou uns dez anos. Dez anos muito criativos em que se formaram duas ou três gerações importantes no nosso meio científico das ciências humanas e agora estão a florescer. Espalhar-se por todo o país, fundamentalmente no ensino, mas não só; foram centenas largas de jovens que passaram por aquela caldeira de inovações, de debate de ideias, de debate ideológico, fundamental na formação de uma outra geração que é aquela que agora está a tomar a dianteira.

Há neste momento uma renovação curiosa. Acabou um período, acabou um mundo político, uma espécie de compromisso com as ideologias de final do século, um certo tipo de marxismo, um certo tipo de leninismo. Tudo isso acabou ou está a acabar e está-se a formar hoje uma outra coisa, uma esquerda muito importante, que vem dessa geração. Essa geração está a florescer, está a criar núcleos, a recriar coisas interessantes, com base naturalmente num passado recente, com base numa História das ideias do Homem...

Essa nova esquerda de que fala mantém os ideais humanistas que caracterizaram de certo modo a geração anterior, ou, pelo contrário, está imbuída do espírito individualista agora reinante?

É difícil saber. Há só uma certeza: a derrocada daquelas 'coisas' que estavam naqueles países de Leste foi fundamental para se descolar do que não tinha nada a ver com as utopias fundamentais iniciais. Essa desmistificação numa construção dos anos 50 que deu 'aquilo', vai abrir

Regresso ao f

percursos completamente diferentes do ponto de vista ideológico, ainda que com base em princípios que são intocáveis, como o da solidariedade do homem e de outros fundamentais para a construção do comunismo, mas que não têm nada a ver, ou têm como experiências negativas, com o que aconteceu. Enquanto aquilo funcionou era impensável haver um avanço. Ao ruir tudo, é hoje possível pensar em construir qualquer coisa nova, com base obviamente no que já está feito há muito tempo...

Estamos a afastar-nos do nosso tema, mas gostaria de saber se não acha que será muito mais difícil avançar a partir de um retrocesso tão grande como o que foi provocado pela derrocada do Leste?

Mas eu acho que não é retrocesso...

Este avanço do capitalismo o que é?

Não é nada; aliás, já está a cair. O que foi a festa do liberalismo está a ser desmascarado; eles próprios já o estão a sentir. O que parecia a panaceia mundial, "acaba o comunismo e isto é tudo nosso", não passou de uma miragem. Há situações internas no liberalismo actual que estão a rebentar por dentro o próprio sistema, a mostrar que não é esta a solução.

E a atracção que a sociedade de consumo exerce, não é um risco a contrariar essas utopias?

Acho que não. Esse fenómeno chegou aqui ao máximo da sua força com o fenómeno Berlusconi. Os *mass media*, na sua aceção mais violenta, mais agressiva, mais inteligente, tomou o Poder num país, que não é um país qualquer, mas um país com uma tradição democrática, com

uma tradição cultural espantosa, talvez a mais importante da Europa. E tomou o Poder sem ser pela força, o que é sintomático da força do consumismo através da manipulação. Tenho a impressão de que isto também tinha de acontecer, como exemplo. O que há uns meses atrás nos fazia dizer 'que horror!', já se está a desfazer, não se pode aguentar... é um balão, vê-se que não

tem bases. Tinha de tomar o Poder e mostrar-se; tínhamos de ver... o papão, o fascismo no Poder em Itália... Não dá. Há forças muito grandes, há outros equilíbrios, há conquistas que não podem ser destruídas, grandes blocos de solidariedade, coisas fortíssimas, essas sim solidamente implantadas. No fim de contas, tudo o que passa pela conquista, para mim particularmente importante, da dignidade humana.

Pode fazer-se o paralelo com o que se passou aqui no Alentejo. Faz sentido pensar que foi inútil o período da Reforma Agrária? Não faz. Aqui, esta malta, pela primeira vez na vida, não só comeu como, principalmente, olhou de outra maneira os patrões. Isso nunca mais se esquece...

Porquê Mértola como centro da actividade? Tem alguma coisa que ver com tudo isto de que estivemos a falar? Com a tal 'festa', com a mudança das mentalidades?

Primeiro foi um acaso. O acaso de ter um amigo que era Presidente da Câmara, meu aluno, que me traz aqui à sua terra em 1978. Nunca tinha vindo a Mértola e vim cá ver a terra do Serrão Martins. Havia também uma identidade política bastante forte entre nós... A partir daí foi possível estabelecer uma cumplicidade, chamemos-lhe assim, numa acção regional. Lançámos um movimento que ligasse a investigação científica e as populações; não seria possível fazer nada de outra forma. Não seria uma Câmara, talvez a mais pobre das mais pobres do país, que poderia estar a subsidiar a investigação pura, quando se debatia com necessidades terribes e prementes da população.

Essa é outra questão interessante. Como é que as pessoas encaram, numa região como esta, com tantos problemas económicos e sociais, com tantas carências, o investimento de esforços e meios na investigação?

Tivemos desde o princípio sempre muito, muito cuidado com isso.

Praticamente nunca houve gastos. Nós temos dado mais do que temos recebido...

Isso é o milagre dos pães... Como é que fizeram?

Precisamente. De outra forma, seria não só arriscado como contra o que pretendíamos fazer; seria mesmo imoral se, na situação que se vive no Alentejo, estivesse aqui uma equipa como a nossa a expensas da autarquia ou das populações.

Muito ao contrário, o que sucede é que estamos a conseguir canalizar verbas pelas mais diversas vias para este projecto, inclusive do Poder central, que se vê obrigado a fazê-lo porque não tem alternativa; temos um prestígio demasiado grande e o Governo não quer perder este barco...

O Campo Arqueológico é uma organização não governamental, com os seus estatutos próprios, que se enquadra ao fim e ao cabo nas dinâmicas e na política do Governo, ou seja a actividade privada. Nós criámos uma associação privada, aliás, duas: a Associação de Defesa do Património, para questões ambientais, e o Campo Arqueológico para questões do património cultural, arqueológico, etc., etc.

Quer isso dizer que a população entende que não é prejudicada pela vossa actividade, antes é beneficiada?

Às vezes não é muito claro, infelizmente. Nós nem sempre sabemos fazer o *marketing* necessário de explicação, pelo que isso é com frequência a arma de ataque da oposição. É preciso perceber que há uma máquina imensa que realmente aqui se confunde, entre a Câmara e as outras instituições; eu sou funcionário da Câmara, somos cinco funcionários que estamos aqui a tempo inteiro.

Aqui onde?

Com o Campo Arqueológico e a Associação. E não é só isso; nós é que estamos a tratar agora, com um gabinete de desenvolvimento e a Associação, dos Leader, ou seja, estamos a preparar os projectos de desenvolvimento regional pagos pela Europa. Estamos a negociar com as Câmaras de Serpa, Moura, Mourão e Barrancos esses projectos. Porquê nós? Porque a Câmara só tem um técnico; são assim os técnicos ligados a nós que estão a gerir e a preparar os grandes projectos de desenvolvimento na região. Quer dizer, não nos ocupa só a arqueologia, muito longe disso.

Mas no respeitante à arqueologia... Para muita gente, a maioria dos achados arqueológicos não passa de 'pedras velhas'. O que é que torna essas 'pedras velhas' tão importantes?

Um dos aspectos da investigação arqueológica tinha até hoje uma função: a da investigação científica. Um grupo fazia a escavação, encontrava qualquer coisa, fazia a planta do que encontrava, desenhava, recolhia o que tinha a recolher e ia-se embora. Para onde? Para um gabinete de investigação, normalmente nas Universidades, em Lisboa, Coimbra, no Porto, e os objectos - na melhor das hipóteses - iam para um museu, algures numa daquelas cidades. Ou seja, o sítio que tinha fornecido os elementos nem sequer contava, não tinha importância; era cartografado, posto em mapas e eventualmente saía referido numa publicação científica, esotérica, lida pelos especialistas. Nós somos obrigados a fazer isso e esse é também o nosso papel, mas além desse trabalho - é o nosso compromisso com a região - publicamos através de museus.

Ao organizar museologicamente um espaço arqueológico estamos a organizar de forma didáctica o que aquilo é, estamos a mostrar algo de forma compreensível. Isso é a museologia. Ao publi-

Muitas vezes, fenómenos da se não forem compreendidos, assimilados como elementos positivos, podem ser terra e destruição

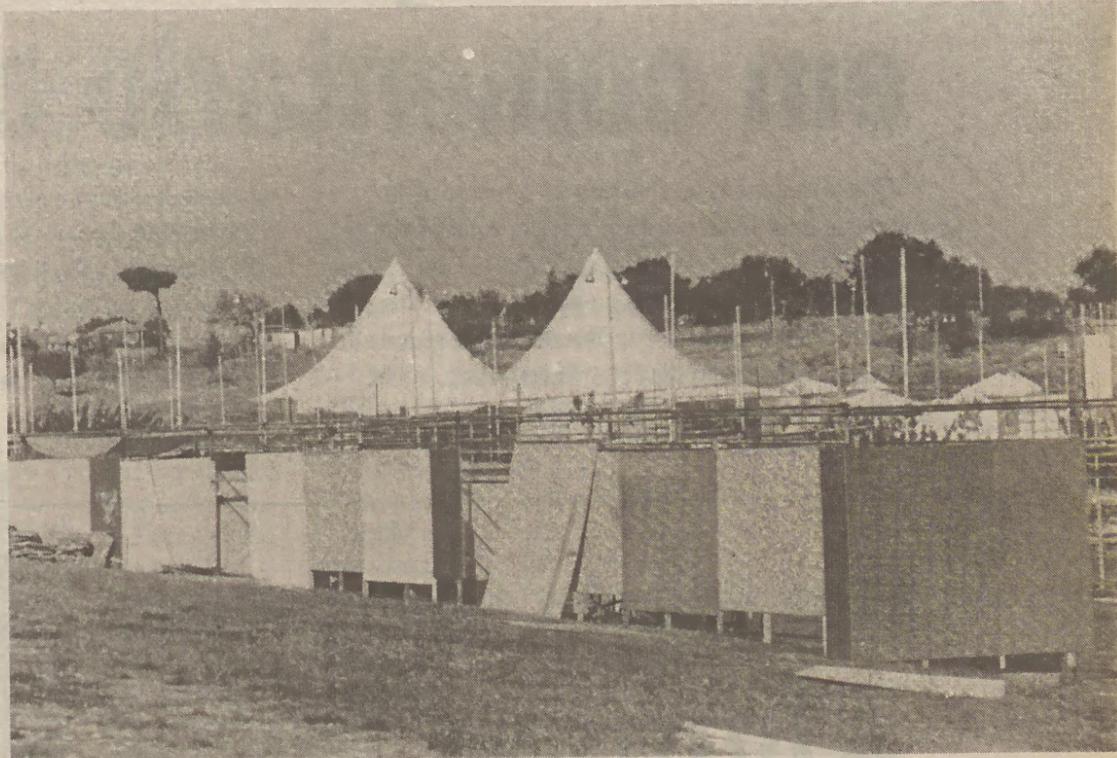
a festa! /

Avante!

Director
Carlos Brito
SUPLEMENTO Nº 4
18 de Agosto de 1994
Não pode ser vendido
separadamente

AMORA-SEIXAL
2, 3 e 4 SETEMBRO

Só faltam 15 dias



Já as formas se vão revelando no terreno da Atalaia, que aos poucos assume o ar de Festa. Mas só faltam 15 dias e o trabalho continua a ser necessário

Duas semanas apenas nos separam da abertura da Festa. No terreno compõe-se, com o trabalho de muitos — como mais uma vez foi o caso no passado fim-de-semana —, toda a complexa estrutura que prepara a Atalaia para a «invasão» de dezenas de milhares de visitantes. Até lá, há muito ainda a fazer. Ao trabalho, nos dias que faltam!

Neste Suplemento: Depoimentos de *Raoul-Jean Moulin* e de *Rui Mário Gonçalves* sobre a exposição «Que Viva Abril» • Os artistas da Festa • O País através das organizações do Partido • O desporto • Avanteatro • Livros & Discos

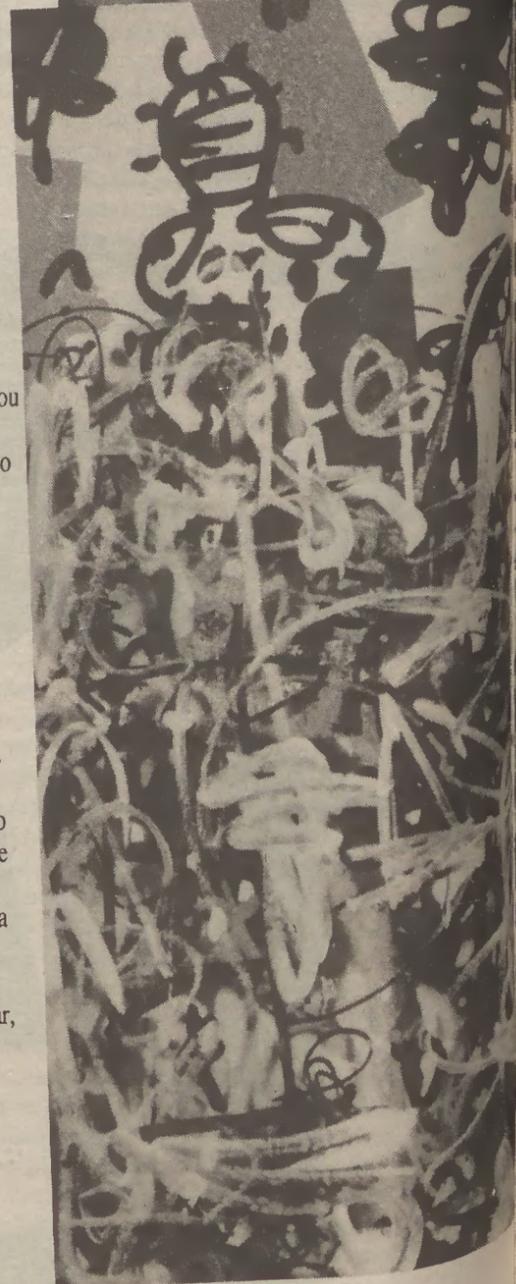
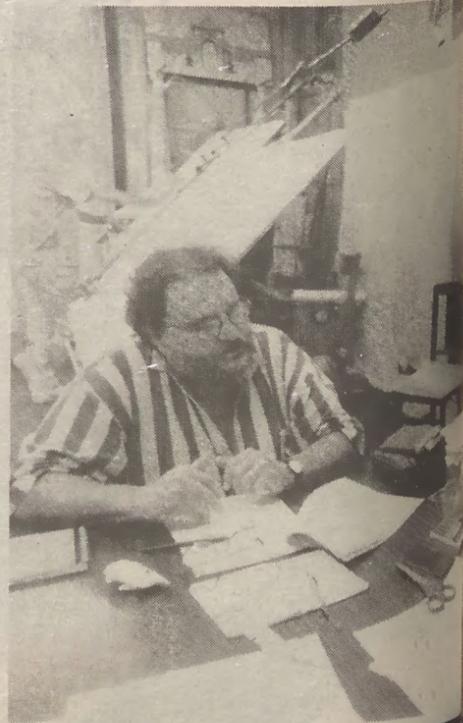
«Que Viva Abril»

A exposição em comentário crítico

«Que viva Abril», a exposição de cerca de meia centena de artistas plásticos que vai comemorar na Festa do «Avante!» o aniversário da Revolução e que seguirá depois para França onde será mostrada na Festa do «Humanité», está já a despertar grande interesse. Mesmo antes de ser inaugurada. Pelos nomes que reúne — 20 portugueses e 25 estrangeiros

de várias nacionalidades. Mas também pelas personalidades que a ela estão ligadas. É o caso de dois críticos de arte, o francês Raoul-Jean Moulin, secretário-geral honorário da Associação Internacional de Críticos de Arte, e Rui Mário Gonçalves. Pedimos a ambos alguns comentários acerca desta iniciativa.

Raoul-Jean Moulin, à esquerda, em conversa com Vítor Santos, do CC e da Direcção da festa



Rui Mário Gonçalves Algumas notas sobre a exposição



Rui Mário Gonçalves, o crítico português que colaborou com a Comissão de Artes Plásticas da Festa na organização da Exposição «Que viva Abril», aceitou elaborar para o nosso jornal algumas notas sobre o evento.

• Quando se decide fazer uma exposição destinada ao grande público, há tendência para abandonar a exigência da qualidade estética, em favor de parâmetros de aparente função política mais imediata. É um erro. Deve sempre solicitar-se a presença dos melhores artistas e das suas melhores obras. O que importa é criar condições de diálogo construtivo, para suprir o perigoso vazio das negociações baseadas na violência.

• Os artistas convidados para a Festa do jornal «Avante!», nos próximos dias 2, 3 e 4 de Setembro, foram convidados pelo seu valor intrínseco. E, como a finalidade da exposição é demonstrar a vitalidade e o bom nível da actividade artística dos últimos vinte anos, procurou-se que esses artistas possam representar todas as modalidades técnicas e as diversas tendências estéticas. Gravuras, desenhos, colagens, guaches, acrílicos, óleos, são modalidades técnicas bem dominadas pelos artistas convidados. A título de exemplo, cite-se o gravador Bartolomeu Cid, o desenhador Jorge Martins, o colagista Fernando de Azevedo, o guachista Costa Pinheiro, o experimentador de acrílico sobre papel Ângelo de Sousa, ou, sobre tela, Pires Vieira, ou, de óleo sobre tela, Rogério Ribeiro...

Nas diversas tendências estéticas, podemos comparar a ironia trocista de Costa Pinheiro com o humor sadio de René Bértholo; o sistematismo geométrico de Quadros Ferreira em contraste com o gestualismo espontâneo de Eurico Gonçalves; a taticidade das colagens de Ivo e de Pomar, francamente físicas, e a subtilidade visual das colagens de Fernando de Azevedo; a figuração minuciosa e culta de Jorge Pinheiro e Rogério Ribeiro, em confronto com a figuração esquemática de Sérgio Pombo; o decorativismo de Manuel Baptista e a «desmaterialização» visual do suporte na obra de Eduardo Nery, em busca da infinitude sublime. O sentido do ritual, tanto pode aparecer em obras de João Vieira como nas de Eurico Gonçalves. O mito colectivo «D. Sebastião» é ironizado por Costa Pinheiro, enquanto Álvaro Lapa revela a sua mitologia individual, introvertida.

• Numa exposição dirigida ao grande público, deve estar-se atento aos dados consensuais da crítica. Uma das características

da actividade recente portuguesa, em que há consenso, está no facto de não haver barreiras entre os artistas das diversas gerações. Certas pesquisas expressivas, tanto podem ser seguidas por artistas mais velhos como por artistas mais novos. Assim, a taticidade das grandes colagens de Pomar têm uma réplica no jovem pintor Ivo, embora com temáticas diferentes. Também é salutar ver, lado a lado, artistas nacionais e estrangeiros. Pode, por exemplo, comparar-se as colagens de Azevedo com as do checo Jiri Kollar; pode comparar-se os contornos marcados de Costa Pinheiro com as do italiano Adami; o claro-escuro dramático de Rogério Ribeiro com o do jugoslavo Veliicovic; a estruturação gestual da figura humana de Sérgio Pombo com a do espanhol António Saura ou a do chileno José Balmes; o humor infantilista de René Bértholo com a sátira do argentino António Seguí; o construtivismo óptico de Quadros Ferreira e de Eduardo Nery com o cinetismo do venezuelano Rafael Soto; o abstraccionismo actual derivado dos «suportes-superfícies» de Pires Vieira com o do francês Claude Viallat; a nudez do suporte da pintura executada como um ritual de Eurico Gonçalves com a apropriação pictural do não-pintado do francês Pierre Buraglio, ambos orientalizantes.

• Nesta problemática da relação entre o Ocidente e o Oriente, deve salientar-se a presença de dois célebres pintores: o francês Pierre Soulages e o chinês Zao Wou-Ki. Soulages é um dos grandes iniciadores do abstraccionismo gestual, com prémios importantes alcançados em França, Estados Unidos e Japão. Actualmente interessam-lhe mais os campos de cor negra. O chinês Zao Wou-

-Ki vive em Paris, onde foi amigo de Vieira da Silva, e, desde longa data, ficou fascinado com a pesquisa espacial de Cézanne. O paisagismo abstracto de Zao Wou-Ki conjuga o melhor da tradição aquarelista da China com o melhor da especulação intelectual francesa, na criação de um novo espaço pictural.

• Soulages e Zao Wou-Ki são bem conhecidos da elite cultural portuguesa, pois ambos tiveram exposições retrospectivas na Fundação Gulbenkian. Noutra instituição cultural, o Instituto Franco-Português, expôs recentemente o jugoslavo Veliicovic, que mostrou grande interesse em voltar a Portugal. Também noutra instituição cultural, a Cooperativa dos Gravadores Portugueses, deu-se a descobrir aos lisboetas, já nos anos sessenta, as colagens do checo Jiri Kollar, de intenso efeito óptico, com resultados por vezes cómicos, mas sem perda de subtilidade. A subtilidade da figuração fragmentada de Jiri Kollar, posta em confronto com a subtilidade espacial e simbólica do português Fernando de Azevedo, constituirá por certo uma excelente oportunidade para uma profunda meditação estética quanto às diversificadas possibilidades expressivas desta modalidade técnica. Em Jiri Kollar, assiste-se à importância das metamorfoses; em Fernando de Azevedo, enredamo-nos no desencadeamento das metáforas.

Estes são apenas alguns exemplos de problemáticas culturais que a exposição do jornal «Avante!» pode propor e elucidar.

• Dado o curto intervalo de tempo, três dias, dado o espaço relativamente pequeno, é notável que se tenha conseguido juntar vinte artistas

portugueses e vinte e cinco estrangeiros. O número vinte, para o conjunto português, foi escolhido em função do ajustamento de múltiplos factores: as diversas modalidades, as diversas tendências, numa economia que tendia para o número vinte. Por que não adoptá-lo, já que constitui uma amostragem significativa e coincide com os 20 anos do 25 de Abril? É um simbolismo admissível. Se, diante de cada um destes vinte artistas, o público se lembrar de outros, é um facto que confirma o que pretendemos demonstrar: a vitalidade da criação artística em Portugal nos últimos anos.

Raoul-Jean Moulin

«O testemunho dos artistas é o testemunho do seu trabalho»

Acabado de chegar a Lisboa, o crítico Raoul-Jean Moulin, acompanhado de Jeanine Moulin, sua mulher, encontrou-se com os camaradas Vítor Santos, do CC, e Luís Ralha, ambos membros da Comissão de Artes Plásticas da Festa. Um encontro que aproveitámos para obter do crítico francês alguns comentários sobre a exposição «Que Viva Abril». Revelando-se conhecedor da pintura portuguesa, Raoul-Jean Moulin disse-nos:

«A pintura contemporânea portuguesa é ainda hoje dominada pela figura excepcional de Vieira da Silva. «Vieira da Silva representa para os franceses toda a pintura portuguesa, o que é excessivo, mas temos que aceitar que é raro encontrar um pintor de tamanha envergadura, a tal ponto que os franceses têm orgulho de terem recebido no seu país aquela pintora que deu pelo nome de M. Vieira da Silva.

«Mas há outras referências, evidentemente. A passagem, por exemplo, de Bértholo, nos anos 60, por Paris, deixou marcas e ainda é recordada. «Este panorama tem de ser modificado. Há necessidade de mostrar com mais frequência o trabalho dos artistas portugueses no estrangeiro e em França em particular.

«Creio que a exposição que agora organizamos pode dar uma ajuda na modificação desta situação.»

Raoul-Jean Moulin falou-nos, depois, das razões por que aderiu a esta iniciativa:

«Penso que é fundamental apresentar a pintura fora dos lugares reservados para o efeito. Chamo-lhes mostras de excepção, quando se trata de lugares de grande

concentração de massas populares; considero que a manifestação da pintura atinge o seu grau mais elevado. «Já participei em exposições na Festa de «L'Humanité» e assim pareceu-me normal aceitar o vosso convite. Ter sido convidado a trabalhar convosco é para mim uma grande honra, tenho tido sempre muito respeito e admiração pelo povo português e pelo seu Partido Comunista. A ideia de marcar os 20 anos da Revolução de Abril com uma exposição de artes plásticas de âmbito internacional pareceu-me importante.

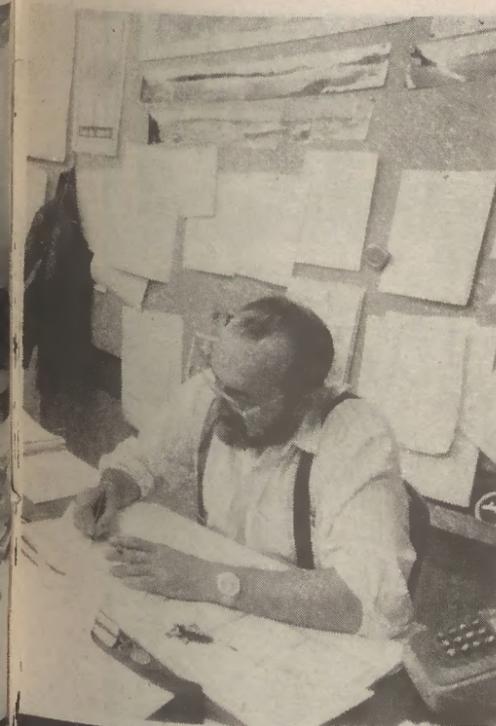
«Os acontecimentos que mudam a vida dos povos tocam sempre a vida dos artistas. É importante demonstrar que, para os artistas, testemunhar a sua solidariedade com a revolução dos cravos não é forçosamente fazer a representação gráfico-histórico-filosófica dos acontecimentos. «O testemunho dos artistas é o testemunho do seu trabalho.

«Não quero vulgarizar a comparação, mas não se pede a um padeiro para mostrar o produto do seu trabalho de antes e depois do 25 de Abril, simplesmente, o pão depois de Abril de 74 é bem melhor de comer!!! Quando Picasso pintou Guernica não representou a praça do mercado no dia do bombardeamento. Também Soulage e António Saura não vão substituir as

fotografias e os filmes que documentam a revolução dos cravos.»

Finalmente, o crítico francês comentou o facto de esta exposição vir a ser representada, na semana a seguir à nossa Festa, na Festa do «L'Humanité»: «Evocar o 25 de Abril de 74 na Festa do «L'Humanité» é uma manifestação normal, mas sublinhar os 20 anos do acontecimento com uma exposição internacional de pintura desta envergadura é ainda melhor e nunca foi feito.

«Ademais, para os pintores dos dois países, a sua confrontação com os colegas de outras nacionalidades propicia novos avanços no seu trabalho.»



• Um conjunto da mesma ordem de grandeza foi pedido ao crítico francês Raoul-Jean Moulin. Este crítico reuniu 25 artistas. Estes, juntamente com os 20 portugueses, figurarão no Seixal, na Festa do «Avante!» e, na semana seguinte, na Festa do jornal «L'Humanité». Todos quiseram juntar-se numa exposição comemorativa dos vinte anos do 25 de Abril, no Seixal e em Paris.

• É com plena exigência da liberdade de expressão e de criação, e com isento rigor selectivo que se deve mostrar a arte ao

grande público. Os artistas, os intelectuais e os trabalhadores manuais têm muito a lucrar no diálogo que passam a estabelecer trocando experiências e identificando-se como seres humanos. Não vale a pena falar das obras sem as ver. Não vale a pena vê-las sem pensar. A arte não é apenas ilustração de pensamento verbal. Ela fomenta o pensamento verbal e não só. Ela é exercício da sensibilidade que mobiliza a totalidade do ser humano. É tão importante distinguir o Belo do não-Belo, como a Verdade da não-Verdade, e como o Bem do que o não é.

A Festa do «Avante!»
é também

A festa do Teatro



Espaço eleito por grande número de visitantes da Festa é o «Avanteatro» que, de ano para ano, procura criar melhores condições para a fruição do Teatro. É a seguinte a programação deste espaço na Festa de 94:

Sexta, 22.30 - o Centro Dramático Intermunicipal Almeida Garrett (CDIAG) leva à cena a peça «Greensleeves», de Joyce Carol Oates, traduzida e encenada por Jorge Silva Melo e interpretada por Manuel Wiborg e Rafaela Santos.

Sábado, 17.00 - o grupo O Bando representará a peça «Afonso Henriques» e, às 22.00, a peça «Amanhã». À meia-noite, é a vez do grupo Cápsula apresentar a peça «Fausto» em teatro de marionetas.

Domingo, 14.00 - actuação do grupo Intervalo com a peça «O cabaret do conde/marquês»; e, às 22.00, encerramento da Festa do «Avanteatro», com a Companhia de Dança Contemporânea apresentando «Dançar Zeca Afonso».

Mas, este ano, as manhãs infantis do «Avanteatro» serão animadas, pela primeira vez, pela Companhia de Teatro de Bragança «O Teatro em Movimento», com duas das suas mais recentes criações: «História do guarda cabrito e do diabo manita» e «A Guerra Alimentar», no sábado, às 11.30; e ainda mais estória de robertos, no domingo, à mesma hora.



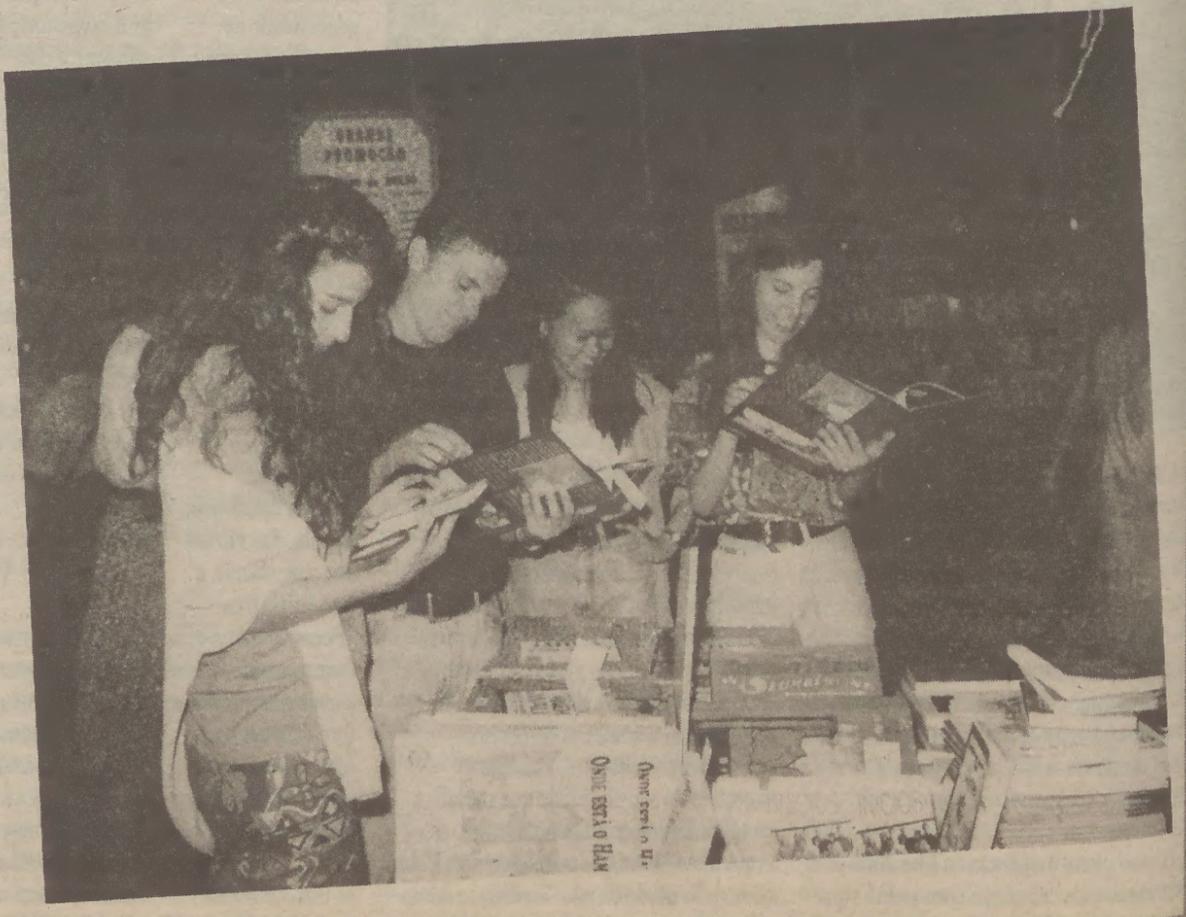
O Livro e o Disco na Festa

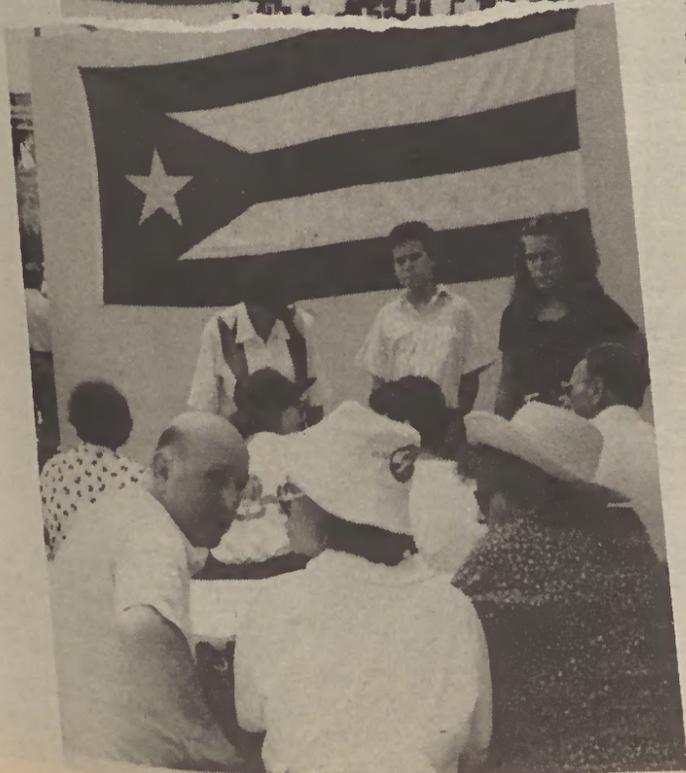
Na tradicional presença do espaço de divulgação e venda do disco e do livro, a novidade deste ano é a de que a área terá uma implantação diferente, instalada em duas tendas contíguas especializadas - uma dedicada ao livro e outra ao disco.

Uma das principais razões para esta renovada implantação reside no substancial aumento do número de editoras presentes em ambos os domínios da cultura e da arte e na ampliação dos espaços de animação para a presença, nos três dias da Festa, dos escritores e dos músicos que, para além de pequenas conversas com o público sobre as suas obras, as autografarão.

Duas obras de Álvaro Cunhal serão apresentadas no Centro do Livro - «Acção Revolucionária, Capitulação e Aventura», um lançamento deste ano na Festa; e uma reedição de «A Revolução Portuguesa, o Passado e o Futuro» para a qual Álvaro Cunhal especialmente escreveu uma nova introdução centrada sobre o 20º aniversário do 25 de Abril.

Mas, como é habitual, muitas outras promoções serão realizadas no Centro do Livro, entre as quais se destacam a da obra do grande poeta Ary dos Santos, pela passagem do 10º aniversário da sua morte, e ainda a promoção especial do livro «Grão de Milho», escrito por Fidel Castro - esta última incluída na campanha de Solidariedade com Cuba, um tema forte na Festa deste ano.





Os pavilhões do Espaço Internacional

Pontos obrigatórios para os milhares de visitantes da Festa são, todos os anos, os pavilhões do Espaço Internacional, cujos restaurantes e bares são dos mais procurados para a descoberta dos pratos tradicionais dos vários países. Este ano, estará em particular destaque a cozinha tradicional de Cabo Verde, China e Cuba - mas os bares de países de tendências gastronómicas tão diferentes como Moçambique, o Brasil ou a França têm ainda para oferecer ao visitante os seus apreciados petiscos e bebidas. Também habitualmente frequentado por numeroso público é o Palco Internacional por onde passarão, este ano, entre outros, artistas e grupos musicais oriundos da França, Cuba, Timor-Leste e Brasil, alguns dos quais apresentarão excertos de espectáculos realizados noutros palcos. Mas sem dúvida que é o debate sobre os grandes temas da política internacional que, neste momento de redobrada luta das forças progressistas em todo o Mundo, estará também no centro das atenções dos visitantes da Festa. Em particular, a grande campanha de solidariedade com Cuba Socialista, subordinada ao lema «Cuba, sim. Bloqueio, não!». Com dois objectivos principais: o material, na promoção de uma grande campanha de angariação de fundos que simbolicamente se destina a minorar os custos do bloqueio por parte dos EUA, e o político, na denúncia desse mesmo inqualificável acto da administração norte-americana, que dura há mais de trinta anos. Razões de sobra para a presença maciça dos democratas portugueses que estarão presentes na Festa.

Os colóquios no Forum da Festa

A exemplo dos anos anteriores, o Forum é um espaço de debate e reflexão sobre alguns dos principais problemas da actualidade política em Portugal e no Mundo. Para esta edição da Festa, estão programados cinco debates, cujo horário é o seguinte:



Sexta

21.30 - «Política e Comunicação: debate de ideias ou espectáculo?», que contará com as presenças de Vitor Dias, Aurélio Santos, Fernando Correia e José Garibaldi

Sábado

14.30 - «As responsabilidades sociais do Estado no domínio da saúde, educação e segurança social», com a participação de Edgar Correia, Manuela Esteves, Fernando Marques, Maria do Carmo Tavares e Paulo Fidalgo

17.30 - «Cumprir ou adular a Constituição?», que terá como intervenções iniciais as de Luís Sá, Carlos Brito, João Amaral e Américo Nunes

21.30 - «O desemprego não é uma fatalidade - as propostas do PCP para mais e melhor emprego», com a presença de Agostinho Lopes, Jerónimo de Sousa, José Ernesto Cartaxo, Luís Vicente Merendas e Francisco Vieira

Domingo

14.30 - «A Europa que queremos, a Europa por que lutamos», em que participarão Albano Nunes, Joaquim Miranda, Sérgio Ribeiro, Ana Serrano, Carlos Amaro e Carlos Carvalho

Os Espectáculos e os Artistas da Festa

Sexta-feira a abrir o Palco 25 de Abril



Um grande espectáculo de **Carlos do Carmo**

e a música de Cuba dos **Guajira Habanera**



festas à vontade!

**2 · 3 · 4
SETEMBRO**

**ATALAIA
AMORA
SEIXAL**

Últimas!!!

Festival de Rap

No sábado, no Auditório 1º Maio, os amantes do Rap, uma das mais recentes e originais músicas urbanas, vão poder vibrar com o «Festival» que lhes vai proporcionar uma das bandas mais em destaque na cena nacional - **General D** - cujo impacto já está a ultrapassar as fronteiras, com actuações marcadas, nas próximas semanas, para Londres. Num espectáculo de três horas, **General D** actuará com a Banda **Lindo Mona**, o vocalista **My Mona Jales** e, ainda, **Rap** e **ance**, e convida duas bandas ultimamente em voga nos meios **rap** portugueses: **Family** e **Líder da Mensagem**.

Jazz de vanguarda e Música Improvisada Moderna

Com presença habitual na Festa, o duo «**Telectu**» (com **Jorge Lima** e **Victor Rua**) destaca-se no panorama actual da música de vanguarda portuguesa como dois dos seus mais criativos e arrojados cultivadores. Desta vez com a participação especial de **Filipe Mendes**, a curiosidade da **performance** do «**Telectu**» vai para a mais que provável apresentação de algumas das obras constantes do seu último álbum «**Blombos**», gravado ao vivo em espectáculos realizados na **China**, em **Macau** e em **Hong-Kong**, em Maio de 1992.

Mas a estreia deste ano, neste campo da música, é o novo grupo «**O Legado da Desordem**» que, na apresentação do seu projecto afirma ser «o Jazz uma influência determinante» em que «a improvisação em cena é uma questão fundamental». Constituído por músicos já há muito conhecidos nas áreas da música de vanguarda - **Paulo Curado** (saxofones, composição e direcção), **Bruno Pedrosa** (bateria) e **Pedro Gonçalves** (contrabaixo) - o grupo vai apresentar «um trabalho sobre transformações». Ambas as actuações decorrerão no Auditório 1º Maio, depois das 18.00 horas. É a música do nosso tempo a descobrir.

JOHNNY CLEGG

HOLMES BROTHERS

BAND of HOPE

Ritual Tejo

CARLOS do CARMO

Amigos dos Namorados

Jorge Palma e Flak

GUAJIRA HABANERA

Maria Alice

Meninos d'Avó

Séptima Legião

Grupo de Gaiteiros de Lisboa

Luísa Basto

Geová Nascimento

peste & Sida

Carlos Martins

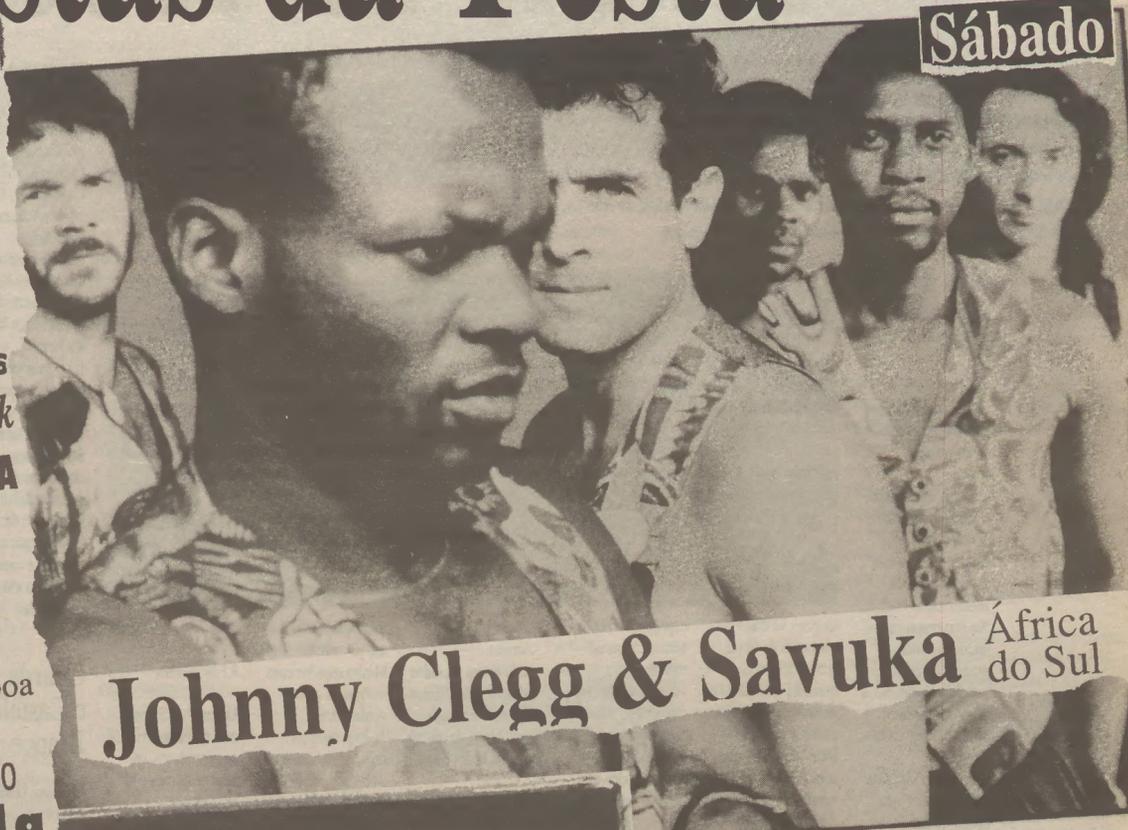
João C. Bom

UHF

Septeto de Tomás Pimentel

MÍSIA ... e muitos mais ..

Sábado



Johnny Clegg & Savuka África do Sul

Domingo

O Gospel e os **Rhythm'n'Blues** dos

Holmes Brothers



e a folk britânica da **Band of Hope** EUA

O País na festa

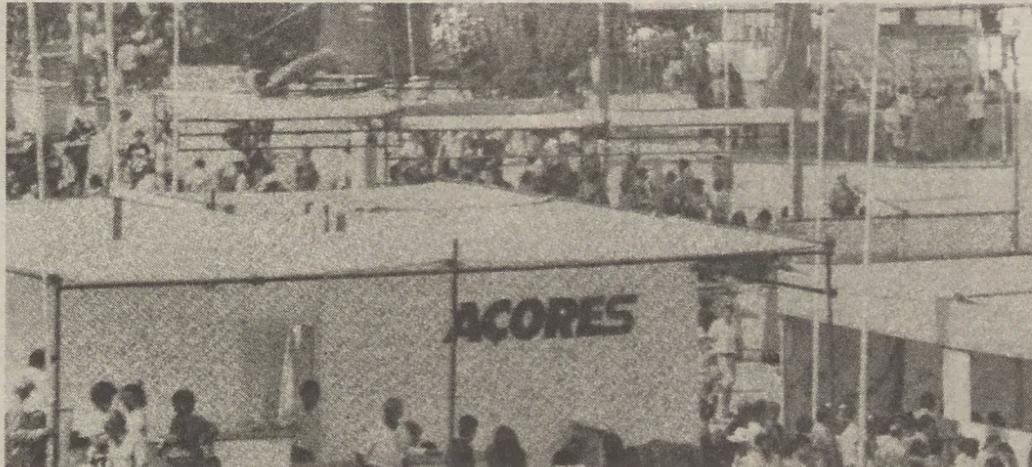
Na semana passada, revelámos já alguma coisa do que as organizações do Partido levam à Festa. Falámos de Aveiro, de Bragança, de Braga, de Coimbra, de Leiria. De moliceiros, de sabores, de vinhos, de varandas sobre a cidade, de vidro e de pão. Revelámos o que os camaradas comunicaram à nossa Redacção e que, como todos os anos, dá apenas uma pequena ideia do que vai ser realidade nos dias 2, 3 e 4 de Setembro, na Atalaia. Desta vez, dizemos mais:

Vila Real Oportunidade única

Mais uma vez, o distrito de Vila Real traz o que de mais genuíno há na região. Durante os três dias, o visitante encontra no espaço de Vila Real a gastronomia característica da região transmontana. No seu restaurante, encontraremos o guizote de javali, os canelos, o salpicão, a sopa de cebola e ainda o doce, cristas de galo. Este ano, o visitante da Festa, tem uma oportunidade única: comprar vinhos do Douro, e levar para casa o moscatel de Favaio, o vinho fino de Pinhão, a aguardente de Provesande e os vinhos de mesa de Alijó, Murça, Mesão Frio, Régua, Favaio e de Chaves.

Viseu A Cava de Viriato

A OR de Viseu participa na Festa com um espaço diferente do habitual. Em vez do tradicional restaurante, que nas últimas edições trouxe à Festa a genuína gastronomia da Beira Alta, desta feita, a «Cava de Viriato», que funcionará sensivelmente no mesmo local, será um espaço mais «radical», onde os adeptos do «asse você mesmo» encontrarão todas as possibilidades de darem livre curso à sua capacidade expressiva. Com efeito, a «Cava» terá à



disposição dos visitantes da Festa, febras de porco, barriga («tirinhas») e entrecosto, que poderão assar no local, devidamente sombreado e com condições de comodidade, privilegiando o convívio e a conversa. Para animar a festa, não faltará o «desmanche» do porco, ao «vivo», feito como ainda hoje se faz nas aldeias da Beira, o que ocorrerá em dois momentos – no sábado, dia 3, cerca das 17 horas, e no domingo, por volta do meio-dia. Entretanto, aqueles que continuam a preferir o «pronto-a-comer» podem também ser comensais na «Cava», pois podem requerer uma óptima chouriça caseira, de Cubea/Mangualde, cozida em vinho (ou na versão assada na brasa), um magnífico chouriço de javali dos Montes Hermínios cozido em vinho (ou assado) e ainda uma morcela beirã da Tia Lurdes (Mangualde) frita ou cozida. E tudo isto acompanhado com a autêntica e vestusta (embora fresca) broa de Vildemoinhos/Viseu. No que às bebidas diz respeito, para além na novidade no

espaço de Viseu que será a «imperial» manter-se-á a vertente tradicional, que voltará a trazer-nos os afamados vinhos da região. Assim, poder-se-á beber o bom vinho do Dão, tinto ou branco, das Adegas Cooperativas de Salgueiros e Penalva do Castelo, e também, para o

actuará no Palco-Arraial. Estão assim reunidos todos os ingredientes para se viver na Festa uma verdadeira festa da Beira Alta.

Viana O Alto Minho

O artesanato e a gastronomia do Alto



pareciador requintado, várias reservas e colheitas especiais da UDACA. Presentes estarão também os brancos de Lafões e o imprescindível «Terras do Douro». No espaço da OR Viseu será construído um fontanário de traça característica, que contribuirá com uma frescura bem a propósito para quem assou a sua febra de porco na brasa e bebeu o seu copinho de Dão. Prevê-se ainda a participação de um artesão de

Minho vão estar genuinamente representados na Festa. Na Adega de Viana do Castelo, a broa de milho de Ponte de Lima acompanhará as azeitonas de «curtidura caseira», a sanguinha, o chouriço caseiro de Argela (Caminha), o salpicão e o caldo verde. O sarrabulho «à moda de Ponte de Lima» será um dos pratos fortes que traz boas recordações a quem o conhece e conquista novos apreciadores. Os rojões com arroz seco e salada, ou só

no pão, ou no prato com broa e azeitonas serão uma constante nos três dias da Festa (a não ser que esgotem). Também o arroz de feijão malandro com bacalhau frito, e este só com broa e

Barroselas; os palmitos de Âncora; as mantas de «trapos»; os cobres de Caminha e de Cerveira; os coletes regionais; a tanoaria de Ponte de Lima. E muito mais.

St.º Tirso, a feijoada de marisco no bar de Matosinhos e de variados «petiscos» nos bares de Valongo, Gondomar, Gaia, Maia, Amarante e Penafiel, acompanhados com um bom vinho verde, e o Vinho do Porto no Solar do Vinho do Porto. É no «stand» do artesanato que encontraremos à venda os Barros de St.º Tirso, as peças em couro de Amarante, as filigranas de Gondomar, as mantas e camisolas da Póvoa e de Vila do Conde.

Porto O S. João

O distrito do Porto está na Festa, com os seus produtos, os seus costumes e as suas gentes. O 20.º aniversário do 25 de Abril será comemorado, com a existência no seu Pavilhão de um Arco, que teve a participação dos artistas Manuel Dias e Lardosa. A decoração de todo o Pavilhão é baseada nos festejos do S. João: a fonte das fontainhas, os balões, os arcos, os alhos pôrros, o colorido e as luzes, próprios dessa festa tão característica da cidade do Porto. As questões sociais e políticas do distrito e a actividade do PCP na região são temas a abordar na exposição política, que pode ser vista durante os três dias.

O «stand» de Solidariedade com Cuba é local de passagem obrigatória para todo o visitante da Festa. Na gastronomia portuense destaca-se a diversidade e a qualidade. Iremos encontrar as mais variadas sugestões, tais como as tripas à moda do Porto no restaurante O Tripeiro, o bacalhau com grão e frango de cabidela no restaurante de

Guarda e Castelo Branco

Este ano, Guarda e Castelo Branco vão ter um espaço comum, espaço que traduzirá a cultura, o património e a gastronomia dessa região. A actividade do PCP na região e o 20.º aniversário do 25 de



Abril são temas a serem abordados na exposição política, que poderá ser vista durante os três dias da Festa. O ponto de encontro obrigatório dos visitantes da Festa, é a Tasca Regional, onde poderemos provar o feijão com chispe, a orelha de vinagrete, a fevra na brasa e o caldo

verde. Tudo isto, acompanhado com os bons vinhos da região. Encontraremos à venda os produtos característicos desta região serrana, como o queijo da serra, o presunto de Castelo Branco, o chouriço de carne de Seia, as farinheiras de Gouveia e a broa de milho de Seia. O visitante poderá ainda provar os bons vinhos da Beira Interior: o tinto de Pinhel, o Meda de Vila Nova de Foz Côa e as aguardentes de Pinhel.

Santarém Sopa da pedra

Durante os três dias, o visitante pode saborear no restaurante de Santarém a típica gastronomia ribatejana. A sopa da pedra, o caldo verde

e o borrego à ribatejana, são pratos à disposição de quem por lá passar. Também por lá encontramos a doçaria regional: tijeladas de Abrantes, o pão-de-ló de Rio Maior e os bolos regionais de Torres Novas. No «stand» do artesanato, encontramos à venda





as mantas de **Minde**, os barros de **Santarém**. Estão organizadas excursões com partida de **Almeirim; Benfica do Ribatejo; Couço; V. Figueira/Alcanhões; S. V. Paul/Pombalinho; Pernes/Amiais de Baixo; Santarém/Almoster e Torres Novas/Alcanena**.

Lisboa Painéis de Abril

Como é habitual em anos anteriores, Lisboa vai estar representada com a sua cultura, património e gastronomia. No ano do vigésimo aniversário do 25 de Abril, Lisboa vai comemorá-lo com a pintura de 8 painéis alusivos à data, abordando os

Pelo enorme espaço de Lisboa, situado junto ao Palco 25 de Abril, pode-se gastronomicamente percorrer a região: da **Cervejaria de Lisboa** com o camarão e a salada de polvo, no **Bar da Amadora** com o creme de marisco e os caracóis, na **Bodeguita de Oeiras**, com os cachorros e o prego na pedra, no **Restaurante de Vila Franca de Xira** com a caldeirada à Fragateira, nos **Grelhados de Lisboa**, com as espetadas, a morcela assada e a entremeada. Tudo isto acompanhado pela imperial e os bons vinhos da região de Lisboa.

Para a sobremesa, o visitante encontrará na **Pastelaria do Oeste** os pastéis de nata e de feijão, confeccionados no momento.

com **Abril**. Para se refrescar nas noites quentes da Festa, nada melhor que os «cocktails» do **Bar da Tap, do Bê-Há-Bar** e do **Bar de Cascais**. O artesanato da região de Lisboa está presente com as **bilhas de Sacavém**, o pavilhão do **coleccionador (medalhística e numismática)**, os produtos agrícolas e vinhos. Estão a ser organizadas excursões com partida de **Cascais, Vila Franca de Xira e um vai-vem da Amadora**.

Setúbal Revolução de Abril

Setúbal está mais uma vez presente com o que de mais genuíno existe na região.

bonecos de pano e resina de **Grândola**. Para almoçar, jantar ou «petiscar», há muitos locais e ementas por onde escolher. Desde a caldeirada no **restaurante de Sines**, ao arroz de tamboril no **restaurante de Setúbal**, às enguias fritas no **restaurante do Seixal**, ao frango no churrasco no **restaurante da Moita**. Mas há mais. Para lanchar ou simplesmente cear,

comum, destacando-se um monumento de homenagem à luta do povo alentejano e à resistência. Os problemas com que se defronta o Alentejo e o seu povo, e a actividade do PCP na região, são abordados numa exposição «Alentejo, tesouro escondido» que será uma evocação ao património alentejano e às suas potencialidades. Do ponto de vista gastronómico destaca-se a

Estão a ser organizadas excursões com partida de **Mértola, Ficalho, Castro Verde, Aljustrel, Odemira, Beja e Vidigueira (distrito de Beja); de Borba, Montemor, Portel, Viana do Alentejo, Estremoz, Alandroal e Arraiolos (distrito de Évora); e de Ponte de Sôr, Montargil, Foros de Arão, Portalegre, Crato, Nisa e Elvas (distrito de Portalegre)**.

região. Na **Marisqueira** — camarão, sapateira, perceves e ostras —, no **Restaurante**, arroz de marisco, no pavilhão «Artesanato» — cataplanas, louças regionais (de Almancil e outras proveniências), cestos de cana, empreitas da serra algarvia, bem como o medronho, amêndoa, figo, bolos de amêndoa, doce de figos e D. Rodrigues. Há ainda um cocktail-bar com variados cocktails. Os problemas e a situação do Algarve, as posições e a actividade do PCP são abordados numa exposição. Nesta altura já estão em organização excursões com partida de vários pontos da região para a Atalaia.

Podemos provar, no **Bar dos Açores**, morcela com ananás, linguça com inhames, polvo regional, batatas com pimenta e sandes de queijo de S. Jorge, entre outras iguarias. Para saborear tranquilamente em casa vão estar à venda as especialidades da região, como o vinho verde, o vinho de cheiro, o licor de maracujá, o chá da Açoriana, o mel, o ananás e o queijo de S. Jorge.

É uma ótima oportunidade para se encontrar o precioso artesanato. Neste espaço, haverá peças feitas em miolo de figueira e escamas de peixe, vimes, bordados, aventais de garrafa, cerâmica de **Lagoa** e barro cozido de **Vila Franca**.

A Região Autónoma dos Açores apresenta ainda uma vertente cultural com duas exposições, uma sobre o Turismo nos Açores e outra sobre o V Congresso Regional do PCP.

Madeira Arraial

Num espaço próprio, a condizer com a região, a Madeira traz os seus costumes e os seus produtos típicos.

Na gastronomia madeirense, destaca-se a diversidade e a qualidade do serviço. O **Arraial Madeirense** tem como especialidade a espetada regional e serve ainda carne de vinho e alhos, o bolo do caco e a sopa de trigo. Também aí se encontram à venda o vinho da Madeira, a poncha, aguardentes e licores regionais, o bolo e as broas de mel, rebuçados de funcho e de S. João.

No «stand» do artesanato, encontramos os vimes, chapéus, brinquinhos, embutidos e bonecos característicos da Madeira. O **Arraial Madeirense** será o ponto de encontro dos naturais desta ilha residentes no continente e dos próprios continentais que, na sua maioria, raras vezes terão oportunidade de apreciar devidamente os sabores e as cores das ilhas.



encontramos a marisqueira de **Sesimbra**, a «tasca» do choco frito, a «tasca» do porco e a «tasca» do tanceiro. Visitar a Festa é também uma oportunidade de comprar os produtos característicos da região. Encontramos o mel de **Grândola**, o moscatel de **Setúbal** e as tortas de **Azeitão**. Há excursões organizadas com partida do **Barreiro, Palmela, Moita, Grândola e Setúbal**.

diversidade e a qualidade do serviço. Podemos saborear o ensopado de borrego, nos **restaurantes de Évora, Beja e Portalegre**, os enchidos de Estremoz e os queijos de Évora na **Adega regional de Évora**, a orelha de porco com coentros no **Bar de Beja** e os vinhos de terras do baco, adega cooperativa de Portalegre no **Bar de Portalegre**.

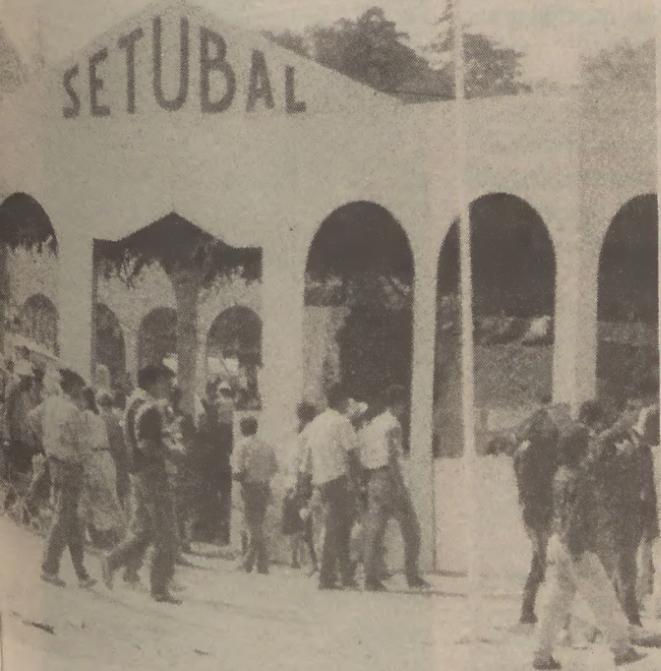
No «stand» do artesanato, encontramos os **barros de Beringel**, as mantas de **Castro Verde**, os tapetes de **Arraiolos**, os **capotes alentejanos de St.ª Eulália** e os **bordados de cabedal de Aviz e Monforte**.

Algarve Sabores do mar

Num espaço próprio, com uma localização privilegiada — mesmo em frente ao palco principal, o Palco 25 de Abril —, o Algarve traz à Atalaia o que de mais genuíno e saboroso há nesta

Açores Ponto de encontro

O Pavilhão dos Açores será um ponto de encontro dos naturais do arquipélago mas também da maioria dos continentais, que raras vezes terão oportunidade de apreciar devidamente as cores e sabores das ilhas. Na gastronomia açoriana, destaca-se a diversidade e a qualidade da oferta.



seguintes temas: a luta contra o fascismo, as conquistas de Abril, a aliança Povo-MFA, uma nova política. Também a **Solidariedade** está presente: em «stands» próprios, o visitante pode solidarizar-se com o povo cubano e as comunidades africanas.

Mas como a Festa pressupõe convívio e alegria, é obrigatório passar pelo **Café-Concerto**, ouvir a boa música brasileira, africana e cubana, e assistir no **Palco Lisboa** ao «Espectáculo recordar Ary, no 20.º aniversário da Revolução de Abril» e à noite «Lisboa com o Fado — Fado

Durante os três dias da Festa, poderá ser visitada uma exposição sobre «A revolução de Abril e as suas consequências no distrito». O artesanato está presente. No respectivo «stand», encontramos à venda o vestuário em pele de borrego, os

Alentejo Luta e resistência

Este ano, os três distritos alentejanos — **Beja, Évora e Portalegre** — partilham um espaço



Avantejo é já no domingo A Festa e o rio

A Quinta da Atalaia, Amora, Seixal, é um espaço privilegiado banhado pelo rio de águas tranquilas que se querem cada vez mais azuis. É neste sentido que a Festa do Avante se relaciona com o rio, no sentido de o preservar e de revelar o que ele tem de melhor através do convívio, do desporto, enfim, da Festa.

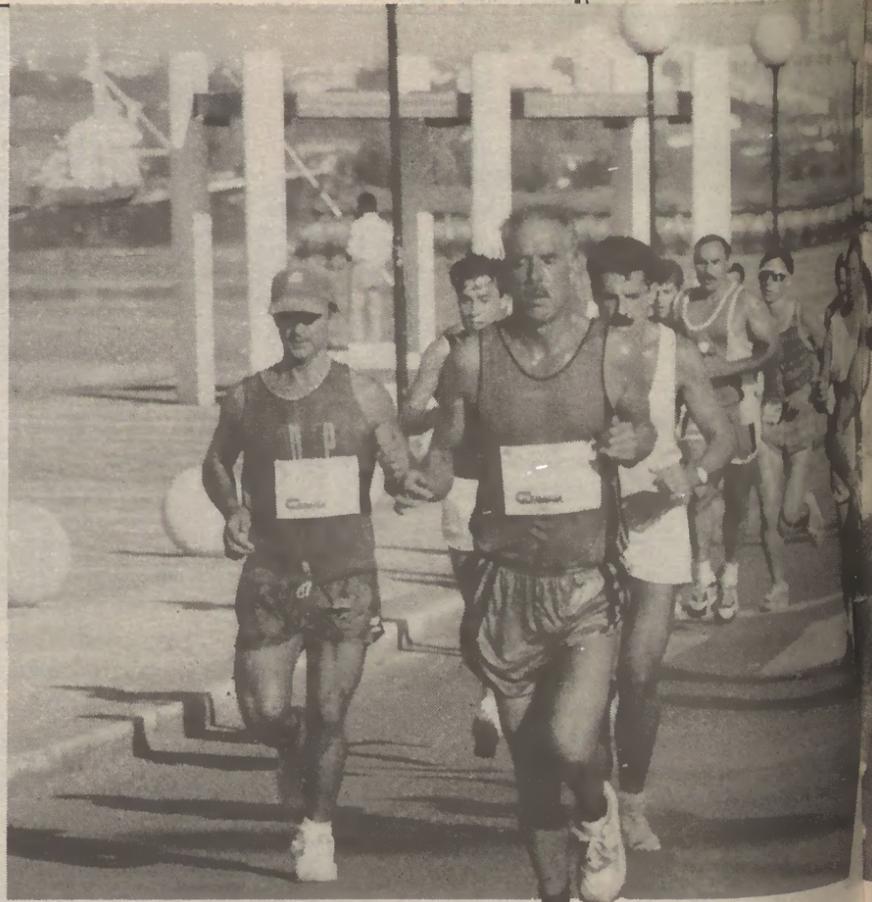
No âmbito do programa de animação desportiva da Festa do Avante realiza-se, no próximo domingo, o Avantejo 94, uma iniciativa da Comissão de Desporto da Festa do Avante com a colaboração da Associação Náutica do Seixal e o apoio da Associação Náutica Amorense. Trata-se de um Circuito de Turismo Náutico para todo o tipo de

embarcações de todas as categorias.

O percurso é de, aproximadamente, 8 quilómetros, com partida às 15 h do Cais da Associação Náutica do Seixal (frente ao jardim) e chegada ao mesmo local. Pelo caminho há cinco pontos de paragem com provas de natação, «caça ao tesouro», tiro com dardo, etc.

Os prémios serão entregues uma hora após o final da prova durante um lanche-convívio a realizar na Quinta da Atalaia.

As inscrições podem ser feitas até às 14h30 de domingo na Associação Náutica do Seixal ou por fax (01 796 98 97), até dia 19 de Agosto, para a Comissão de Desportos da Festa do Avante.



Atenção, atletas! Médico aconselha...

Solicitado pela organização da Corrida da Festa, o dr. Luís Horta, investigador no domínio da medicina desportiva, formulou alguns conselhos úteis para todos os que praticam desporto. Este antigo atleta de alta competição do SLB, faz actualmente parte da equipa médica do clube, sendo um participante e apoiante regular da Corrida da Festa, desde a sua 1ª edição, em 1987, ano em que obteve o 2º lugar na prova.

Luís Horta começa por salientar:

«A prática do exercício físico regular é muito importante para a conservação da saúde e para retardar o processo normal de envelhecimento. Aquele que mantiver uma actividade física regular ao longo dos anos, tem não só uma melhor qualidade de vida, mas também uma menor incidência de determinadas doenças, que afligem e vitimam a sociedade actual. A importância da actividade física regular na prevenção das doenças cardiovasculares é um reflexo do que acabámos de afirmar. «Na problemática da prática do exercício físico regular em Portugal, estamos preocupados com duas situações particulares:

- Indivíduos que iniciam a prática do exercício físico regular sem a execução de um exame médico prévio. Muitas doenças são silenciosas numa fase inicial (como a hipertensão arterial, por exemplo) e embora não contra-indiquem a prática do exercício físico, este deverá ser adaptado à situação particular em causa;
- O exercício físico regular deverá ser adaptado aos condicionamentos individuais de cada pessoa, não havendo benefícios de actividades muito intensas e de carácter competitivo em determinadas idades, como vemos acontecer frequentemente nas corridas de estrada. O exercício físico regular é importante para a preservação da saúde desde que seja tomado na dose certa. Boa corrida!»

■ Luís Horta



Luís Horta na 1ª edição da Corrida da Festa do «Avante!»



É SÓ DESPORTO!...

Atraindo uma enorme massa de praticantes e entusiastas, o desporto tem na Festa deste ano muitos motivos de interesse.

O Boxe vem de Cuba com uma equipa de pugilistas que defrontará atletas nacionais durante a noite de sábado, num ringue montado no Espaço do Desporto. Na sexta-feira, no polidesportivo da Atalaia, haverá exibição de patinagem artística, um sarau de ginástica e uma exibição da master classe de aeróbica orientada pelo prof. José Sabbo, com convite à participação dos visitantes da Festa. No ano do Mundial de Futebol, esta modalidade é a que terá maior número de prova nos três dias da Festa. Para além de exibições de equipas femininas, lá se disputam ainda oito

finais do Torneio de Futebol de Salão da Festa do «Avante!» que envolveu 101 equipas.

De salientar também o desporto para deficientes que terá futebol de cegos, basquetebol em cadeiras de rodas e xadrez para cegos, provas que têm o apoio da Federação do Desporto para Deficientes. Sempre muito concorridos são os jogos populares, os torneios de malha, as damas e o xadrez, que mais uma vez vão reunir grande número de adeptos.

O Trialto é uma modalidade exclusiva da Festa e é constituída por provas de escalada, tiro e xadrez, aberta a todos os jovens a partir de 15 anos. Realiza-se este ano no domingo. Ainda no âmbito da programação de animação desportiva da Festa, tem lugar, no dia 21 de Agosto

o Avantejo 94, que este ano propõe um circuito náutico com oito pontos, sendo aberta a embarcações de todas as categorias (ver peça em cima), e em 28 de Agosto, o passeio de cicloturismo, que compreende uma distância de 50 quilómetros entre Seixal-Almada-Seixal.



A duas semanas do tiro de partida Inscritos mais de 500 atletas e 50 equipas

Segue a bom ritmo a preparação e organização da Corrida da Festa, que regista um constante aumento do número inscrições. A pouco mais de duas semanas do tiro de partida, já se encontram registados mais de 500 atletas e um total superior a 50 equipas.

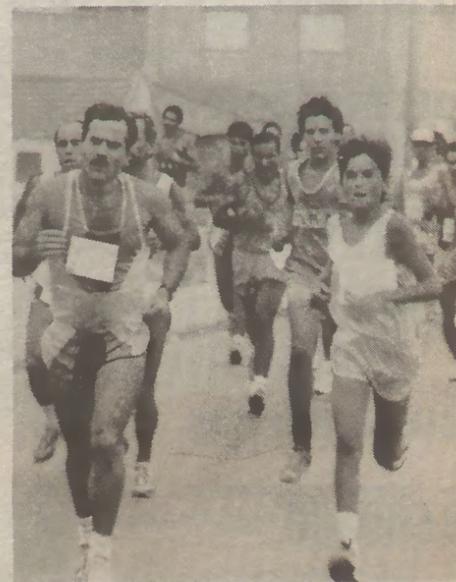
Destacam-se as inscrições dos vencedores das edições anteriores da Corrida, caso de Fernando Fernandes, atleta do Xistarca, vencedor da edição de 1991, José Soldado, atleta do SUC, que venceu em 1992, e Amílcar Duarte, vencedor da prova do ano passado. Estão ainda inscritos a veterana Umbelina Nunes, do UDRCP, e o veterano Armando Aldegalega, do SCP.

Este ano é director da prova o Prof. António Vilela, fazendo parte, da Comissão Organizadora, Eugénio Costa Lourenço,

e 50 equipas

Carlos Marques, Manuel Vieira, Pinto Claro, António Borges, Rafael, José Carlos, Antonieta Lourenço, Luís Rijo, António Ângelo, Maia, Rita, Farinha, Victor Reis, Laura e Victor Alves.

Recordamos que as inscrições são gratuitas e podem ser efectuadas até ao dia 26 de Agosto para: «Corrida da Festa do Avante!», Av. António Serpa, 26, 2º Esq. 1000 Lisboa - tel. 793 09 73 ou pelo fax 796 98 97.



Eles apoiam a Corrida

Victor Reis
Consultor informático
Eleito na AF de Charneca
Membro do Caparica CB

«Tenho participado na Corrida da Festa desde a sua primeira edição, integrado na equipa de rádio assistência do Caparica CB, que garante as radiocomunicações de organização, segurança e socorro. Tal facto tem-me dado a possibilidade de verificar o excepcional ambiente que envolve quer os participantes, quer população em geral que assiste à prova, transformando esta corrida numa grande festa. É extravasar para as ruas e estradas o ambiente solidário que se vive na festa do «Avante!».

Caleia Rodrigues
Vereador do Pelouro do Desporto da CM de Lisboa

A Corrida da Festa do «Avante!», um dos assinaláveis acontecimentos desportivos nacionais, volta à estrada no dia 4 de

Setembro, para juntar, mais uma vez, num são convívio, atletas federados e amadores de todas as idades e de ambos os sexos. Com este evento, que conquistou um lugar de honra no programa deste grande certame cultural, anualmente reafirmam-se importantes princípios defendidos e preservados desde o 25 de Abril de 1974. A prática desportiva, até aí seguida, definhava. E a nova proposta desportiva alternativa surgiu. A Constituição Portuguesa passou, então, a consignar a prática desportiva como um direito fundamental do cidadão. Uma prática que se assumia como forma de expressão cultural e em que o cidadão agia associativamente na defesa das mais amplas liberdades do ser humano, na sua vertente «homo politicus», consequentemente intervencionista no desenvolvimento e acção das massas. É nesta perspectiva que o desporto, nas suas mais variadas formas organizativas e estádios de desenvolvimento quantitativo e qualitativo, ocupa o

lugar que ocupa na Festa do «Avante!», onde a Corrida da Festa é mais um exemplo de uma prática física desportiva correcta e alargada a todos. Esta prova de estrada que conta com a vossa participação é isso mesmo - a afirmação constante e consciente de um povo, que apesar dos repetidos ataques à democracia e liberdade, teima em lutar pelos seus direitos.

Amílcar Duarte
Atleta do SCP

Como participante, especialmente como vencedor do passado ano, vejo esta prova como um exemplo em organização, método e convívio por parte de organizadores, dirigentes e atletas. Relativamente ao piso, considerando as características da área onde a mesma se realiza, acho que é excelente. Quanto à organização, penso que existe um grande esforço em melhorar, o que, julgo ser a opinião geral, tem conseguido. No que concerne à data em que a prova

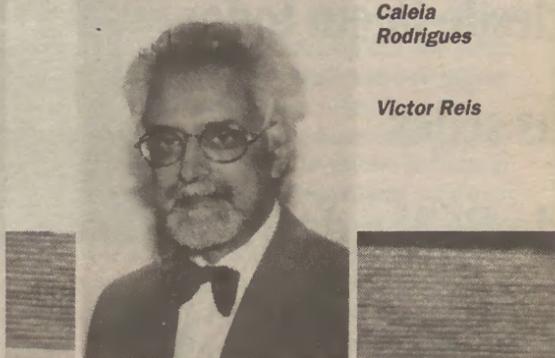
se realiza, não obstante o calor próprio da época, penso que não poderia ser outra, uma vez que a mesma faz parte da festa do «Avante!», sendo por isso conhecida por todos como «Corrida da Festa». É minha opinião que é uma prova a manter no futuro, sendo desejável uma maior participação de atletas, para além da verificada até aqui, independentemente dos prémios atribuídos e que regra geral são do agrado de todos».

Prof. António Barata
Membro da equipa técnica da Federação Portuguesa de Atletismo

Integrando desde sempre o programa de uma das duas maiores manifestações culturais do nosso país como é a Festa do «Avante!», a corrida de atletismo que aí se disputa marca de facto a reentrada na nova época atlética e o reencontro de muitos praticantes após o período de



Prof. António Barata Amílcar Duarte



Caleia Rodrigues Victor Reis

férias. Perfeitamente identificada com o carácter verdadeiramente popular que caracteriza a Festa do «Avante!», a Corrida constitui um importante meio de divulgação do atletismo e do desporto em geral, numa perspectiva realmente democrática, de convívio e confraternização. Numa época em que o mercantilismo invade de forma generalizada o

desporto e muito particularmente o Atletismo, a Corrida da Festa do «Avante!» consegue mobilizar um conjunto de participantes que vão desde os populares aos atletas federados de elevado nível e cuja motivação é tão-só o prazer de participar e conviver. Nesta perspectiva, a corrida da Festa do «Avante!» de 1994 será certamente mais uma vez uma grande afirmação do

valor da prática desportiva como meio de confraternização, bem-estar e aproximação entre os homens.

A EP

(entrada permanente) para os três dias da Festa custa apenas 1600\$00 e pode ser adquirida desde já em todas as sedes do PCP e da JCP



ENTRADA

festa
Avante!

Juventude é Festa

Mais uma vez, a juventude vai estar presente na Festa do «Avante!», com a sua irreverência e o seu talento. O emprego e o desemprego juvenil, o racismo e a luta anti-racista e a solidariedade entre os povos, são preocupações que os jovens vão levar à Festa, nos dias 2, 3 e 4 de Setembro, na Quinta da Atalaia, Amora, Seixal.

No espaço «Pelo Emprego», encontraremos uma exposição sobre o tema «Sem emprego nada feito», a campanha «voto pelo emprego» que se traduzirá em urnas espalhadas pelo recinto da Festa, prontas a receber os «votos» dos visitantes e ainda a edição de uma *t-shirt* alusiva ao tema.

O racismo e a luta anti-racista é o tema para uma exposição na Galeria Satélite e para a intervenção plástica na Esplanada da Juventude.

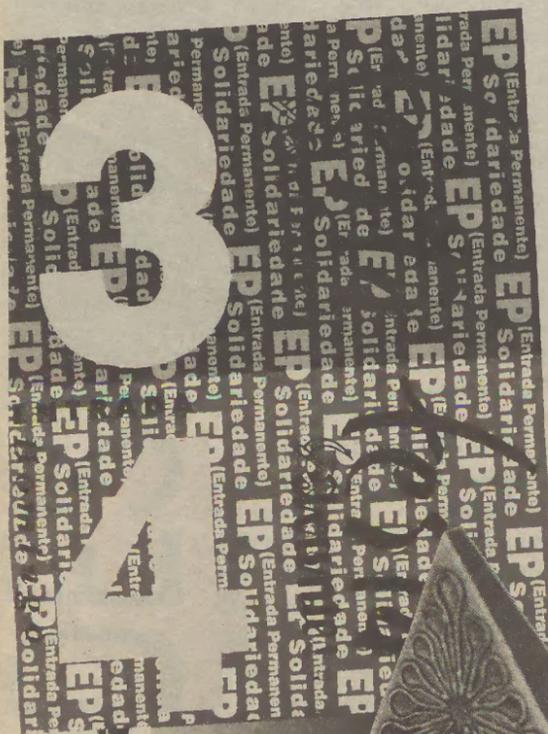
Solidariedade é um sentimento sempre presente na Festa. Solidariedade com Cuba e com Timor-Leste. E a Juventude contribui com a edição de *t-shirts* que serão postas à venda na Quinta da Atalaia. A **luta juvenil**, durante este ano, será ilustrada com uma sequência fotográfica e com a edição de um autocolante «Vale a pena lutar». Os visitantes da Festa poderão ainda ver uma exposição de trabalhos premiados em edições anteriores do concurso de fotografia «Tomar a Iniciativa».

Para comemorar o seu 20.º aniversário do 25 de Abril, iremos encontrar no Espaço Juventude a pintura ao vivo de painéis alusivos à data, aberto à participação de todos os jovens.

Mas há mais novidades: a estampagem de camisolas, os matraquilhos e o bar esplanada, são espaços que a Festa põe à disposição dos jovens para o convívio e o divertimento. À semelhança de anos anteriores, estarão presentes os artesãos de cerâmica, a tecelagem e as bijuterias, tão do agrado dos visitantes da Festa. O Espaço Juventude na Festa é um espaço de afirmação, de solidariedade, de convívio e de luta e está aberto a todos os jovens visitantes.

A Medalha da Festa

A assinalar a XVIII Festa do Avante, será editada uma medalha, em bronze pintado, da autoria do escultor José Aurélio, que ofereceu o respectivo projecto. A medalha, realizada a convite da Direcção da Festa do Avante, tem uma edição limitada de 500 exemplares numerados e assinados pelo autor, e pode ser adquirida na Festa pelo preço de 2500\$00. Estará à venda, durante a Festa, nas bancas do Espaço Central e do Espaço dedicado à Organização e Imprensa do Partido, entre outras. Quem preferir, pode, no entanto, adquirir desde já a Medalha da Festa do Avante/94, por 2250\$00, no CT da Socieiro Pereira Gomes, no CT da António Serpa e mesmo na Atalaia. Os pedidos de reserva podem ser feitos para o Gabinete da Festa do Avante, no CT da António Serpa.



festa do Avante!
2.3.4
SETEMBRO
ATALAIA - AMORA - SEIXAL



futuro

Entrevista com Cláudio Torres

Texto Anabela Fino
Fotos Sérgio Morais

car o resultado de uma escavação numa revista da especialidade, desempenhamos uma função, mas que não exclui esta aqui na zona, que consiste em voltar a dar às pessoas a sua própria imagem, a imagem do passado mais recente ou afastado.

Arqueologia e turismo: um binómio cada vez mais frequente. O turismo é o futuro da arqueologia?

Foi sempre. Não há arqueologia ou não há História sem mirões... É preciso ser visto...

Precisamente, senão nem sequer existe. Não faz sentido descobrir coisas para as esconder, embora se seja obrigado a fazê-lo, nalguns casos, por exemplo com papéis. Há gravuras antigas que não se podem

parte da vida de todos nós. Cada um sonha vir a descobrir, para além do pote das libras - o que qualquer pessoa normal espera vir a encontrar seja no totoloto seja no outro -, outros prazeres mais pequeninos, através de objectos ou de pedras... Mas hoje isso passa-se numa escala muito mais humilde, aquela humildade que advém de uma série de anos de cabeçadas no chão. A partir daí já não estamos à espera de grandes descobertas fundamentais do homem, mas sim muito prosaicamente à espera de coisas pequeninas. Hoje, por vezes, é mais importante encontrar um caroco de azeitona numa certa situação histórica do que cinquenta moedas de ouro, porque isso nos vem dar uma prova histórica de algo que não se conhecia. Quem diz um caroco de azeitona diz uma sementinha de uma planta que se pensava que não era utilizada e afinal era utilizada e talvez fosse mesmo fundamental do ponto de vista alimentar.

Quem se interessa hoje pela exploração arqueológica, fora do âmbito da atracção turística?

O interesse está a aumentar e não é só uma questão de moda. Há uma apetência pelos fenómenos da arqueologia, até porque a arqueologia não é o que era há alguns anos atrás; hoje é uma ciência estreitamente ligada a muitas outras. Actualmente não é possível fazer arqueologia sem equipas de sociologia, de antropologia e outras.

Nós estamos justamente a preparar um projecto de investigação de vanguarda que vai tocar em ciências totalmente diferentes e que pouco tinham a ver até agora com a arqueologia, como é o caso da genética. Temos uma hipótese histórica: que nestes territórios aqui do Sul as populações sofreram um fenómeno fortíssimo de continuidade civilizacional; muito mais a continuidade do que a ruptura devida à invasões. Desconfiamos, por exemplo, de que o fenómeno da islamização do Sul é um fenómeno interno, ou seja, muito mais importante pelas massas de gente que se

adaptaram à nova religião do que conquistas militares ou de exércitos que invadiram o território.

Uma assimilação natural?

Nem sequer é assimilação, é a passagem normal. As tendências para se estar do lado do Poder, do que é mais forte, sempre existiram. E o Islão teve o Poder durante alguns séculos, pelo que é normal que a grande massa da população tenha virado para esse lado. Isso é um facto, como hipótese de trabalho; outro, consiste em tentar encontrar nas grandes necrópoles paleo-cristãs, depois islâmicas e depois outra vez cristãs, desde o século V ao século XVI, uma continuidade. Aqui em Mértola temos essa continuidade, de todos os esqueletos, de todos os cemitérios, cerca de mil e tal. Um exame genético sobre os ossos, o que há cinco anos era impensável, hoje não só é possível como perfeitamente factível através da análise da componente do ADN dos ossos; podemos determinar os grandes grupos genéticos e os grandes grupos familiares, e encontrar - ou não - famílias de continuidade que passam do cristão para o muçulmano e deste novamente para o cristão, o que é normal. Isto seria um estudo interessante que toca matérias que até agora não tinham nada a ver com a arqueologia.

Esta tentativa de colaboração com outras instituições, outros laboratórios e outras formas de investigação, pode abrir caminhos perfeita-

mente inusitados à própria arqueologia, atrair mais gente, despertar outros interesses que nada têm a ver com o andar com a picareta a abrir buracos no chão.

Esse interesse pelo passado tem a ver com o desencanto com o presente ou o medo do futuro?

Acho que sim, de certa forma, mas não propriamente entre nós. Creio que esse é um fenómeno terrível nas sociedades que não têm História ou têm uma História vazia, como é o caso da sociedade americana, que tem um passado demasiado presente.

Nesses casos, há uma sensação de vazio que cria uma não memória, por vezes dramática para a juventude. Nós sentimos isso. Estamos a trabalhar com duas universidades norte-americanas, uma de Albuquerque e outra do Arizona, que anualmente nos mandam jovens. É uma juventude estranha, de uma incultura quase enciclopédica. Não sabem nada! Não têm bases. Não têm passado. Nem o deles nem o de mais ninguém, obviamente. Por isso é difícil estabelecer o diálogo.

O mundo mediterrânico, por exemplo as culturas antigas - e quem fala do Mediterrâneo fala fundamentalmente também do Norte de África, das civilizações ditas hoje islâmicas e muçulmanas - com o seu passado fortíssimo, é decisivo hoje em função da sua própria juventude. Estamos, aliás, a senti-lo na carne; como se sabe, as terríveis lutas pelo Poder de certas regiões passam pela sua História, pela compreensão do seu passado. Temos a Bósnia, os restos da Jugoslávia, o que está a acontecer na Grécia com as Macedónias... Toda esta identificação nacional ou regional tanto pode conduzir a fenómenos da maior violência, como aos fenómenos mais ricos de identificação.

Muitas vezes os fenómenos da História, se não forem bem compre-

endidos e assimilados como elementos positivos, podem ser terríveis como armas de morte e destruição, como é o caso actualmente.

O ressurgimento do fundamentalismo islâmico tem que ver com isso?

É um pouco diferente; é mais

A História, o passado, os espaços, os territórios, os rios, são muito mais importantes do que aquilo que se pensava

uma resposta ao nosso fundamentalismo. Não podiam sobreviver como cultura senão fosse assim, em função do que nós lhes fizemos: nós estamos a fechar as fronteiras; somos nós, não são eles. Como é evidente, não têm como resposta se não identificar-se consigo próprios como qualquer coisa do seu passado. E a esse passado pode-se ir buscar tudo o que se quiser; eles estão a ir buscar um dos aspectos, do nosso ponto de vista, mais negativos, que é uma arma terrível e pode ter consequências dramáticas num futuro próximo.

Esse não diálogo, essa não compreensão de pessoas que foram sempre as mesmas, como se aqueles outros fossem outros, quando há cinco mil anos que é a mesma civilização de um lado e do outro, não faz sentido. Há uma ilógica nesta criação artificial da Europa, que a separa da sua estrutura geradora - o Mediterrâneo - e pretende ligá-la ao mundo do Norte com o qual nada tem a ver.

Estamos numa situação de pré-ruptura.

Como se encara o futuro a partir dessa perspectiva?

É muito difícil. Mas há uma certeza: a História, o passado, os espaços, os territórios, os rios, são muito mais importantes do que aquilo que se pensava. Até há pouco tempo pensava-se que bastavam quatro computadores e não sei quantas fábricas de produtos químicos e estava tudo resolvido, o progresso do homem estava feito. Afinal, estávamos errados.

O futuro passa por um regresso ao passado?

Não, mas passa por uma dialéctica entre as duas coisas, como sempre aconteceu e sempre acontecerá. Agora, anular completamente o passado, como a cultura americana, que o anulou porque não o tem - coitados -, porque não tem nem sabe nada do passado, é que não pode ser. Se um tipo os imita, o que é que fica? Eles gostam de *hamburguers*, está bem... que os comam, mas não obriguem a malta a comer isso!

Já não é líquido, como se pensava até há pouco tempo, que os avanços da técnica vão sempre resolver tudo e cada vez mais e o homem só avança em frente para um futuro luminoso

mostrar porque a luz as estraga e dá-se aquela situação de 'já viu?'... fechou, guardam-se muito bem guardadas...

Ou fazem-se réplicas...
Aí está! Faz-se uma réplica bem feita para enganar o parceiro e nem sequer se diz que é uma cópia. As pessoas vêem e ficam satisfeitas. Faz-se isso com as coisas frágeis e com as que têm grande valor, como os ouros e jóias...

Trata-se afinal de musealizar, teatralizar ou cenografar as coisas, dar-lhe uma lógica, uma sequência, uma história: esta peça veio dali, passou por aqui, qual é a sua função, por que é que veio aqui ter... A partir daí contou-se um romance e o visitante fica satisfeito, recebeu uma explicação completa. É esta a forma de fazer viver as peças.

Por falar nesta aventura que representa descobrir tantas coisas... Alguma vez se sentiu uma espécie de Indiana Jones à portuguesa?

Ser um Indiana Jones é um bocado complicado, nós não temos assim umas grutas porreiras... Evidentemente que há sempre uns resquícios que ficam no consciente ou no subconsciente sobre a descoberta de coisas inovadoras, o prazer de encontrar o nunca visto. Faz

tória,

os, is arte

Mértola

Dignificar o passado, construir o futuro

Organizar um espaço arqueológico é muito mais do que mostrar um achado. Trata-se, antes do mais, de explicar o que está ali - porque se não se explica ninguém se interessa e o achado fica indefeso, destruível, ao passo que quando se percebe há respeito - e simultaneamente, contribuir para a fixação das populações nas regiões de interior. Cláudio Torres explica porquê:

"A referência a um passado inteligível dá uma sobrecarga importantíssima de dignificação; quer dizer, a pessoa que sabe, que conhece, que o sítio, a casa, a estrutura, a cidade onde habita tem um passado tão importante como o de Lisboa ou o de Sevilha ou qualquer outro da mesma época, que vêm pessoas de longe para a visitar, tem uma sensação fundamental de orgulho pela sua terra. Esse fenómeno é decisivo, do meu ponto de vista, para a pessoa não se sentir frustrada e tentada a ir-se embora. Isso é, do ponto de vista político, o mais importante da acção histórico-arqueológica na região. Se esse fenómeno de compreensão do passado é acompanhado de toda uma dinâmica local ligada a esse acontecimento, trazendo visitantes, permitindo um enriquecimento através do turismo, etc., pode permitir também criar a outra componente de fixação que é, obviamente, a sobrevivência económica.

"Com as duas componentes, é possível começar a pensar em virar a tendência única e exclusiva de fuga para a Baixa da Banheira. É possível contrariar essa tendência, nas zonas de interior, através de uma dignificação do seu passado, fantásticamente rico nestas zonas do sul-qualquer burquinho

em qualquer lado permite descobrir coisas - e da forma de o mostrar, o que do meu ponto de vista é o mais importante: como de um triste e ranhoso calhaus se pode fazer uma lindíssima vitrine. É uma questão de arte, arte cenográfica, mais nada. Portanto, poder mostrar com dignidade, sabedoria e interesse qualquer coisa que se queira mostrar. A partir daí, estarão criadas as condições para uma certa viragem, que já está hoje a acontecer e não só aqui. Há um interesse enorme em todo o país de recuperação dos seus sítios, das suas igrejas, da sua memória... um certo passadismo inteligente que é resultado, creio, desta explosão que foi o 25 de Abril e se reflectiu no que considero ser a sua principal criação: o Poder autárquico, esse Poder que só pode existir se tiver uma região, a sua região, o seu município, para que ele exista tem que ter história, tem que ter passado, tem que ter uma justificação cultural. Cada município procura criar a sua própria existência, o que resultou numa movimentação espantosa a nível nacional; em qualquer lado se vê esse desejo, essa apetência."

A questão da água

É quase impossível falar do Alentejo sem falar de água, ou melhor dizendo, da falta dela. Que o problema não é novo, todos sabemos, mas o que muitos parecem ignorar é que a sua resolução passa também aqui por uma espécie de regresso ao passado, ou seja, pela reaprendizagem da gestão da água.

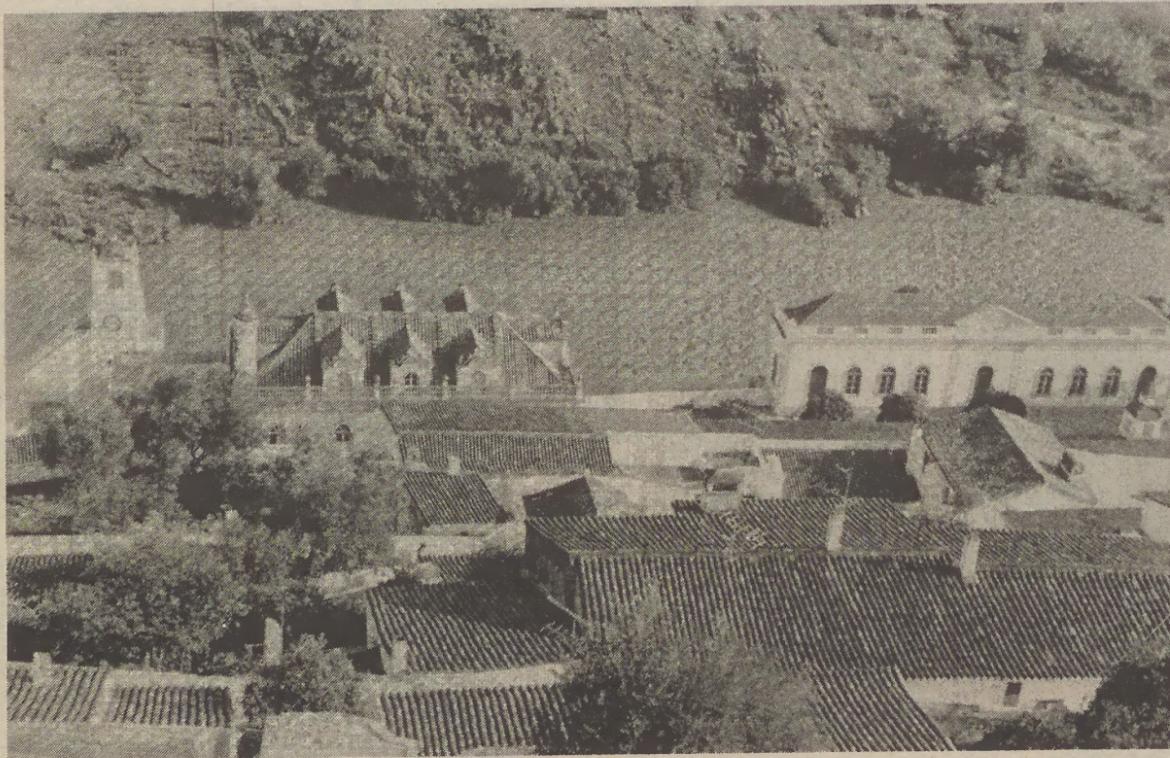
E a arqueologia, como afirma Cláudio Torres, revela-nos como as velhas civilizações do Mediterrâneo souberam enfrentar o problema:

"Andamos em desespero a gritar contra os espanhóis por causa da água, esquecendo que já há guerras de vida e de morte no mundo por causa da água. Temos o exemplo de Israel, da Jordânia, Turquia, Iraque e Síria, localizados num espaço onde, estou convencido, a próxima guerra será pelo controlo da água; ali, a água já está muito mais cara do que o petróleo!

"Trata-se de questões vitais para a própria sobrevivência do homem. E o que a arqueologia

nos revela é que o Mediterrâneo é das áreas do globo onde melhor se soube gerir a água. Podemos até falar de civilizações da água: como guardá-la, como mantê-la fresca, como fazê-la circular e aproveitá-la ao máximo, porque a água foi sempre escassa, não é só agora, e portanto um bem mais do que precioso.

"Esta sabedoria da gestão da água, só é preciso voltar a aprendê-la, voltar a criar hábitos de respeitar esse líquido, em vez de andarmos a desperdiçá-lo como fazemos, por exemplo, ao metê-lo pelo autoclismo abaixo - água limpa -, coisa que nunca foi feita na história da humanidade; nunca ninguém limpou a merda com água limpa! Como é evidente, o último ciclo da água suja é que chegava às retretes. Foi sempre assim. Só nós é que resolvemos, imitando os povos do Norte, imitando o mundo da grande quantidade de água do Norte, lançar fora e destruir um bem que escasseia."



Pelos caminhos do direito privado

O Governo privilegia a iniciativa privada? Pois então desbravem-se os caminhos do direito privado, mesmo que o objectivo seja o do bem comum. Essa parece ser a máxima dos homens e mulheres que em Mértola dão corpo e alma à Associação de Defesa do Património e ao Campo Arqueológico e, mãos dadas com a Câmara, decidem a cada passo a estratégia regional.

Não é nenhum segredo, como nos foi dito, e os resultados falam por si:

"Em cada caso decidimos se um determinado projecto beneficia, do ponto de vista financeiro, jurídico ou estratégico, em ser integrado nesta, naquela ou na outra instituição. Isto é um acordo perfeitamente factível e que está a dar bons resultados, que não se esconde de ninguém e que é imbatível do ponto de vista jurídico. A Câmara não pode ir buscar mais dinheiro ao PIDAC, ao orçamento de Estado, mas nós podemos e a Associação também... Por exemplo, vamos construir o novo museu islâmico com dinheiro do PIDAC, do Valente de Olivei-

ra, quando seria impensável ele dar mais dinheiro à Câmara, ainda por cima dos comunistas! Mas para o Campo vai dar. São trinta e tal mil contos para um projecto global e que é também uma chave de abóbada de um projecto global nosso, da Associação e obviamente da Câmara. De outra forma seria impensável; só poderia entrar no plano da Câmara sabe-se lá quando, se é que entrava, porque há prioridades. Se fôssemos pôr primeiro o museu em vez da ETAR, as pessoas protestavam e com razão... Agora, nós, que não podemos pedir dinheiro para a ETAR, podemos pedir dinheiro para o museu. E isso implica a entrada de verbas avultadas, toda uma dinâmica cultural, um incremento temporário nas obras porque se trata de grandes obras de construção civil que vão mobilizar umas dezenas de trabalhadores e, por outro lado, uma possível continuação de emprego além do que hoje já propiciamos. Neste momento somos o segundo empregador do concelho; a Câmara é o primeiro, com cerca de duas centenas de pessoas, e nós e a Associação já ultrapassamos os cinquenta."

Intervir no presente

É claro que nem sempre um espaço é musealizável. Fácil se torna compreender que, por exemplo no domínio da arqueologia pré-histórica, quando os achados se reduzem a "quatro calhaus e cinco pedras", não haverá razões para musealizar. Em casos desses, como nos explicaram em Mértola, "recolhe-se o material, publica-se o que é de publicar nas revistas da especialidade e tapa-se de novo o local das escavações".

Outra situação, bem diferente é a da arqueologia medieval, como sucede em Mértola, em que se verificam fenómenos de continuidade, ou seja, em que a civilização dos séculos XI e XII se prolonga quase até aos nossos dias através das manifestações civilizacionais, das formas de comer, de habitar...

Para Cláudio Torres, o estudo de uma casa do século XI/XII, algures num monte, pode ser integrável no estudo etnológico, ou etnográfico, ou antropológico da região hoje, nos nossos dias.

"Pode haver, e está a haver entre nós, equipas que estudam as duas coisas, a actualidade e o passado. Ao fazer esta ponte estamos a intervir no presente, além de musealizar, de criar um pólo científico, estamos a criar também um pólo de desenvolvimento.

"Por exemplo, a Associação comprou, com dinheiros europeus, um moinho; uma azenha junto ao rio, uma velha ruína, um açude, a casa do moleiro, o forno do pão... era um amontoado de pedra; com outros dinheiros, acho que do Leader, fez-se a recuperação completa das casas todas. Durante um ano trabalharam ali pedreiros, estudaram-se técnicas de construção que todos estivemos a aprender, tal como aprendemos como funciona um rodízio, como é que se monta, até ao fabrico do pão. Aprendemos uma tecnologia que há muito se tinha perdido... Também encontramos uma série de hortas à volta do moinho, que em época islâmica tiveram ocupação, onde o moleiro e certamente outras pessoas viviam. É interessante voltar a cultivar essas hortas, fazendo experiências de horticultura: tipos de plantas, técnicas de irrigação e mesmo elementos inovadores de cultivo da terra. Mas primeiro temos de saber o que ali se cultivava e para isso serve a arqueologia; fazemos um corte estratigráfico e através de micro-sementes sabemos quais eram os cultivos nos séculos XI e XII, o que havia ali, o que é que eles comiam. Isso serve para determinar - e hoje já não temos só dúvidas, temos certezas, através dos restos alimentares - que a base alimentar nesta zona era o figo. Já se desconfiava, mas agora sabemos que era a base, mais de 50 por cento, da alimentação, o que é assustador.

"Tudo isto pode levar à conclusão de que talvez seja interessante voltar a cultivar esses produtos naquelas terras, como experiência também contra a massificação alimentar que nos está a chegar imposta pelos supermercados. Pode haver uma reactivação de fenómenos e de hábitos alimentares que ainda não estão totalmente perdidos através de uma acção ou de um intervenção arqueológica."

As leis do mercado

Descobrir, recuperar e preservar o passado colide muitas vezes, diz-se, com os interesses do presente. Mas será que é assim? Cláudio Torres considera que se trata de uma colisão aparente, fruto da excessiva burocracia.

"Toda a arqueologia nacional passa por um único organismo que autoriza ou não uma escavação. De certa forma isto é positivo, senão toda a gente andava por aí a fazer buracos, mas por outro lado tem a sua carga negativa, que é a de uma excessiva centralização. Isso implica uma imensa burocratização. Quando em qualquer centro histórico um empreiteiro inicia uma obra, inevitavelmente encontra uma ruína; numa situação destas, a lei obriga-o a que se comunique o achado, e o empreiteiro muitas vezes o fez, em tempos idos, mas isso resultava num processo burocrático sem fim. Ficava a obra embargada, vinha primeiro o senhor doutor ver o achado, ficava-se depois à espera da equipa para fazer a escavação... perdia-se tudo, o tempo, a obra, tudo. Esta situação levou a que agora, quando se descobre algo, se destrua logo para evitar essa máquina burocrática. Isso é a prática normal que está a acontecer em todo o país."

Mas felizmente as coisas estão a mudar, graças - imagine-se - às leis do mercado.

"Começa a haver pessoas que percebem que o facto de terem uma ruína incluída no seu próprio prédio novo é vantajoso financeiramente. Lá está a velha história da lei do mercado!

"Na baixa, em Lisboa, os Bancos começaram a valorizar os restos arqueológicos e logo outros apareceram a dizer 'também tenho', 'também quero', porque são lojas comerciais; e mudou a atitude, os Bancos passaram a aproveitar as caves, a fazer delas áreas visitáveis, pondo lá as meninas loiras a receber as propostas financeiras... Ou seja, há uma série de novos projectos e de programas ligados à arqueologia como elemento identificador por um lado, e dignificador por outro. Deixar ficar uma bonita parede num gabinete de luxo dá uma certa patine!"

A II Grande Guerra Mundial

Vitória ou morte!

■ Manoel de Lencastre

A meio de Agosto de 1941, a guerra produzia alarmantes acontecimentos na URSS, minuto a minuto. Na saliência de Yelnya, onde operava a Frente de exércitos de reserva sob o comando de Jukov, os nazis sustentaram pesadas perdas, entretanto, tendo o próprio comando do «Grupo de Exércitos Centro» requerido permissão a Berlim para retirar-se daquela zona. O «Führer» recusou. Mas os nazis, pondo em execução um sistema defensivo por «pontos fortes» independentes apoiando-se nas povoações ocupadas, conseguiram negar às forças da Frente de reserva o êxito espectacular que buscavam. Mesmo assim, Yelnya caiu em mãos soviéticas a 6 de Setembro. A situação em Kiev continuava a preocupar Jukov profundamente. E Stalin sofria pela sorte da capital ucraniana e também, agora, por Leninegrado, onde a situação se agravava constantemente.

Desenha-se o cerco a Leninegrado.

O general Kirponos, responsável da Frente Sudoeste, prometera ao comandante-supremo a defesa de Kiev, tudo em palavras de considerável exaltação que deveriam soar como música georgiana aos ouvidos de Stalin. Mas este, que não esquecera as duras mas verdadeiras advertências de Jukov, já desconfiava dessa possibilidade. O inimigo tinha suspenso, temporariamente, o esperado assalto a Moscovo e colocara-se em posições defensivas face às Frentes Ocidental e de Reserva soviéticas. Quase todas as suas principais formações «panzer» e outras forças de choque, voltavam-se, agora, contra as Frentes Central, Sudoeste e Sul. Corriam, voavam, para a zona de Chernigov-Kornotop-Priluki, para esmagarem, em especial, a Frente sudoeste através de um poderoso ataque pela retaguarda. E perante a terrível ameaça do grupo «panzer», de Guderian, Stalin deu ordens para que parte das forças soviéticas que constituíam o flanco direito daquela Frente retirassem para territórios na margem oriental do Dnieper. Mas continuou a insistir na manutenção do grupo que defendia Kiev, nas posições em que se achava. Também o tenente-general Ieremenko prometia a Stalin a destruição das forças nazis que ameaçavam Kiev e todo o Sul. A realidade, porém, só Jukov a compreendera.

Entretanto, algumas divisões do 5º exército soviético já se encontravam cercadas perto de Chernigo.

Os nazis haviam passado o Desna, no sector de Okunino, forçaram o Dnieper, em Kremenchug. E Kirponos não dispunha de reservas. A 25 de Agosto lutava-se em Dnepropetrovsk e, na área de Kalovka, três divisões alemãs esmagavam a inapta resistência soviética. A 30, os carros de Guderian surgiam em Konotop. A imobilização e a destruição do grupo de defesa de Kiev pareciam cada vez mais próximas. Mas, a 9 de Setembro, Jukov recebia instruções urgentes para comparecer no Kremlin. Chegou a Moscovo a meio da noite. Esperavam-no Stalin, Molotov, Cherbakov e outros membros do Politburo — que dramáticas decisões seria preciso tomar naquela madrugada?

«Peço desculpa, camarada Stalin, por chegar com uma hora de atraso», disse o comandante da Frente de reserva. O

secretário-geral do Partido Comunista olhou o relógio e notou:

«Uma hora e um quarto, exactamente, camarada Jukov. Deseja comer alguma coisa?»

Havia naquela sala um sepulcral silêncio e o Supremo Comandante em Chefe não desviava os olhos dos mapas de Leninegrado que se espalhavam sobre uma longa mesa. Depois, finalmente, abriu-se, como se acabasse de chegar de uma longa viagem e, dirigindo-se a Jukov, disse com a mais extrema firmeza:

«Temos estado a discutir a situação em Leninegrado. O inimigo já está em Schlüsselburg e, ontem, bombardeou os armazéns "Badajev", de produtos alimentares. Leninegrado está sem comunicações por terra. Tropas finlandesas aproximam-se, vindas do Norte enquanto o Grupo de exércitos nazis reforçado com o 4º grupo "panzer" (1) avança sobre a cidade.»

Houve um profundo silêncio. No espírito de todos os presentes àquela conferência, Leninegrado, agora, ganhava toda a prioridade e o medo de perder Kiev ou a ameaça que pendia sobre Moscovo pareciam recuar. Era a cidade de Lénine, a capital da

Revolução de Outubro, que estava em perigo. Abandonar a grande cidade do Neva aos nazis era simplesmente inconcebível. Que viver era aquele, o dos comunistas sobre cujos ombros pesavam tais responsabilidades? A qualquer cidadão, a qualquer soldado, pedia-se que lutasse e que, se necessário, fizesse pela pátria soviética o sacrifício supremo. Mas aqueles homens, apesar dos seus defeitos ou dos seus erros, tinham a seu cargo, não a vida de um soldado ou a de um cidadão, mas a de muitos milhões, e sobrevivência de todo o país, o futuro da URSS, a construção do mundo novo que haviam prometido e em que se começara a trabalhar. Minsk estava exan-

gue. Smolensk vivia na sombra. Em Moscovo, esperava-se a luta final. E, agora, surgia o cerco a Leninegrado. Contudo, homens de indubitável coragem, os comunistas não cediam. Apenas sabiam que as suas vidas haviam deixado de pertencer-lhes. Todos os seus dias, e as intermináveis noites, eram feitos de horas amargas, de novas derrotas que se avizinhavam, de difíceis, dramáticas decisões, de explosões de revolta contra os acontecimentos que os martirizavam. Vitória ou morte, era o sentimento que lhes vivia no peito. Toda a União Soviética estava com eles!

Hora a hora, minuto a minuto, morriam comunistas nos exércitos, nos trabalhos do povo, na resistência, à retaguarda dos nazis, nas torturas da Gestapo, frente aos pelotões de fuzilamento. Mas, surpreendentemente, multiplicavam-se. Em todos os regimentos de todas as divisões de todos os exércitos, soldados, oficiais de todas as patentes, generais, aderiram em massa ao Partido de Lénine. A guerra haveria de transformar-se. Mas à custa

sar para que não tenhamos de alimentá-las durante o Inverno; o "Grupo de Exércitos Centro" deverá proceder ao envolvimento e liquidação de todas as formações soviéticas que se lhes opõem e abrir caminho para Moscovo; logo que os dois grupos de tropas "panzer"(2) cheguem às regiões que lhes foram indicadas, será possível manter o grupo de Hoth na reserva para eventual apoio ao "Grupo de Exércitos Norte" e para outra ofensiva, de leste, com vista ao cerco e à liquidação de Moscovo; o grupo "panzer", de Guderian, após chegar ao seu destino, deve ser desviado para as regiões a leste do Dnieper a fim de poder apoiar as operações do "Grupo de Exércitos Sul"(3) contra Kiev.»

Mas, se examinarmos o que ficou escrito nos «Diários de Serviço» do coronel-general Halder, chefe do Estado Maior das forças terrestres alemãs, também os mais altos escalões do poder nazi na direcção da guerra começavam a reconhecer dificuldades enquanto os inevitáveis debates entre si aqueciam frequentemente. A 26 de Julho, Halder escrevia:

«Reunião com o "Führer" sobre planos operacionais dos grupos de exércitos. Das 18 às 20.15 horas discutiu-se excitadamente a oportunidade perdida que visava o envolvimento do grosso das tropas inimigas.»

Uma semana mais tarde, Halder, notava:

«A natureza feroz das operações em curso, o desgaste sofrido pelas nossas tropas nas longas marchas e sangrentas batalhas que têm enfrentado, deram lugar a surpresas nas altas esferas. É de depressão o estado de espírito do comandante em chefe das forças terrestres.» (4)

Um artigo, publicado no «Volkischer Beobachter», dizia:

«O soldado russo ultrapassa os nossos adversários(5), a Ocidente, no seu desprezo pela morte. A sua extrema coragem, misturada com certo espírito fatalista, levam-no a expor-se à morte no meio de gigantescas explosões ou a cair, sem medo, em lutas corpo a corpo.»



dos sacrifícios de milhões de homens e mulheres que, erguidos ao nível de um único sacrifício, tornariam impossível a vitória dos hitlerianos.

Estamos, ainda, na momentosa reunião do Kremlin, a 9 de setembro. De repente, Stalin ordenou:

«Você, Jukov, tem de voar imediatamente para Leninegrado e assumir o comando da Frente Noroeste, assim como o da esquadra do Báltico. Leve esta carta ao camarada Vorochilov.»

A carta dizia, simplesmente: «Camarada Vorochilov: entregue o comando a Jukov e regresse a Moscovo.»

No fosso das víboras

As directivas do «Führer» quanto à sorte das cidades de Leninegrado e Moscovo eram claras. Diziam:

«O "Führer" decidiu que essas duas cidades deverão ser arrasadas e que as respectivas populações deverão ser feitas disper-

No «Frankfurter Zeitung» podia ler-se:

«O soldado alemão encontrou um inimigo duro e fanático, possuidor de um credo político que, frente ao "blitz" das nossas tropas, lhe permitiu oferecer total resistência.»

E acrescentava:

«Já está provado que o comando alemão não teve em conta a força e a capacidade das tropas de reserva russas. Também os serviços de informações tinham confiado exageradamente no auxílio de uma pretensa quinta coluna feita de multidões descontentes com o regime de Stalin. Mas essa quinta coluna, pelos vistos, simplesmente não existe.»

(1) Do comando do general Happner.

(2) Von Kleistse Guderian.

(3) Von Boch.

(4) Brauchitch.

(5) Note-se que o articulista não trata como inimigos, mas como adversários, os aliados ocidentais.

PONTOS CARTEAIS

«Expectativas»

Parece que, afinal, a expectativa que pairava sobre o discurso do Pontal ou não era nenhuma ou acabou por ser defraudada. O certo é que as especulações de muitos em redor do que iria o Primeiro-Ministro dizer esfumaram-se após Cavaco ter dito. Alguns jornalistas afirmaram mesmo que a expectativa havia sido criada pela... comunicação social...

De facto, uma auto-estrada até ao Algarve e mais cem mil postos de trabalho, na boca do chefe do Governo, sabe a promessa requentada. Cavaco nem disse quantos postos de trabalho iam entretanto ser destruídos. Nem há quantos anos se fala na célebre auto-estrada.

Houve, depois, muita prosa e muita imagem. Só para dizer que afinal não foi nada. Apenas o que se esperava — demagogia.

Sapatada

Recados, admoestações, chamadas à pedra entre as linhas, também vaticinavam alguns que Cavaco faria. O «Expresso», por exemplo, previa uma «sapatada» em algumas figuras gradas do PSD. O mesmo «Expresso», porém, transmitia já a resposta de um barão. Ângelo Correia devolvia a Cavaco o recado, antes mesmo que este o desse no Pontal. O barão Ângelo fazia questão de esclarecer o suserano de que não quer ter dono.



Por seu lado, a televisão corria à praia perguntar a Álvaro Barreto se ia dar um pulo ao Pontal. Este barão respondia que não, senhor, nunca fora e não seria agora que ia deixar a banhoça e o golfe. Na Madeira, João Jardim afirmava que não lera, não ouvira nem vira o discurso do presidente do PSD.

Afinal, para Cavaco, em vez de barões, só lhe saem duques.

Play-back...

Mas o Pontal teve, pelo menos, espectáculo. Para além da estrela, que foi Cavaco, arranjaram um homem das estrelas. Carvalho Rodrigues, um homem abundante em figura e em conversa, que tem aparecido um pouco por todos os programas de TV e consegue falar de tudo menos de satélites, fez o show. Tratava-se de não fazer sombra ao Primeiro-Ministro. De modo que cantou. Homem-espectáculo numa sessão de política-espectáculo, Carvalho Rodrigues nem assim foi original. Imitou Pavarotti. Em **play-back**. Como o chefe do PSD imita os seus parceiros conservadores da Europa com ele.

... e outras cópias

Aliás, a direita copia-se. Monteiro tratou de copiar Cavaco, afirmando-se como a outra face da mesma moeda. Escolheu o extremo Norte do País, para elogiar a senhora Thatcher, que já passou, e acusar Cavaco de copiar Delors, que está a passar. Imitando Berlusconi, o Governo procede entretanto à sua própria promoção, usando a televisão para tecer verdadeiras loas às novas portagens... apresentando as novas formas de pagamento como se de um produto irresistível se tratasse. Já estamos a ver em Setembro toda a gente a correr para a Ponte, cheia de vontade de pagar...

PONTOS NATURAIS

Viagem dentro da gaveta

Comunicado

O Carlucci visitou-me veio comigo cear. Há quem ouvindo este nome fique logo a magiar. Um tal sujeito enigmático? Carlucci é um tipo simpático um sujeito porreirinho até bebe o seu copinho joga a sua sucada. Com um tipo assim brincalhão não vos digo mesmo nada passei um rico serão.

Não se falou de política não veio à baila a hora crítica nem a era neolítica Carlucci, com voz orquítrica, falou da mãezinha artrítica e da tia paralítica e da priminha manguítica. Falava com tal consolo com expressão tão subtil enquanto cortava o bolo feito de nitrato de Chile. Enfim, um rico bocado. É um tipo bem achado sensível e educado com o saco recheado de chiclet, sorriso e mousse.

Este é o meu comunicado da visita de Carlucci.

Postal para Correia da Fonseca

Fazes no dia 24 vinte anos de crítica diária de TV

O poema quer ser poema ter poesia: e não sabe como.

Nem uma rima nem um ritmo acontece.

Porque lhe basta falar dos teus vinte anos. Falar de ti assim alto assim magro vertical

(dez dedos lúcidos vinte anos a arranhar a cal).

Fado da hora má

Sobre a mesa não há pão trabalho não há quem dê. Bate, bate o coração mas ninguém sabe de quê.

Morre-se a dias e faz-se passar os dias a esmo. O próprio dia que nasce se não nascesse, era o mesmo.

Na vida sendo o que é um rol de tanto sofrer se o fado não fosse inté, o que é que podia ser?

«Sofre, sofre e agradece!» dizem as fidalgas toscas. Pois. Se o povo não sofresse lá ficava o céu às moscas.

Sempre acaba o tempo vão. Sempre há um dia em que se vê. Bate, bate coração, bate, porque tens de quê.

Mário Castro

FRASES da SEMANA

«O BPA é um banco republicano e laico.»

«(João Oliveira, Presidente do CA do BPA - «Expresso-Privado», 13.08.94)

«Trabalhar ao longo dos últimos 35 anos no BPA tem-me dado muita confiança.»

«(idem)

«Daniel Bessa anda perdido na política e no PS. O PS responde-lhe na mesma moeda.»

«(Luís Marques, «Caras & Casos» - «Expresso-Privado», 13.08.94)

«Independentemente do conteúdo do projecto de revisão constitucional do PSD, o ministro Fernando Nogueira teve a habilidade suficiente de o saber apresentar sem dar azo a qualquer polémica.»

«(«A Semana Política» - «Público», 13.08.94)

«Portugal é o país mais revisionista do mundo.»

«(Carlos Carvalhas - «Diário de Notícias», 12.08.94)

«No dia em que começarem a retalhar o nosso mapa, por exemplo no centro de Portugal, as pessoas podem ver levantamentos.»

«(Cavaco Silva - «Correio da Manhã», 17.08.94)

«Cavaco não pode ser o dono do PSD.»

«(Ângelo Correia - «Expresso», 13.08.94)

«Na festa do Pontal o «play-back» foi total.»

«(Carlos Marques, UDP - «Jornal de Notícias», 17.08.94)

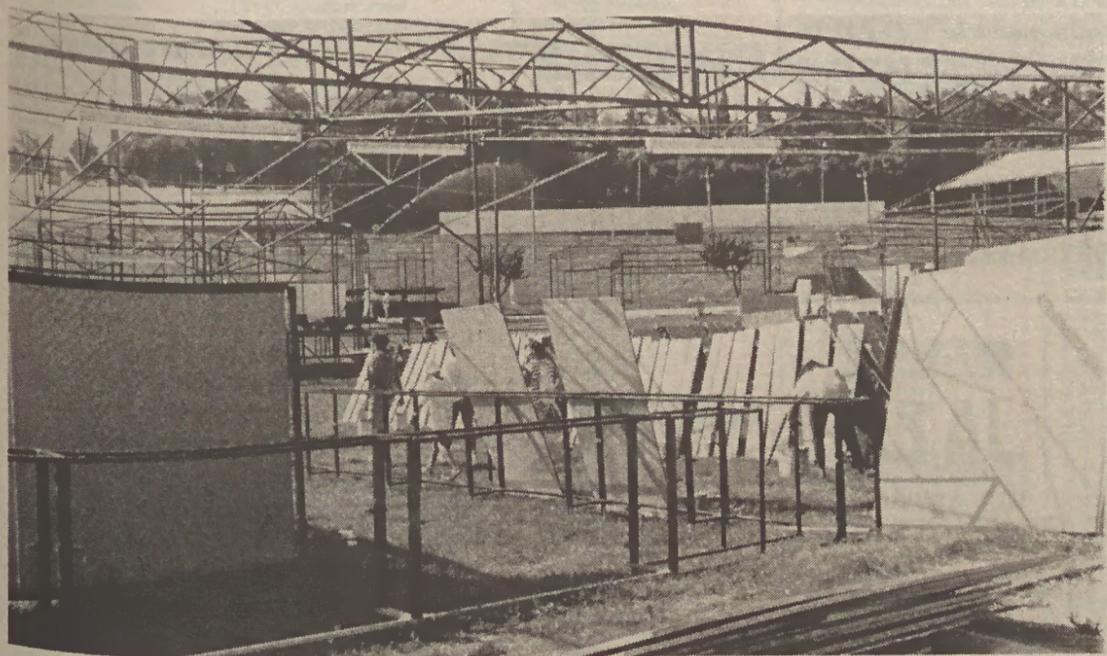
«Nós somos a diferença.»

«(Cavaco Silva, no «discurso do Pontal» - «SIC», 13.08.94)

«O que faz falta ao país não é a diferença para pior que o PSD representa, mas sim a diferença para melhor que representa a política alternativa democrática que o PCP defende.»

«(Vitor Dias - «Lusa», 13.08.94)

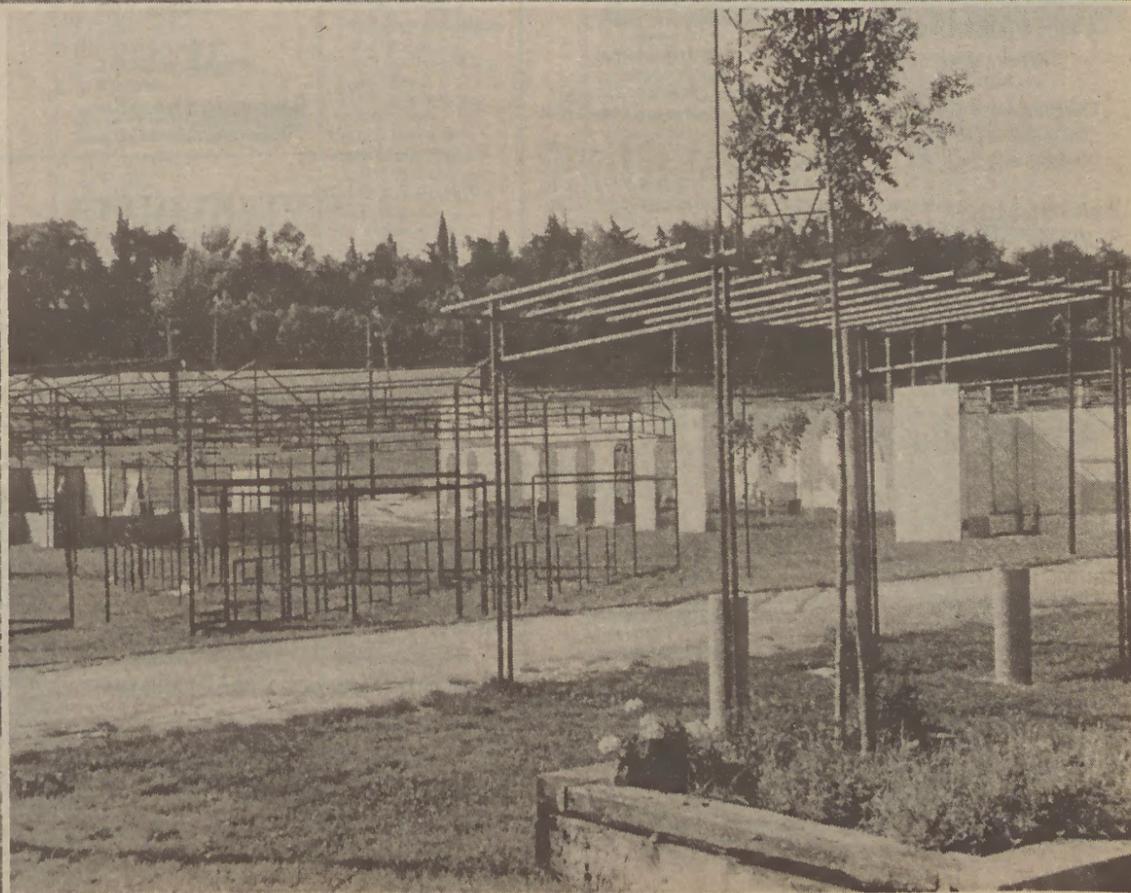
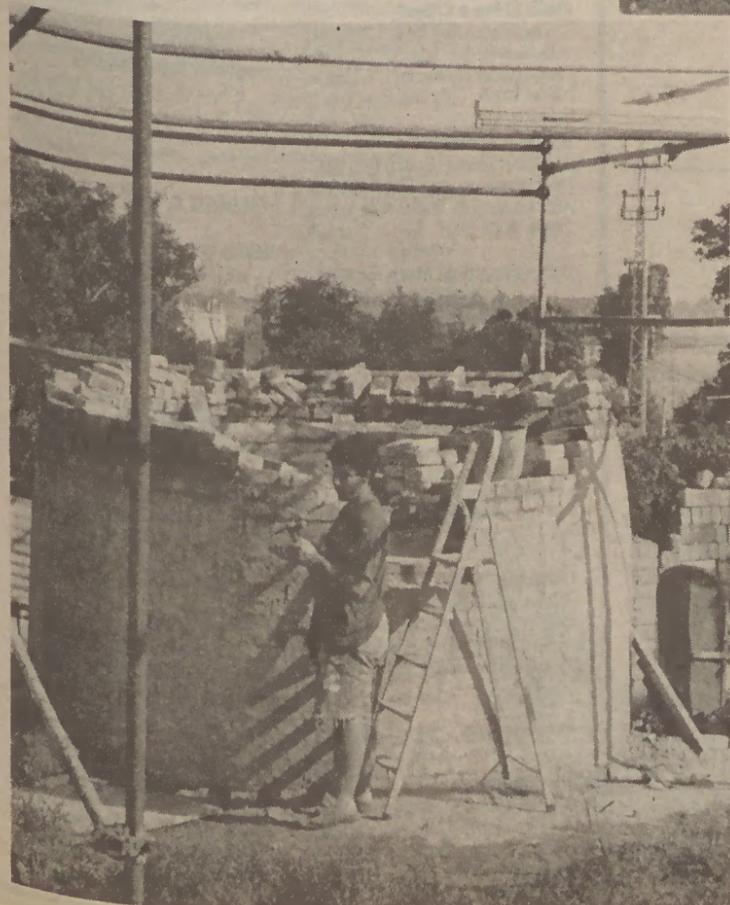
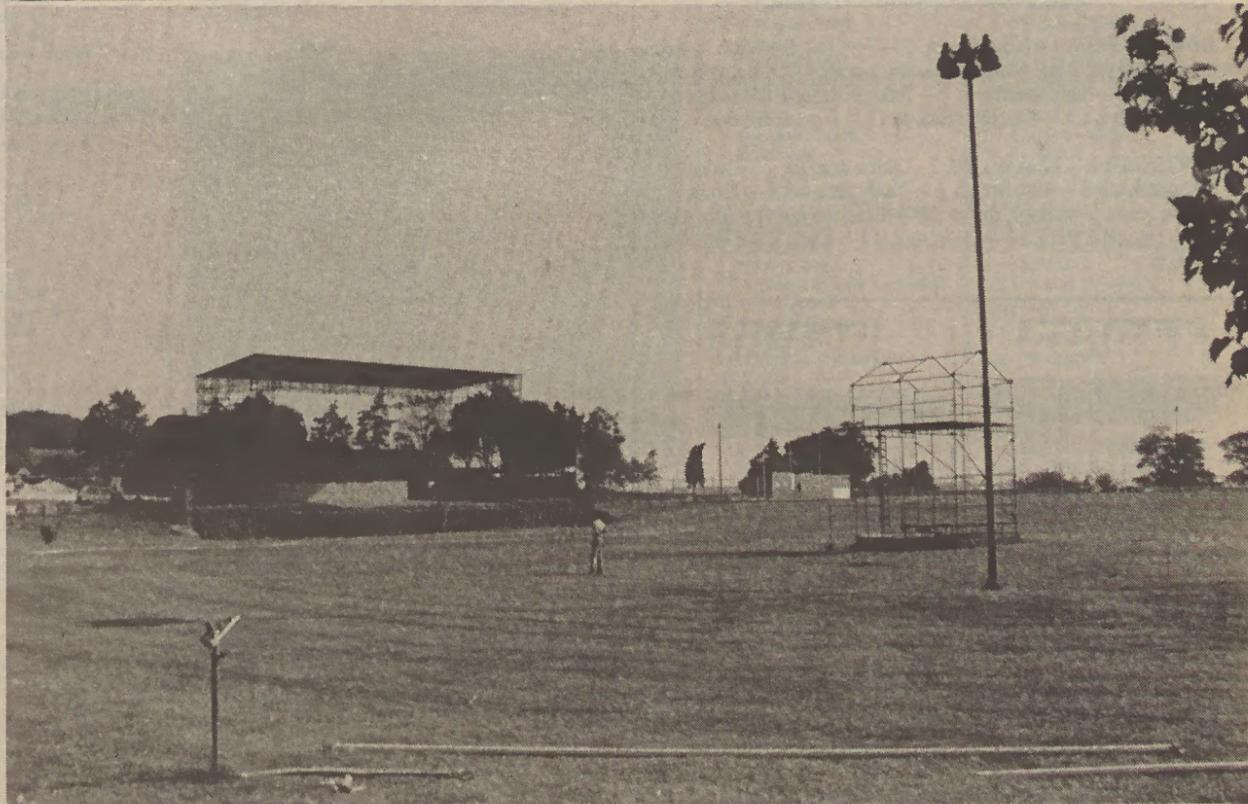
Só faltam 15 dias



No terreno, as coisas estão a compor-se.

Havia, no passado fim-de-semana, muitos pavilhões em fase de acabamento, já se reconheciam as formas que a festa vai tomar. Mas há ainda muito a fazer e só 15 dias para os «acabamentos».

Que são importantes e muitos.



PROGRAMAÇÃO

Quinta, 18

CANAL 1

08.00 Garfield
08.30 As Gêmeas de Sta. Clara
09.00 A Ilha do Tesouro
09.25 Rua Sésamo
10.00 Pollianna
10.25 Os Raposinhos
10.50 Campo de Férias
11.20 Pé Grande e os Amigos
11.40 Culinária
12.05 Perigosas Peruas
13.00 Jornal da Tarde
13.40 Os Andrades
14.10 Viajante no Tempo
15.00 Memórias
15.55 Disfarces
16.50 Acção em Miami
17.55 Culinária
18.15 Ana Raio e Zé Trovão
18.55 Lotaria Nacional
19.10 Com a Verdade m' Enganas
20.00 Telejornal
20.40 Fera Ferida
21.30 Isto... Só Vídeo
22.00 O Tal Canal
23.15 Os Inocentes
23.55 24 Horas
00.10 Querida Mãe
(ver «Filmes na TV»)

TV 2

12.00 Infantil
13.00 Os Caminhos da Arte
14.05 A Carta
(ver «Filmes na TV»)
15.35 Aprender com a Vida
16.25 Aviões Militares
17.00 Voleibol de Praia (Campeonato Europeu)
18.00 Infantil



Os Vingadores, uma série britânica velhinha, em reposição na TV2

18.45 Um, Dó, Lí, Tá
19.45 A Vida de Joe
20.15 Portugal e o Mar - 8 Séculos de História
21.15 Desenhos Animados
21.30 TV2 Jornal
22.00 RTP/Financal Times
22.10 Remate
22.30 Theodor Chindler
23.30 O Grande Ira
24.00 Sexorama
00.55 Cenários do Crime

SIC

11.35 G. I. Joe
12.00 Tropicallente
13.00 Notícias
13.20 Retrato de Mulher: Teresa
(ver «Filmes na TV»)
16.00 Falas Tu ou Falo Eu
17.00 Notícias
17.20 Mulher Proibida
18.20 Sonho Meu
19.25 O Juiz Decide
20.00 Jornal da Noite
20.40 Mulheres de Areia
21.50 Minas e Armadilhas
22.50 Casos de Polícia
00.05 Último Jornal
00.25 Concerto em Sarajevo

QUATRO

10.00 Lumen 2000
11.00 Animação
11.40 Já Tocou
12.05 O Justiciero
13.05 Visto Isto
13.30 Cassandra
14.30 Um Anjo na Terra
15.30 Caixa de Perguntas
16.00 As Aventuras do Cavalão Preto
16.30 Flintstones
17.05 Alf
17.30 Morena Clara
18.30 Estrela
19.00 Caprichos
19.30 Informação Quatro
20.15 Marés Vivas
21.00 Parker Lewis
21.35 Achille Lauro
23.05 Farmácia de Serviço
23.35 Informação
24.00 Fora de Jogo
00.15 Modelo e Detective

Sexta, 19

CANAL 1

08.05 Garfield
08.30 As Gêmeas de Sta. Clara
09.00 A Ilha do Tesouro
09.25 Rua Sésamo
10.00 Goal
10.25 Os Raposinhos
10.50 Campo de Férias
11.20 Pé Grande e os Amigos
11.40 Culinária
12.05 Perigosas Peruas
13.00 Jornal da Tarde
13.40 Os Andrades
14.10 Viajante no Tempo
15.05 Memórias
16.05 Disfarces
17.10 Acção em Miami
18.25 Ana Raio e Zé Trovão
19.10 Com a Verdade m' Enganas
20.00 Telejornal
20.35 Fera Ferida
21.30 Jogos Sem Fronteiras
23.05 Cheers
23.40 24 Horas
24.00 A Arma Secreta
(ver «Filmes na TV»)

TV 2

12.00 Infantil
12.30 Expedições num Mundo Mágico
13.50 O Jovem Cassidy
(ver «Filmes na TV»)
15.40 Aprender com a Vida
16.30 Segredos do Mundo
18.00 Infantil
18.45 Um, Dó, Lí, Tá
19.45 Mulheres no Jazz
20.20 Os Alpes
21.15 Desenhos Animados

Sábado, 20

CANAL 1

08.00 Programa Infantil/Juvenil
12.00 Luta Livre Americana
13.00 Notícias
13.10 Made in Portugal
13.40 Heróis do Ar
15.10 Emoções Fortes
15.35 A Vingança de Sharpe
(ver «Filmes na TV»)
17.15 Onda de Verão
18.50 Beverly Hills
19.45 Totoloto
20.00 Jornal de Sábado
20.45 Futebol
22.40 Na Paz dos Anjos
23.55 Parabéns
01.30 Cidade Dividida
(ver «Filmes na TV»)

TV 2

11.00 A Arca
11.55 As Aventuras de D. Juan
(ver «Filmes na TV»)
13.40 Tauromaquia
14.10 Musical: «Frank Zappa» (2ª parte)
15.00 Acto de Coragem
16.00 TV2 Desporto
20.30 Medo sobre a Cidade
22.30 De Lisboa, Com Amor
22.35 Desenhos Animados
22.45 No Cumprimento do Dever
23.35 Nos Bastidores...
00.05 Um Grito Silencioso
(ver «Filmes na TV»)
01.30 Woops

SIC

11.30 Programa Infantil/Juvenil
13.20 Portugal Radical
13.30 Gladiadores Americanos
15.00 A Nau dos Condenados
(ver «Filmes na TV»)
16.40 Passageiro Imprevisto
17.00 Curvas Perigosas
18.00 Lei e Ordem
19.00 Minas e Armadilhas
20.00 Jornal da Noite
20.40 Mulheres de Areia
21.40 Os Trapalhães
22.40 A Brincar, a Brincar
23.10 Último Jornal
00.30 O Casamento de Maria Brown
(ver «Filmes na TV»)

QUATRO

08.00 Animação
10.30 Lassie
11.00 Vamos ao Circo
12.00 Caça ao Canudo
13.00 Contra-Ataque
14.00 Top 25
14.35 Estrela
17.15 D.A.R.Y.L.
(ver «Filmes na TV»)
19.30 Informação Quatro
20.15 Marés Vivas
21.05 O Jogo do Ganso
00.05 Informação
00.45 A Aluna e o Professor
(ver «Filmes na TV»)

Domingo, 21

CANAL 1

08.00 Programa Infantil / Juvenil
12.00 Blossom
12.30 Sem Limites
13.00 Notícias
13.10 Eu Tenho Dois Amores
13.40 Missão Impossível
14.35 Top +
15.35 Fogo, Gelo e Dinamite
(ver «Filmes na TV»)
17.20 Onda de Verão
19.00 Casa Cheia
19.45 Joker
20.00 Jornal de Domingo
20.30 Futebol
22.45 Na Paz dos Anjos
23.55 Sozinhos em Casa
00.30 Armadilha em Waco
(ver «Filmes na TV»)

TV 2

09.00 Caminhos
10.00 Novos Horizontes
10.30 70 x 7
11.00 Missa
11.55 Ordens Militares e Religiosas em Portugal
12.25 Forum Musical
13.25 Regiões
14.25 Mulheres em Viagem
15.00 TV2 Desporto
20.30 Stavisky, o Grande Jogador
(ver «Filmes na TV»)
22.20 Woops
22.45 TV2 Desporto
23.50 Artes e Letras - «O Reverso dos Cenários» (1ª parte)
00.50 Fata Morgana
(ver «Filmes na TV»)

SIC

11.00 Verão Radical
11.30 Programa Infantil/Juvenil
13.15 Portugal Radical
13.30 Vida Selvagem
14.30 O Estafeta de Titi
(ver «Filmes na TV»)
16.40 Tudo pelas Notícias
17.40 Obras em Casa
18.10 Bom Domingo
20.00 Jornal da Noite



Mulheres no Jazz - uma série que continua. Sexta-feira na TV2

20.40 Os Trapalhães
21.10 Labirinto
21.50 De Corpo e Alma
(ver «Filmes na TV»)
00.05 Último Jornal
00.20 Balada de Nova Jorque
01.20 Desporto

QUATRO

08.00 Animação
10.30 Lassie
11.00 Animação
11.30 Informação Religiosa
12.00 Vaticano em Directo
12.15 Missa
14.00 Césus de África
15.00 Baton e Chuteiras
(ver «Filmes na TV»)
16.40 Queridos Inimigos
18.35 Duque de Ouro
19.30 Informação
20.15 Marés Vivas
21.00 Trocado em Miúdos
21.30 Turno da Noite
24.00 Últimas Notícias
00.15 Caixa de Perguntas

Contos Assombrosos: a não perder. Segunda à noite no Canal 1

Segunda, 22

CANAL 1

08.00 Garfield
08.30 As Gêmeas de Sta. Clara
09.00 A Ilha do Tesouro
09.25 Rua Sésamo
10.00 Pollianna
10.25 Os Raposinhos
10.50 Campo de Férias
11.20 Pé Grande e os Amigos
11.45 Culinária
12.00 Perigosas Peruas
13.00 Jornal da Tarde
13.40 Os Andrades
14.10 Viajante no Tempo
15.05 Memórias
16.05 Disfarces
17.05 Acção em Miami
18.00 Culinária
17.50 Caderno Diário
18.20 Ana Raio e Zé Trovão
19.10 Com a Verdade M' Enganas
20.00 Telejornal
20.35 Fera Ferida
21.40 Pálio da Fama
22.40 Contos Assombrosos
23.30 Calor Tropical
00.35 24 Horas
00.55 O Gosto da Vingança
(ver «Filmes na TV»)

TV 2

12.00 Infantil
13.00 Os Caminhos da Arte
13.50 O Céu é de Todos
(ver «Filmes na TV»)
15.35 Aprender com a Vida
16.25 Sobreviver
16.50 Infantil
17.55 Os Vingadores
18.45 Um, Dó, Lí, Tá
20.25 Polo a Polo
21.30 TV2 Jornal
22.00 RTP/Financal Times
22.10 Remate
22.20 Ópera: «Édipo Rei»
23.25 Um Homem e uma Mulher
01.10 Cenários do Crime

SIC

11.35 G. I. Joe
12.00 Tropicallente



Nos Bastidores do Poder, outra série em reposição. Na Quatro

Terça, 23

CANAL 1

08.00 Garfield
08.30 As Gêmeas de Sta. Clara
09.00 A Ilha do Tesouro
09.25 Rua Sésamo
10.00 Pollianna
10.25 Os Raposinhos
10.50 Campo de Férias
11.20 Pé Grande e os Amigos
11.50 Culinária
12.00 Perigosas Peruas
13.00 Jornal da Tarde
13.40 Os Andrades
14.10 Viajante no Tempo
15.05 Memórias
16.05 Disfarces
17.10 Acção em Miami
18.00 Culinária
18.05 Caderno Diário
18.25 Ana Raio e Zé Trovão
19.10 Com a Verdade M' Enganas
20.00 Telejornal
20.35 Fera Ferida
21.30 Nico d' Obra
22.05 A Magia de David Copperfield
22.55 Você Decide
23.55 A Lei das Ruas
00.55 24 Horas
01.15 Negócios Transparentes
(ver «Filmes na TV»)

TV 2

12.00 Infantil
13.00 Para Além do Ano 2000
14.00 O Ruivo
(ver «Filmes na TV»)
15.30 Aprender com a Vida
16.20 Aviões Militares
16.50 Infantil
17.55 Os Vingadores
18.45 Um, Dó, Lí, Tá
19.50 A Vida de Joe
20.15 Rotações
21.30 TV2 Jornal
22.00 RTP/Financal Times
22.10 Remate
22.20 O Marginal
(ver «Filmes na TV»)
00.05 As Heroínas de Colette
01.40 Cenários do Crime

SIC

11.35 G. I. Joe
12.00 Tropicallente
13.00 Notícias
13.20 Os Donos da Bola
13.50 Praça Pública
14.20 Dez Réis de Esperança
(ver «Filmes na TV»)
16.00 Falas Tu ou Falo Eu
17.00 Notícias
17.20 Mulher Proibida
18.20 Sonho Meu
19.25 O Juiz Decide
20.00 Jornal da Noite
20.40 Mulheres de Areia
21.50 Cenas de Um Casamento
22.50 20 Anos, 20 Nomes
23.55 Último Jornal
00.15 Sim, Sr. Ministro
00.45 Os 40 Anos da Playboy

QUATRO

10.30 Lumen 2000
11.00 Animação
11.40 Já Tocou
12.05 O Justiciero
13.05 Visto Isto
13.30 Cassandra
14.30 Um Anjo na Terra
15.30 Animação
16.00 As Aventuras do Cavalão Preto
16.30 Flintstones
16.55 Alf
17.20 Morena Clara
18.20 Caprichos
18.50 Estrela
19.30 Informação Quatro
20.05 Parker Lewis
20.30 Futebol: Juventus-Parma
22.25 Queridos Inimigos
00.30 Informação
00.55 Fora de Jogo
01.10 Anúncios do Outro Mundo

Quarta, 24

CANAL 1

08.00 Garfield
08.30 As Gêmeas de Sta. Clara
09.00 A Ilha do Tesouro
09.25 Rua Sésamo
10.00 Pollianna
10.25 Os Raposinhos
10.50 Campo de Férias
11.20 Pé Grande e os Amigos
11.40 Culinária
12.00 Perigosas Peruas
13.00 Jornal da Tarde
13.40 Os Andrades
14.10 Viajante no Tempo
15.05 Memórias
16.05 Disfarces
17.10 Acção em Miami
18.00 Culinária
18.05 Caderno Diário
18.25 Ana Raio e Zé Trovão
19.10 Com a Verdade M' Enganas
20.00 Telejornal
20.35 Fera Ferida
21.25 Vamos Jogar no Totobola
21.45 Só Riso
22.10 Na Lista do Assassino
(ver «Filmes na TV»)
23.55 Informação
00.15 Italianos em Paris
(ver «Filmes na TV»)

TV 2

12.00 Infantil
12.30 Beethoven - Concertos para Piano (2ª progr.)
13.55 Breve Encontro
(ver «Filmes na TV»)
15.55 Aprender com a Vida
16.10 O Barroco nos Caminhos do Ouro
16.40 Infantil
17.55 Os Vingadores
18.45 Um, Dó, Lí, Tá
19.45 A Vida de Joe
20.20 Roanok
21.15 Desenhos Animados
21.30 TV2 Jornal
22.00 RTP/Financal Times
22.10 Remate
22.20 Grande Noite
23.25 Montparnasse Revisitado
00.25 Cenários do Crime

SIC

11.35 Grimmy
12.00 Tropicallente
13.00 Notícias
13.20 Os Donos da Bola
13.50 Praça Pública
14.20 O Tecto
(ver «Filmes na TV»)
16.00 Falas Tu ou Falo Eu
17.00 Notícias
17.20 Mulher Proibida
18.20 Sonho Meu
19.25 O Juiz Decide
20.00 Jornal da Noite
20.40 Mulheres de Areia
21.40 Caça ao Tesouro
23.10 Festival Internacional de Circo
01.15 Último Jornal
01.35 Os 40 Anos da Playboy

QUATRO

10.00 Lumen 2000
11.00 Animação
12.00 Já Tocou
12.30 O Justiciero
13.05 Visto Isto
13.30 Cassandra
14.30 Um Anjo na Terra
15.20 Animação
16.00 As Aventuras do Cavalão Preto
16.30 Flintstones
16.55 Alf
17.20 Morena Clara
18.20 Caprichos
18.50 Estrela
19.30 Informação Quatro
20.30 Marés Vivas
21.30 Nos Bastidores do Poder
23.30 Ficheiros Secretos
00.30 Informação
00.55 Fora de Jogo
01.10 Telemotor

Por isto e por aquilo...

A Carta

(Quinta, 14.05, TV 2)

Este melodrama de **Somerset Maugham**, que também constituiu um êxito teatral na Broadway, foi pela primeira vez adaptado ao cinema em 1929 (com uma memorável **Jeanne Eagels** na protagonista) e, mais recentemente, em 1982, num *remake* pouco digno de nota. Mas a versão que a TV 2 hoje apresenta, a segunda, foi portentosamente encenada por mestre **William Wyler** e apresenta a curiosidade de, dez anos passados sobre o início da sua carreira, **Bette Davis** ter também aqui um dos seus mais consagrados papéis, bem acompanhada, aliás, por **Herbert Marshall**. Passada na Malásia, a história debruça-se sobre um crime passionai cometido por **Leslie Crosbie** sobre o seu amante, numa bela noite de luar em que o seu marido **Robert** está ausente. Fabulosa é, precisamente, a sequência inicial do filme (muito à maneira de **Hitchcock**), que cria para o resto do filme uma atmosfera de inquietação e *suspense*, até que, às mãos do advogado de defesa - grande amigo do casal - chega uma carta com revelações que incriminam em definitivo a acusada... A não perder.

O Jovem Cassidy

(Sexta, 13.50, TV 2)

Baseado em excertos da autobiografia do escritor irlandês **Sean O'Casey** (em particular os que se referem à sua vida familiar com a mãe, aos seus primeiros escritos e às aventuras sentimentais, nomeadamente com uma bibliotecária) este filme esteve para ser realizado por **John Ford** mas (excluídas duas cenas atribuíveis ao grande realizador) a tarefa acabou por caber a **Jack Cardiff**, que substituiu um **Ford** doente - pelo que o resultado final não poderia ser o ideal. De qualquer forma, é um filme interessante, sobretudo no que nos revela da realidade social da época, pese embora o facto de **Rod Taylor** não parecer o intérprete ajustado à figura e personalidade do grande escritor.

Querelle - Um Pacto com o Diabo

(Sexta, 00.05, SIC)

Adaptação falhada de um romance de **Jean Genet**, *Querelle* é um «objecto filmico» decadente - e, por isso, repelente - com que **Fassbinder** se despediu da vida.

O Professor de Música

(Sexta, 00.30, Quatro)

Esta história de professores que investigam a evolução do Jazz é mero pretexto para um filme *musical* em que participam alguns conhecidos nomes daquele género musical, como **Goodman**, **Armstrong**, **Hampton** ou **Dorsey**. Mas, embora recheada de alguns *gags* ao feitio de **Danny Kaye**, a história é fraquinha. Neste caso, melhor seria terem-na posto à *matinée*...

Aventuras de D. Juan

(Sábado, 11.50, TV 2)

Aventura e romance são as duas tónicas deste filme apropriado à época de Verão, cujo argumento chegou a ser proposto a vários escritores famosos, entre os quais **William Faulkner**. É mais uma das tantas versões cinematográficas das proezas amorosas de D. Juan - aqui bem interpretado **Errol Flynn** mas, apesar de tudo, não atingindo o nível a que nos habituou.

D.A.R.Y.L.

(Sábado, 17.00, Quatro)

A hora de transmissão deste filme até está adequada à assistência que mais gostará de o ver - a gente mais jovem. É uma história de ficção-científica sem grandes pretensões e cujo enquadramento cinematográfico não é por aí além, debruçando-se sobre um caso de um casal sem filhos que adopta uma criança encontrada à beira de uma estrada, a qual é, nada mais nada menos, um *robot* - melhor, um protótipo de um plano secreto do governo para combinar o «cérebro» de um computador com um *clone* genético - e que, investido de uma invulgar inteligência, sente imensas dificuldades em conviver com o seu corpo de rapazinho. O que é de veras intrigante, mas não mais do que isso.

O Casamento de Maria Brown

(Sábado, 00.30, SIC)

É este um dos melhores filmes do ciclo que a SIC dedicou a **Fassbinder**. Ao contrário da «decadência repelente» que é o pano de fundo de *Querelle* - transmitido pela mesma estação na véspera



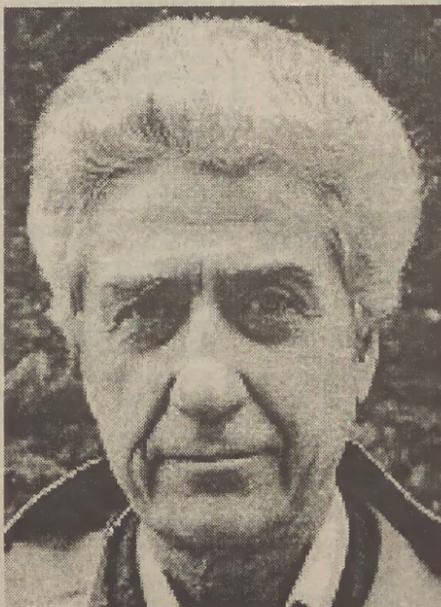
Bette Davis e Herbert Marshall, em «A Carta», de William Wyler

- aqui estamos perante uma visão implacável, recatada e ao mesmo tempo elegante, de uma certa decadência social do pós-guerra em que as pessoas se vendiam por um par de bens de consumo de que há tanto tempo andavam dramaticamente arredadas. Isto, numa Alemanha que iniciava um período de três décadas de submissão e mimetismo - também conhecido por «milagre económico» - face ao «amigo americano» que lhe deu a mão. Uma temática tão do agrado de **Fassbinder** e que lhe ocupou toda uma tetralogia dedicada à Alemanha nazi e pós-Nazi, um período reflectido nas histórias de quatro mulheres: **Lily Marleen**, **Maria Braun**, **Lola** e **Veronika Foss**.

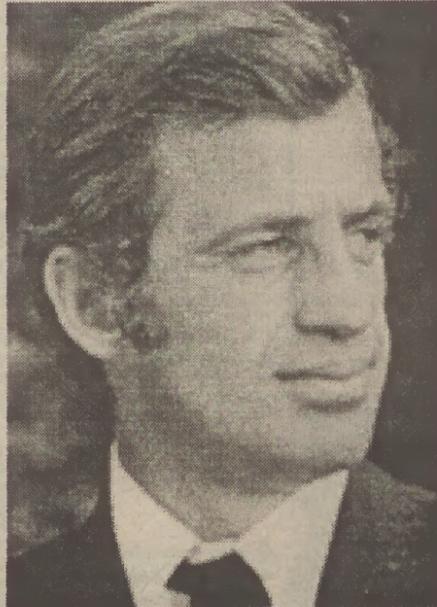
Stavisky, O Grande Jogador

(Domingo, 20.30, TV 2)

Realizado por um dos maiores realizadores do moderno cinema francês - **Alain Resnais** - *Stavisky* é a biografia estilizada do célebre burlão e criminoso dos anos 30 franceses, acontecendo que (um pouco ao contrário do que lhe é habitual), **Resnais** se preocupou talvez de mais com a reconstituição de época ou dos seus cenários, parecendo deixar-se envolver mais pela sedução destes do que propriamente pela caracterização das personagens. De qualquer modo, trata-se de um excelente filme, com interpretações à altura de **Jean-Paul Belmondo** e de **Charles Boyer**, entre outros.



Alain Resnais, realizador de «Stavisky», e Jean-Paul Belmondo, seu principal intérprete



Futebol - De Corpo e Alma

(Domingo, 21.50, SIC)

Fortemente crítico em relação aos meandros da Liga de Futebol Americana, este filme, segundo as referências, parece ser um dos que,

de forma mais conseguida, denuncia numa atmosfera de séria frontalidade (que não exclui o humor corrosivo) os problemas que geralmente envolvem o desporto de alta competição, neste caso do futebol americano e a extrema violência dos seus bastidores.

Fata Morgana

(Domingo, 00.50, TV 2)

Realizado pelo cineasta **Werner Herzog**, *Fata Morgana* é um filme extremamente original, que recusa a narrativa ou os intérpretes, para fazer despertar a sensibilidade do espectador através de uma conjugação de planos insólitos de paisagens, velhas cidades e aldeias (algures no Norte de África) e que, dividido em três secções (*A*

Criação, *O Paraíso* e *a Idade do Ouro*) constitui uma representação dos velhos mitos sobre a Criação Mundo. A descobrir.

Ladrões de Bicicletas (Segunda, 14.20, SIC)

Que poderá acrescentar-se, de novo, ao que o espectador há muito sabe acerca deste filme, também já divulgado através da televisão? Sendo certo que, passados quase cinco décadas após a sua estreia, este célebre filme de **Vittorio De Sica** não conhecerá hoje, propriamente, o seu período de maior glória, a história dramática e



Hanna Schygulla, em «O Casamento de Maria Brown», de R. W. Fassbinder

de tocante realismo de um operário na miséria que tem de comprar uma bicicleta para melhor desempenhar o seu ofício de coladores de cartazes - e depois acaba por perdoar a quem lhe roubou, ainda mais pobre do que ele - permanece uma das maiores *obras-primas* da fase *neo-realista* do cinema italiano, sempre interessante de rever.

O Ruivo

(Terça, 14.00, TV 2)

O título original deste filme é *Poil de Carotte*, um rapaz fruto de um casal desavindo e que é deixado crescer e desenvolver a sua personalidade ao sabor das companhias que lhe vão faltando em casa. Trata-se, naturalmente, de um melodrama que o talento do realizador - **Julian Duvivier** - consegue afastar da atmosfera de *choradinho* em que tantos destes argumentos se arriscam a cair, para o que contribuem também as interpretações exactas de **Robert Lynen**, na figura da criança abandonada, e de **Harry Baur**, no papel do pai desta.

Breve Encontro

(Quarta, 13.35, TV 2)

Não, não se trata da obra-prima de **David Lean** - com o mesmo título e o mesmo argumento de base - e, apenas por isso, aqui está o aviso, como única razão para este destaque. Ao contrário, esta é uma segunda versão feita para a televisão, que consegue ser inferior à mediania que habitualmente caracteriza os *telefilmes*.

O Senhor Embaixador

Não se trata de voltar a comentar as prestações de Miguel Sousa Tavares na TV, e especialmente na rubrica «20 Anos, 20 Nomes», nem sequer para reiterar indignações quanto à animosidade anticomunista que parece circular-lhe nas veias e que o levou a escrever um texto, aqui transcrito há semanas, que de facto é um cabal desmentido a veleidades de isenção e seriedade que se supunham indispensáveis a quem faz, na Televisão, programas que inevitavelmente se revelam de intervenção política. Acontece, porém, que na penúltima emissão de «20 Anos, 20 Nomes», com Frank Carlucci como entrevistado, se viram officiosamente confirmados factos da História portuguesa recente que são motivo de algum justificado escândalo. É que a crítica de Televisão tem obrigação de registar o acontecido e fazer o que lhe cabe para impedir que um distraído esquecimento caia sobre o que se ouviu.

Não direi, entenda-se, que «20 Anos, 20 Nomes» nos trouxe estrondosas novidades: em linhas gerais, os mais atentos, ou os mais lúcidos, já sabiam aquilo, salvo um ou outro pormenor. Uma coisa, porém, é saber-se o que aconteceu em Portugal em 75 e ter reconhecido os tentáculos que manearam as coisas, e coisa diferente é termos diante de nós, o então embaixador dos Estados Unidos em Lisboa a admitir que o seu país violou todas as regras do jogo internacional e se comportou de forma humilhante para com os portugueses. Foi o que aconteceu nesta entrevista e graças, sem dúvida, ao mérito de Miguel Sousa Tavares, que aquiesceu a dar a Carlucci um tratamento de excepção deslocando-se a Paris para o entrevistar. Consta que o ex-embaixador recusou vir a Lisboa porque, tendo por cá muitos amigos, gastaria muito tempo a cumprimentá-los todos. Não surpreende, decerto, o bizarro conceito que o americano Frank Carlucci tem da amizade e das alegrias que ela pode proporcionar, mas espanta um pouco a desenvoltura com que o revela.

As «confissões» de Carlucci

Em resumo e para não alongar excessivamente este texto, digamos que Carlucci confirmou uma prática deliberada e continuada, por parte dos Estados Unidos, de ingerência extremamente activa na vida política portuguesa, com confessada «infiltração» da CIA no MDLP (terrorista e assassino, como se sabe), apoios de diversa ordem aos chamados «partidos democráticos» (PS, PPD/PSD e CDS), «encontros frequentes» do embaixador Carlucci com os

líderes destes três partidos e, através da acção «privada» do senador Helms e de Jerry Studd, preparação de uma eventual amputação do território português mediante a «autonomia» dos Açores, a proclamar se as coisas no Continente «corressem mal».

É particularmente saboroso que o confessado apoio aos partidos democráticos tenha incluído o aspecto financeiro, não porque fosse segredo geralmente ignorado mas sim em face do estardalhaço há meses feito a pretexto do alegado achamento, em Moscovo, de supostas provas de solidariedade também financeira do PCUS com diversos partidos comunistas. Quando, perante uma insistência de Sousa Tavares, Carlucci lembrou que certos apoios foram canalizados através dos partidos europeus das mesmas famílias políticas, foi inevitável lembrar o papel dos alemães como distribuidores europeus de apoios políticos expressos em dólares convertidos em marcos. Interessante também foi a referência aos apoios dados pela AFL (que, como se sabe, é o aparente resultado do cruzamento do sindicalismo à americana com tentáculos da Mafía) à criação de uma segunda central sindical portuguesa, isto é, da UGT. Também relevante foi a suspeita, adiantada pelo próprio Miguel Sousa Tavares, de que o golpe spinolista de 11 de Março podia ter sido precedido de contactos com Carlucci. Note-se que o embaixador negou um envolvimento pessoal, mas com tal tibieza que deixou margem para pensarmos que pode ter mandado alguém por ele.

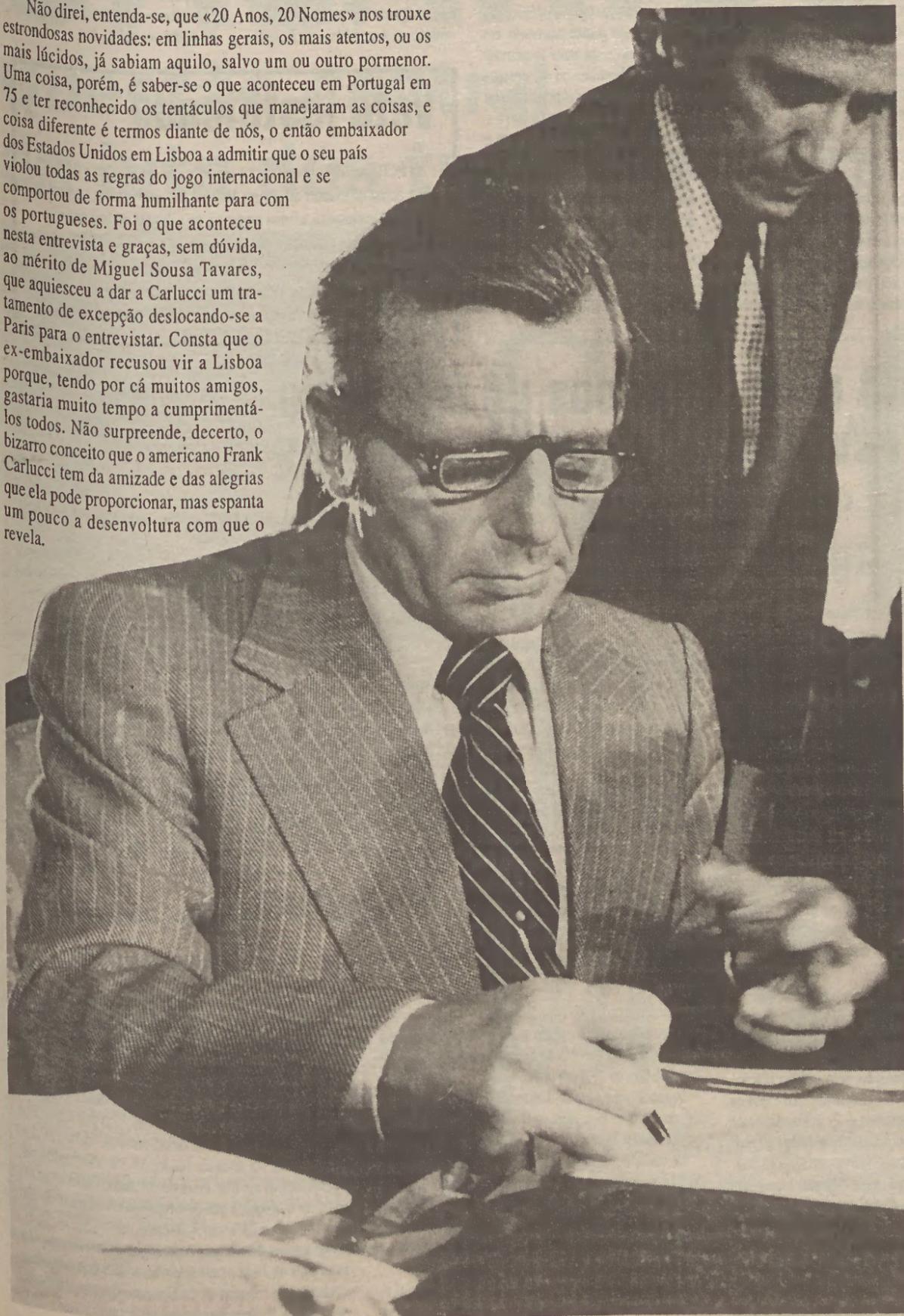
Também Angola e o seu processo de independência foi tema de algumas perguntas. Aí, aconteceu alguma surpresa: Sousa Tavares mostrou-se mais drasticamente hostil ao PCP que o próprio Frank Carlucci que, refugiando-se em negativas sumárias, se esquivou a secundar o processo acusatório que o entrevistador tinha visivelmente engatilhado. Foi, contudo, o próprio Sousa Tavares que afirmou o apoio prestado pelos Estados Unidos, sucessivamente, à FMLP de Holden Roberto e a UNITA de Savimbi, certamente para defesa de democracia. Essa defesa continua a matar gente em Angola, dezanove anos depois, mesmo após eleições livres fiscalizadas internacionalmente, mas Miguel não dá sinais de se incomodar com isso.

O útil e o agradável

Particularmente deselegante da parte de Miguel Sousa Tavares foi a ideia de submeter à ratificação de Frank Carlucci afirmações feitas por Álvaro Cunhal naquela mesma rubrica, semanas antes. O tema foi o da independência e autonomia do PCP relativamente à União Soviética, mas é claro que fosse ele qual fosse nunca o ex-embaixador dos Estados Unidos, anticomunista profissional, iria cometer a levandade de corroborar afirmações importantes de um prestigiado dirigente comunista. Sousa Tavares, que muitas vezes demonstra ser ignorante de dados relevantes, mas que não é propriamente parvo, não podia deixar de entender isto, pelo que a questão por ele suscitada só pode ter correspondido à tentação de tricotar mais um pouquinho de antipécipismo. Porventura para reforçar o seu currículo mas, mais provavelmente ainda, para prazer próprio, assim adicionando o útil ao agradável.

Contudo, da autonomia o PCP dá testemunho não apenas Álvaro Cunhal mas também a própria História. No que se refere aos anos que se seguiram a 74, há farta documentação, incluindo declarações do então secretário-geral do PCP rejeitando eventuais condicionamentos geopolíticos que fossem obstáculo à vontade do povo português, isto é, recusando acatamento a uma eventual «partilha do mundo» tacitamente aceite pelas duas superpotências. Claro: os comunistas portugueses eram (e são) solidários com todas as experiências de Socialismo e com todas as resistências ao imperialismo, nesse quadro avultando a sua solidariedade, aliás retribuída, para com a URSS. Claro: a existência da União Soviética foi, durante décadas, factor de libertação para muitos povos e de estímulo à esperança para muitos outros, e os comunistas portugueses nunca estiveram cegos para esse facto. Se Miguel Sousa Tavares não fosse, por misteriosos motivos que não conheço, um fanático primário do anticomunismo, entenderia isto. Carlucci é quem é, e deu sinais de o perceber. Embora, naturalmente, o dissimule.

Mas Sousa Tavares nunca será embaixador de coisa nenhuma, excepto dos preconceitos irracionais que o habitam. Quanto a Frank Carlucci, ex-embaixador, ex-homem da CIA em Lisboa, talvez ainda — quem sabe? — homem da CIA em Paris, foi apesar de tudo bom que tivesse vindo à TV portuguesa quase vinte anos depois. De um modo geral, disse coisas que já sabíamos. Ditas por ele, contudo, tiveram outra graça.



de FOICE

Boliquei-me...

Com o Verão na ponta final, não há S. Pontal que valha, parece, a alguma comunicação social. Esgotado no espectáculo sem surpresas de promessas e ameaças, abrilhantado (?) com gordas cantorias, o discurso, se não fora o defeso, ter-se-ia evaporado aos calores algarvios antes de chegar aos jornais, as palavras ter-se-iam sumido nas ondas hertzianas antes de poderem vibrar nas orelhas dos senhores ouvintes distraídos com outros sons mais aprazíveis - o mar dentro de um búzio podia servir -, as cores ter-se-iam apagado antes de chegarem aos olhos sonolentos dos senhores telespectadores. Chover no molhado, abanar o vento, ia dar no mesmo.

Mas faltava tema. Parece.

Ou será que não? Ou será que no espaço aparentemente vazio do pino do Verão, quando os barões, no intervalo da sessão legislativa - agora estragado com um molho de vetos presidenciais -, douram nas praias e fazem longas caminhadas nos greens do golfe, a comunicação veneranda terá dado conta que o Verão não pode ser tão vazio assim?

Usando um tom irreverente consentâneo com a quadra estival, jornais, rádios e TV's não deixaram de aproveitar a circunstância para lembrar que, enquanto o povo se refastela no ócio - uns prolongando o que sempre usufruem, a maioria tentando respirar algum descanso, muitos certamente desesperando de não encontrarem trabalho -, alguém, ao leme, vela por todos.

Quase não importa o que diz, porque o repete.

Poderia mesmo pensar-se que o orador do Pontal tencionava embalar no seu regaço uns milhões de crianças grandes, admoestando umas, ralhando com outras, apontando um dedo severo e amantíssimo a terceiras, cuidando, vigilante, de todas, para que aos que estão a crescer não falte nada e aos mais seja dado a provar mais um castigo revigorante, mandando-os para a cama sem jantar com a promessa de farta mesa ao pequeno-almoço.

Cada vez mais gente se dá conta de que a postura do orador do Pontal evoca o fantasma providencial que sobre todos vela. É o homem que destrói o chamado Estado-providência para que as gentes se não deitem à sombra dele e não apanhem defeitos de preguiça. Que outra providência senão ele próprio, promovendo e afastando, punindo e premiando. Poupanço por todos, pobres portugueses, que se mostravam dispostos mesmo a gastar balúrdios em regionalizações, se não fosse o homem do Pontal encontrar-se amarrado ao leme.

Com um homem assim, nada mais natural que seguir-lhe os passos. Mesmo na ponta final do Verão. Receber-lhe a palavra e o gesto. Divulgá-lo.

Ir mais longe ainda, que o homem merece. Estabelecer-lhe um passado à altura do mito, contar-lhe a história dos primeiros passos, uma história à nossa imagem ou à imagem daquilo que o português médio - essa figura de marketing - sonhou ter sido. Escrever-lhe uma espécie de evangelho.

Segundo o "Público", o homem do leme nasceu em Boliqueime. Não sabemos se foi numa noite fria de Inverno nem se os pais tinham ali feito paragem, à beira de uma bomba de gasolina. Mas a história ainda agora começou a ser escrita e haverá certamente outras versões. Sabe-se que já em pequeno era uma criança de sucesso. E que as moças gostavam dele. Que teve os seus atrevimentos. Que emprestava as botas aos descalços.

Versículos incompletos, estes. Falta ainda contar como o rapaz espantou os doutores, como transformou os trabalhadores em desempregados por conta própria, como distribuiu as empresas nacionalizadas por capitalistas, como libertou a terra do trabalho. Mas isso conta-se ao longo do ano. Desta feita, no Verão, o "Público" foi às raízes descobrir como era dantes, falar-nos dos amigos do homem: "A uni-los", escreve, "estão os tempos vividos na praia, em férias. Na altura em que as famílias de Boliqueime ali se deslocavam de carroça ou de burro e os namoricos eram ao natural."

Já não são.

■ LM

Nota da Comissão Política

Demagogia e eleitoralismo no discurso de Cavaco

Em conferência de imprensa, realizada na passada quarta-feira, a Comissão Política do PCP tomou posição sobre diversos aspectos da actualidade nacional. Do texto apresentado aos jornalistas salientamos os seguintes aspectos:

«No Algarve, Cavaco Silva proferiu o discurso da «retoma e do optimismo económico», segundo o qual estaria iniciado um «novo ciclo político-económico» de que a oposição ainda não se apercebeu, mas que por um feliz acaso vai coincidir, mais uma vez, com o calendário eleitoral para a Assembleia da República. Cavaco Silva prepara assim o terreno para a argumentação com que vai justificar meia dúzia de demagógicas e eleitoralistas medidas, depois de anos de significativa contenção dos salários e pensões, responsável pela queda dos rendimentos dos portugueses, e em si mesma um factor da crise económica que o País vive.

Mas Cavaco Silva procura fundamentalmente iludir, com os tímidos, parcelares e incertos sinais de uma retoma - crescer das exportações, evolução positiva do turismo e expectativas menos negativas dos empresários - a gravidade da situação económica a que a sua política conduziu o País. Procura esconder que os valores menos negativos de alguns índices económicos são de uma economia com o tecido produtivo profundamente afectado, que manteve e agravou os seus principais problemas e défices estruturais.

Problemas estruturais que acentuaram a crise e afectam agora a própria retoma, como refere o Instituto Nacional de Estatística (INE) ao sublinhar o facto de o afunilamento

do nosso comércio externo nos países da Comunidade, um dos problemas crónicos da economia portuguesa, agravado pela política cavacuísta e pela integração comunitária, ter agudizado a intensidade da crise e ser responsável agora por um processo mais lento de recuperação.

Uma economia que tem no presente momento 400 mil desempregados, que nenhum índice indica ser susceptível de redução nos próximos meses, e que também não será resolvido com a velha promessa, agora reeditada no Pontal, dos 100 mil novos postos de trabalho a médio prazo, já anunciados aquando do lançamento das chamadas Grandes Opções Estratégicas e debate do Quadro Comunitário de Apoio/Plano de Desenvolvimento Regional, e também recentemente «oferecidos» pela CIP em troca da legislação laboral e direitos sociais! Pelo contrário, toda a política do Governo e do grande patronato, em particular no respeitante às grandes unidades industriais ou de serviços do Sector Empresarial do Estado ou já privatizadas, aponta para o engrossar daquele número, com a exclusão precoce do mercado de trabalho de uma mão-de-obra qualificada e acrescentando novos encargos à Segurança Social (...).

«O PCP considera necessário condenar com a maior firmeza e indignação as afirmações de Cavaco Silva, hoje incluídas numa entre-

vista a um matutino, segundo as quais a criação das regiões administrativas custaria 2,5 mil milhões de contos anuais, o que «representa 55% do Orçamento do Estado e 20% da produção nacional portuguesa» (...).

«Na verdade, o Primeiro-Ministro, ao basear explicitamente os seus cálculos sobre os custos da regionalização nos valores das despesas públicas das Regiões Autónomas dos Açores e da Madeira, ignora ou finge ignorar que as regiões administrativas do Continente teriam uma natureza substancialmente diversa daquelas Regiões Autónomas, que são dotadas de autonomia político-administrativa.

Ignora, ou finge ignorar, concretamente que, ao contrário das Regiões Autónomas dos Açores e da Madeira, as regiões administrativas do Continente, conforme consta da Lei-Quadro aprovada por unanimidade na Assembleia da Repúbli-

ca, terão funções meramente administrativas e não disporão de órgãos de governo próprio mas apenas de Assembleias Regionais (para as quais se prevêem quatro reuniões anuais) e das quais emanarão Juntas regionais que, na esmagadora maioria das futuras regiões, não terão mais de cinco membros.

E, sobretudo, o Primeiro-Ministro escamoteia deliberadamente que as regiões administrativas do Continente, no essencial, exercerão competências e administrarão recursos financeiros e humanos hoje afectados à Administração Central, sendo inteiramente legítimo pensar que o farão com mais eficácia, racionalidade e democraticidade do que o imenso e incontrolado aparelho burocrático constituído pelas Comissões de Coordenação Regional, pelas múltiplas delegações de Ministérios e por outras extensões do poder central» (...)

Veto justificado

O PCP considera «justificados os vetos que o Presidente da República acaba de exercer ao abrigo das suas inquestionáveis competências constitucionais», afirma uma nota do gabinete de Imprensa.

O comentário sublinha ainda que «como é sabido, o PCP votou na Assembleia da República contra a aprovação destas propostas de lei e fê-lo na base de um firme desacordo com soluções que agora também terão motivado reservas e objecções do Presidente da República».

CNA quer a revisão das «leis da água»

Em consequência das movimentações e protestos dos agricultores e da CNA, o Ministério do Ambiente e Recursos Naturais (MARN) acaba de prorrogar, em seis meses, o período previsto nas novas leis da água para apresentação da declaração de captação e tipo de utilização das águas públicas ou privadas, por parte dos respectivos utilizadores e/ou proprietários.

Em comunicado distribuído, a Confederação Nacional da Agricultura considera positivas as medidas do Ministério que decidiu ainda isentar os agricultores de pagamentos de taxas de utilização durante 10 ou 15 anos.

Contudo, a CNA insiste na «necessidade de revogação ou revisão» das leis da água, «em particular da lei 46/94 que consuma uma expropriação, sem indemnização, dos direitos adquiridos por todos os proprietários e/ou utilizadores de águas privadas "que delas não exibam título" (são a esmagadora maioria no Centro e Norte) e que, nos termos da presente lei, apenas vão ficar com licença provisória por um ano».

A CNA reclama ainda a sua participação no Conselho Nacional da Água e o direito à discussão prévia de matérias desta natureza.

Barcos do Barreiro em greve até dia 22

Os trabalhadores da empresa Soflusa, ex-Via Fluvial da CP, que faz a ligação entre a Praça do Comércio e o Barreiro, iniciaram um período de greves na passada terça-feira que irá prolongar-se até à próxima segunda-feira, dia 22.

A paralisação afecta as duas primeiras horas dos turnos da manhã e da tarde, enquanto os turnos da noite paralisam no final do horário de serviço.

A greve foi convocada por quatro sindicatos do sector e deve-se ao facto da administração da empresa pretender reduzir o poder de compra dos trabalhadores tentando impor-lhes um aumento de 2,5 por cento.

Em comunicado, as organizações promotoras da greve responsabilizam a administração da Soflusa por

todos os transtornos causados aos utentes durante o período da greve.

A Federação dos Sindicatos dos Trabalhadores Ferroviários Portugueses afirma que apesar das fortes pressões exercidas pela administração, em torno dos chamados serviços mínimos, a greve está a registar forte adesão.

Na passada terça-feira, no período da manhã, das nove tripulações, sete estiveram paralisadas, só circulando dois barcos.

Entretanto, no mesmo dia, a Federação apresentou queixa à Inspeção Geral do Trabalho contra a administração da Soflusa que acusa de estar a utilizar barcos e tripulações fretados à Transtejo para fazerem carreiras, substituindo assim os trabalhadores paralisados, o que é uma violação à lei da greve.

44 mil desempregados em Setúbal

O desemprego no distrito de Setúbal mantém a tendência de subida constante, tendo atingido no final do primeiro semestre deste ano 44 663 desempregados, o que significa uma taxa de 13,8 por cento.

Segundo uma nota da União de Sindicatos de Setúbal, nem sequer já se nota «a tradicional retoma sazonal do período de Verão».

Os concelhos do sul do distrito são os mais afectados, com 17 por cento de desempregados em Sines e Santiago do Cacém e 21,9 por cento em Alcácer do Sal e Grândola.

O concelho de Setúbal regista 16 por cento, Alcochete, 15,6 por cento, Montijo 15,3 e Palmela 14,8 por cento.

Almada e Sesimbra registam as taxas mais baixas do distrito com 10,5 por cento e 8,8 por cento, respectivamente.

No entanto, afirma a União dos Sindicatos, «em números absolutos a ordem é diferente, com os valores mais altos em Setúbal 7111, Almada 6841, Seixal 6769 e Barreiro com 5265».

A União refere ainda a estrutura do desemprego «é o aspecto mais preocupante» já que 72,5 por cento dos desempregados têm mais de 25 anos de idade; 30,2% têm mais de 45 anos de idade, 55,3% são mulheres, 38,3% das quais têm mais de 25 anos. Outros dados indicam que 42,3% são desempregados há mais de um ano, dos quais 25% são mulheres.

No espaço de um ano, o desemprego cresceu no distrito mais de 16 por cento, afirma a USS que considera «ridículas as referências do Governo quanto à redução de algumas décimas percentuais em relação ao mês anterior».

